

Projetos de universidades fomentam negócios na PB

Conhecimento científico e tecnologia desenvolvida por pesquisadores contribuem para crescimento de pequenas empresas. **Página 17**

Foto: Marcus Antonius/Arquivo



Degradação do solo ameaça a vida no planeta

Recurso natural não renovável, é o solo que permite a produção de alimentos que garantem a sobrevivência e a perpetuação de todas as espécies vivas. **Página 20**

Entrevista

Esperança

Pastor Estevam Fernandes fala sobre as lições da pandemia e a fé em dias melhores. **Página 4**



Foto: Divulgação

Geral

Pessoas "invisíveis" chegam a 16% em municípios paraibanos

Em Capim, Amparo e Matinha, grande parte da população não tem registro de nascimento, segundo o IBGE. **Página 3**

Presidente do TJ faz balanço de 2021 no Judiciário da PB

O Tribunal de Justiça da Paraíba buscou a excelência dos serviços, afirmou o desembargador Saulo Benevides. **Página 15**

Paraíba

Pessoas convivendo com o HIV relatam histórias de superação

Discriminação é o maior desafio para quem tem o vírus e ainda precisa combater medos e desinformação. **Página 5**

Almanaque

Marco histórico de Bananeiras, Teatro Excelsior será reformado

Localizado no centro da cidade, teatro foi inaugurado em 1949 e tem forte valor cultural e histórico. **Página 25**

Colunas

// Ninão é visível, dá pra ver a alma que o sustenta. Ninão é sólido, rocha, poeira e volta por cima. Brisas, furacões. Imagino a gargalhada de Ninão. // **Página 10**

Kubitschek Pinheiro

// Há quem diga que é necessário um novo "Plano Real" para combater esse dragão que nos aflige nos últimos tempos, mas muita calma nessa hora. // **Página 17**

Amadeu Fonseca

// 'Boas Festas' foi uma criação de Assis (Valente), que (...) no silêncio e na solidão de sua vivenda, se lamentava por aqueles que não recebiam a visita de Papai Noel. // **Página 27**

Professor Francelino Soares

Cultura

EXCLUSIVO Escritor Fernando Morais revela, ao Jornal A União, detalhes dos bastidores da biografia do ex-presidente Lula, cujo primeiro volume acaba de sair. **Página 9**



Foto: Janete Longo/Divulgação

Esport

Fazendo história

No último dia 12, o VF4 consagrava-se campeão paraibano de futebol feminino e Guilherme Paiva consolidava seu nome como técnico. **Página 21**



Foto: Divulgação/VF4

Foto: Roberto Guedes

77
Conversa com o GOVERNADOR
NA RÁDIO TABAJARA FM 105,5
TODA SEGUNDA-FEIRA AO VIVO, ÀS 13H
facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba
Tabajara



Sabor e saúde As chamadas frutas do verão, como a melancia, são ricas em vitaminas e têm grande poder de hidratação. O ideal é inserir o consumo dessas frutas ainda na infância. **Página 7**

Editorial

Ver a cidade

As cidades brasileiras abrem espaços para circulação dos vários tipos de veículos, mas parecem restringir cada vez mais as vias destinadas aos pedestres. As calçadas, por exemplo, são na maioria das vezes mal cuidadas, e longos trechos de avenidas não têm faixas de pedestres - às vezes, nem mesmo acessos que facilitem às pessoas cruzarem as duas vias das artérias.

A cidade de João Pessoa não é diferente. Há sinalização e pistas específicas em abundância para automóveis e bicicletas, mas o pedestre não raro se vê às voltas com situações perigosas por falta de faixas e marcações que facilitem a locomoção com segurança. Há também faixas de pedestres demarcadas em locais que tornam a travessia uma aventura muito arriscada.

O aumento da quilometragem das ciclovias é um ganho para a cidadania, não há dúvida. Mas a chamada mobilidade urbana não é protagonizada apenas por carros, motos e bicicletas. O caminhante precisa receber a mesma atenção do poder público, sob pena de se ter uma inversão de valores, com as máquinas sendo mais privilegiadas do que os seres humanos.

Do mesmo modo, o cuidado com o meio ambiente não deve prescindir da preocupação com o bem-estar de homens e mulheres que usam as pernas como meios de transporte. Uma cidade com mais pessoas caminhando seguras pelas ruas é em tese mais ecológica, pacífica e solidária. O excesso de máquinas gera estresse e violência, como se vê todos os dias.

A ampliação e conservação das estruturas destinadas aos automóveis, por exemplo, consomem uma quantidade enorme de dinheiro público, que poderia ser partilhado, também, a partir de um novo ordenamento urbano, com saúde, educação, cultura, esportes etc. É possível usar mais os pés que os automóveis. Isso é bom para a saúde do corpo e dos bolsos.

Ir a pé à padaria ou ao supermercado próximo da residência facilita a sociabilidade. Pessoas não se conhecem mesmo morando há anos na mesma rua. Saem de casa ou do apartamento para dentro dos carros, e deles para o local de trabalho, para o comércio, o hospital etc. E a cidade vai minguando suas águas e árvores sem ter quem a contemple.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

Anos 80: década perdida?

O ano de 1980 se iniciava com o Brasil vivendo uma de suas mais sérias crises econômicas. A inflação em ritmo acelerado de crescimento, poder de compra dos salários diminuindo, e o nível de emprego baixando. Isso gerava uma inquietação social com repercussão na política.

Essa situação foi se agravando com o passar do tempo, fazendo com que os anos oitenta fossem considerados a "década perdida". Produção industrial em franca retração conduzia o país a experimentar uma preocupante fase de estagnação econômica, com o baixo crescimento contribuindo para a perda de emprego e renda.

Não há como negar que a década de 80 foi realmente um período perdido, no que diz respeito ao aspecto econômico e social. O crescimento do PIB caiu de sete por cento nos anos setenta para dois por cento no decênio seguinte. A inflação alcançou redução de investimentos, insolvência da dívida externa, volatilidade de mercados. A desigualdade social aumentava. O Brasil assumiu uma dívida de US\$4,2 bilhões com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que fez novas exigências de controle das contas e políticas do governo. Tivemos ainda um aumento da dívida interna brasileira, causada pela política fiscal expansionista do governo. Sintomas claros de um colapso econômico.

Dentro desse cenário caótico da economia, surgiram diversas tentativas de reformas monetárias, a exemplo dos Planos Verão, Bresser e Cruzado, não produzindo os efeitos positivos que se esperava. Diversas medidas foram utilizadas na década perdida, inclusive o congelamento de preços.

Se foi uma década perdida na econo-

mia, tivemos ganhos no aspecto político, nesse período. A ditadura militar chegou ao fim, permitindo a volta de democracia. Uma Assembleia Nacional Constituinte nos ofereceu a nova Carta Magna, qualificada por Ulysses Guimarães como "Constituição Cidadã". A sociedade brasileira se reorganizou, representada por entidades de classe e novos partidos políticos, abrindo oportunidade para livremente se manifestar nos seus protestos e reivindicações. Em 1985 iniciava-se a nova República com a eleição de um presidente civil pelo voto indireto que seria a porta de entrada para a retomada da democracia.

A década de 80, então, teve sua importância na construção de nossa história. Por isso se diz que, em períodos de crise,

Em 1985, iniciava-se a nova República com a eleição de um presidente civil pelo voto indireto, que seria a porta de entrada para a retomada da democracia //

nascem a criatividade e a capacidade de enfrentar as dificuldades. Foi exatamente isso que ocorreu nesse decênio. Enquanto éramos atingidos fortemente pela crise econômica, estabelecíamos as condições para vencer o medo, a desesperança, o desequilíbrio entre produção e consumo. Estávamos reaprendendo a viver numa democracia, apesar dos que insistem em combatê-la. Pelo menos no campo cívico o país teve um grande avanço nos anos oitenta.

Será que estamos iniciando uma nova década perdida? Estamos enfrentando o desafio de recuperar o padrão de vida da população, principalmente os mais desprovidos de políticas públicas de inclusão social. Precisamos aumentar o nível de produtividade nacional, e assim elevar o PIB, melhorar a qualidade do sistema educacional e simplificar o sistema tributário. A eleição do próximo ano será decisiva quanto a essas expectativas.

Artigo

Diego Freire

CEO da Huggy | Colaboração

Metaverso e a nova realidade virtual

Após a empresa Facebook anunciar que mudou o nome para Meta, uma alusão ao metaverso, o termo passou a ser pesquisado por muitos brasileiros. A palavra não é uma criação particular de uma das redes sociais mais usadas no mundo, ela representa um novo ecossistema ligado ao universo virtual.

O fato é que o Metaverso é um tema bastante discutido há algum tempo na ficção científica e tem como objetivo trazer essa nova geração da internet, ideia que agradou o criador do Facebook. A partir disso, ele acreditou nesse novo conceito de um ambiente virtual capaz de estar cada vez mais próximo da realidade, fazendo com que as pessoas consigam estar presentes umas com as outras dentro de um espaço digital.

Entre as qualidades que o definem é a sensação de estar realmente com uma pessoa ou em um local, mesmo que isso não seja o que de fato está acontecendo na realidade, facilitando o convívio e contato com o mundo, que durante essa pandemia percebemos ser essencial para a vida humana.

Com a acessibilidade por meio de qualquer dispositivo e aplicativo, os usuários irão utilizar o Metaverso para qualquer coisa, desde jogar até trabalhar. Inclusive, será possível ter vários metaversos. É capaz do Facebook se tornar o mundo dos metaversos e os outros se tornem cidades e até estados. Na prática, será possível utilizar a internet normalmente como já vem acontecendo, mas poderão fazer alguns acréscimos, que se achava impossível até então, como por exemplo utilizar avatares para realizar

reuniões e outras atividades mais formais, que serão fundamentais para essa tecnologia atual e transformadora.

E inclusive, essa será uma das maiores tendências para 2022, em relação ao Metaverso, o contexto de estar cada vez mais presente no dia a dia, a chegada de moedas digitais, que já estão sendo incluídas há alguns anos na nossa economia e que se encontra nos padrões dessa atualização, as transações digitais, entre outras mudanças.

Pode parecer algo fora do comum, mas o poder de transformação que esse ideal vem gerando fará com que esses avatares, que serão nossas representações virtuais, terão tanta força com

do nosso cotidiano, que iremos investir nele da mesma forma que investimentos em nós. Ou seja, assim como compramos roupas para vestirmos, teremos vontade de comprar para o nosso avatar.

Por fim, é importante ressaltar que o Metaverso não será uma novidade que

irá chegar de forma avassaladora e transformar tudo de uma vez, até mesmo, porque já vivemos de certa forma em um, considerando que muitos de nós já adentramos nessa tecnologia, por meio das redes sociais, aplicativos de conversas e outros, transferências bancárias e pagamentos pelo celular, entre outros serviços disponibilizados pela tecnologia.

O objetivo é fazer com que o mundo virtual complete ao máximo o mundo real, para que todas nossas atividades sejam facilitadas, conseguindo realizá-las em minutos e em um único lugar. Esse é o futuro e essa é uma das tendências de mercado para 2022.

O fato é que o Metaverso é um tema bastante discutido há algum tempo na ficção científica //

Fotolegenda

Foto do leitor: Deyvison Lopes



Ponto de memórias

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSARui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TVAndré Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferrelira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

População sem registro vive como invisível e perde acesso a direitos

Cerca de 1% dos paraibanos nascidos em 2019 não possui certidão, percentual abaixo da média nacional e do NE

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

O cadastro junto ao Governo Federal para acessar o auxílio emergencial durante a pandemia expôs um problema antigo do país. Uma parte significativa das pessoas que realmente precisam do programa social ficou de fora por não ter o básico: certidão de nascimento. Segundo dados mais recentes do IBGE, em 2019, dos 57.621 nascidos vivos na Paraíba, estima-se que 1,02% não foram registrados. A estatística paraibana está abaixo da média brasileira de 2,11% em 2,8 milhões de nascidos e da nordestina, 2,50% em 814 mil nascidos.

Sem registro de nascimento, o cidadão se vê privado dos serviços públicos mais basilares, além dos próprios direitos. O número estimado na pesquisa do IBGE pode não refletir a realidade, tendo em vista a defasagem. O não registro civil dos nascidos vivos desembocam em uma outra problemática, que é o alto número de pessoas adultas e até idosas sem qualquer documento oficial.

A defensora pública da Paraíba Naiara Antunes De-

la-Bianca comenta que o número de pessoas sem registro na Paraíba é menor que a média nacional, porém, existem “bolsões”, regiões em que o percentual de não registrados supera os índices nacionais.

“De acordo com a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano, mesmo com baixo índice na região, existem áreas com altos números de sub-registro, como os municípios de Capim, onde 16,5% das pessoas não são registradas; Amparo, com 12,6% de sub-registro; e Matinha com 12% nessa condição. Embora a gente veja que a Paraíba em si está abaixo da média nacional, há regiões que ultrapassam bastante esse número”, explicou a defensora.

Ainda de acordo com Naiara Antunes Dela-Bianca, um conjunto de situações converge para que pessoas, em pleno século XXI, ainda não sejam registradas. Entre os principais estão o desconhecimento da gratuidade do registro (emitido sem custos para população desde 1997); o gasto de deslocamento para os cartórios, às vezes distante do local de nascimento; a inexistência de unidades interligadas de cartório em todas as



Foto: Agência Brasil

Ações itinerantes de cartórios que vão diretamente às comunidades, por exemplo, são importantes para reduzir o problema

maternidades; e pais que não têm documentação pessoal e por conseguinte não podem registrar seus filhos.

Para mitigar o problema, a Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE), tem trabalhado numa busca ativa para contemplar a parcela da população com o registro

tardio. Um dos casos é o do agricultor José Ferreira de Lima, morador da cidade de Caiçara, no Sertão. Após 60 anos vivendo sem qualquer documento, por meio de uma iniciativa da DPE em um processo que durou quase cinco anos, o agricultor passou a ter registro de nascimento.

Morando de favor na casa da mãe de uma ex-companheira (falecida), com dificuldades na fala e vivendo apenas de doações e bicos que faz como agricultor, a documentação será importante, sobretudo, para que ele possa dar entrada em benefícios sociais. Dona Josefa Francis-

ca da Silva, que acolheu o agricultor em casa e o levou à Defensoria para buscar a documentação há cinco anos, afirma que agora está mais aliviada.

“Eu tinha muita preocupação com ele, porque ele não tem nada, nem ninguém. E aqui a gente vive com muito pouco. Depois que minha filha morreu, ele ficou por aqui mesmo, num quartinho atrás da minha casa, mas a situação é muito difícil. Não fosse a doação de alimentos que ele recebe da igreja, não sei como seria”, disse a aposentada de 70 anos. Com o novo documento, José Ferreira de Lima ganhou uma data de nascimento, 1º de janeiro de 1959.

Defensoria Pública do Estado da Paraíba tem trabalhado numa busca ativa para contemplar a parcela da população com o registro tardio

+ Ações dos poderes públicos reduzem as estatísticas de sub-registros

A defensora Naiara Antunes Dela-Bianca explica que ações dos poderes públicos são fundamentais para reduzir ainda mais a estatística de sub-registros. “É importante que tenham propagandas por parte dos órgãos, que tenham busca ativa também do poder público de quem pode ser instruído sobre isso. Estratégias com serviços itinerantes também são importantes, cartórios que vão a co-

munidade, para que não apenas os indivíduos que se dirijam aos cartórios. Ações voltadas para comunidades indígenas, ciganas, ribeirinhas, quilombolas, assim como para pessoas em situação de rua e trabalhadores rurais”, explicou.

A Secretaria de Desenvolvimento Humano da Paraíba (SEDH) tem atuado para reduzir, principalmente, os índices de sub-registro entre os nascidos no

Estado. Mônica Ervolino, gerente executiva de Direitos Humanos da SEDH, explica que o órgão tem implementado por meio do Comitê Gestor Estadual de Erradicação do Sub-Registro Civil de Nascimento e Ampliação do Acesso à Documentação Básica a fiscalização permanente no registro de nascidos nas próprias maternidades.

“Esse comitê foi criado via decreto desde 2009. Atual-

mente temos um grupo de trabalho permanente que atua na implantação das unidades interligadas, que são exatamente a principal estratégia para combater o sub-registro, que é para garantir que as mães ao saírem da maternidade, saiam com seus filhos registrados. Essas unidades interligadas são postos fixos dentro das unidades para que os cartórios façam os registros”, explicou.

Ainda de acordo com Mônica Ervolino, um levantamento junto com a Corregedoria do Estado está sendo feito para identificar quais maternidades devem contar o serviço no Estado. O município de Itabaiana foi o primeiro a receber o posto em sua maternidade. Os postos das unidades interligadas devem ser mantidas somente em maternidades com média de 300 nascimentos ao mês.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

O FATO POLÍTICO DESTA PRÓXIMA SEMANA PODERÁ SER O ENCONTRO ENTRE JOÃO AZEVÊDO E VENEZIANO

A semana terminou com movimentos da oposição em relação a tratativas para as eleições do próximo ano, com destaque para o retorno do ex-prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo, ao PT – ele deixou a presidência do pequeno PV para tentar viabilizar uma candidatura ou na majoritária ou na proporcional. Mas são os dias desta próxima semana que têm gerado expectativas na área política, por conta da possibilidade de ocorrer encontro entre o governador João Azevêdo (Cidadania) e o senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB), quando ambos irão tentar afinar o discurso no que tange à sucessão estadual – em tempo recente, até por motivos de agenda política, houve distanciamento entre eles, o que gerou especulações sobre possível rompimento. Essa hipótese, porém, não seria nada salutar para o MDB, que ficaria rachado – é que o vice-presidente do partido, Roberto Paulino, e o deputado Raniery Paulino já anunciaram que ficam ao lado do governador. O governador e o senador, após sete meses, voltaram a conversar por telefone, na segunda-feira passada, em Brasília, mas não puderam, também por questão de agenda, se encontrar. “Tive conversa rápida com o governador, mas não houve condições para que nós nos encontrássemos. Espero que, proximamente, possamos ter esse encontro”, disse Veneziano.

Foto: Agência Senado



“PARTIDO DE DIVERGÊNCIAS”

Luciano Cartaxo sabe que parte considerável do PT da Paraíba rechaça o seu nome como candidato do partido a governador – o grupo ligado ao deputado federal Frei Anastácio e ao deputado estadual Anísio Maia defende o apoio do partido à reeleição do governador João Azevêdo. “Eu conheço bem o PT. É um partido de divergências, mas vamos fazer o debate interno”, disse.

POR MAIORIA SIMPLES

“Consultei juristas sobre isso, para fazer uma interpretação. Não recebi a resposta ainda de forma oficial, mas já estou sabendo que é por maioria simples”. Do presidente da ALPB, Adriano Galdino (PSB), reportando-se ao quórum para votação das contas do ex-governador Ricardo Coutinho, referente a 2017. O TCE reprovou as contas, mas a ALPB tem o poder de aprová-las.

NA PRÓXIMA QUARTA-FEIRA

O quórum por maioria simples significa que para a aprovação ou reprovação das contas é preciso ter um total de votos maior que a metade dos votos dos deputados presentes em plenário. Ou seja: 50% mais um voto. Já na próxima quarta-feira, o TCE julgará as contas da gestão do ex-governador Ricardo Coutinho referente ao exercício de 2018.

O ANTÍPODA DO BOLSONARISMO

O ministro Edson Fachin foi eleito o próximo presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mas não estará no comando da corte durante as eleições do próximo ano. Ele assumirá em 28 de fevereiro e ficará no cargo até agosto, período em que se encerra a sua passagem de dois anos como ministro do TSE. Alexandre de Moraes, antípoda do Bolsonarismo, é que comandará o TSE nas eleições.

COLETIVA DE IMPRENSA

Outro fator relevante no âmbito da política paraibana é a coletiva de imprensa, nesta próxima segunda-feira, que o PSDB agendou para anunciar a pré-candidatura a governador do deputado federal Pedro Cunha Lima. É o chamado Plano B do grupo que, antes, havia empenhado apoio a Romero Rodrigues. A propósito, o ex-prefeito de Campina Grande não confirmou presença no evento.

EFRAIM E AGUINALDO PRECISAM SE VIABILIZAR, AFIRMA GALDINO

Adriano Galdino voltou a dizer que apoia Efraim Filho à vaga de candidato a senador na chapa majoritária. Porém, reconhece que o PP “tem força política para pleitear a vaga”, enfatizando que “Efraim e Aguinaldo Ribeiro precisam procurar seus eleitores para viabilizar suas candidaturas, independentemente de Cícero Lucena e do governador”.

Estevam Fernandes,
Pastor da Primeira Igreja Batista de João Pessoa

“Conjugação do medo e do luto maltrataram nossas emoções”

Para líder religioso, a pandemia é um período desafiador porque está envolta em um clima de incerteza, insegurança e, principalmente, de muitas perdas de pessoas próximas



Foto: Divulgação

“Mesmo diante de um cenário sombrio e, por vezes apavorante, não me permiti ser vencido pelo trágico, decidi que não me ausentaria da vida nem do cotidiano, daí parti para as lutas”

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

À frente da Primeira Igreja Batista de João Pessoa há 41 anos, o pastor Estevam Fernandes é hoje um dos maiores

líderes religiosos da Paraíba. Postura e competência que o permitem transitar pelos mais diversos setores da sociedade, sempre oferecendo uma palavra de esperança. Mas, quando necessário, também sabe ser rí-

gido, seja no púlpito, durante as pregações, ou nos atendimentos individuais. Pastor Estevam, como é chamado, além de um homem de fé é um entusiasta do conhecimento, e o vasto currículo é prova disso. É ba-

charel em Filosofia, graduado em Psicologia e Administração, mestre e doutor em Sociologia. Durante a pandemia, enquanto muitos criticavam o fechamento dos templos, como medida de prevenção à Covid-19, o pas-

tor daquela que é considerada a mãe de todas as Igrejas Batistas do Estado, manteve-se firme e, por vezes, apelou aos fiéis por ‘bom senso’. “Milhares de brasileiros estão morrendo”, lamentou em um vídeo divulgado

em rede social. A reportagem de **A União** conversou com o pastor, que falou sobre a tensão dos momentos mais críticos da pandemia, o aprendizado deixado por esse período e a esperança em dias melhores.

A entrevista

A pandemia foi um baque na vida de toda a humanidade. Doença, mortes, incertezas, medos. Quais os desafios pessoais que o senhor enfrentou durante esse período?

Não apenas para mim, mas creio que para todos, o período da pandemia foi muito desafiador, especialmente porque foi envolto num clima de medo, incerteza, insegurança e, principalmente, muitas perdas, desde as que envolviam o nosso cotidiano por conta do necessário isolamento social, como pela perda de muitas pessoas que viviam perto de nós. Essa conjugação do medo e do luto fizeram muito mal às nossas emoções e marcaram fortemente. Todavia, mesmo diante de um cenário sombrio e por vezes apavorante, não me permiti ser vencido pelo trágico, decidi que não me ausentaria da vida nem do cotidiano, daí parti para as lutas. Todos os dias, ligava para dezenas de pessoas injetando nelas mensagens de vida, consolo e esperança. Tornei-me um enfermeiro espiritual, um pastor de verdade. Protegi minha alma e o meu corpo de forma consciente e responsável e comecei a ressignificar minhas rotinas e projetos de vida.

Como foi o apoio oferecido pela Igreja às pessoas que procuravam ajuda?

O púlpito se tornou um pronto socorro espiritual para curar almas feridas e vidas apavoradas pelo medo da morte e do caos. Comecei a celebrar cultos on-line para aumentar o poder de ajuda e de interação com as pessoas, inclusive por todo o Brasil e vários países ao redor do mundo. Foi uma bênção! Nosso canal oficial no You Tube alcançou, à época, mais de 100 mil assinantes e hoje ultrapassa os 200 mil. Realizei inúmeras lives, gravei muitos vídeos de esperança e coloquei a minha vida e voz a serviço de Deus. Atendi ao desejo cada vez mais intenso de ajudar pessoas e se reencon-

trarem com os sonhos, a alegria e sobretudo com a esperança e a paz interior, bens esses que nós somente encontramos de verdade em Deus.

Qual foi o momento mais difícil desse cenário?

Na minha percepção, dois momentos durante a pandemia foram muito difíceis, ambos ocorreram no transcorrer de 2020, período em que a Covid-19 se espalhava pelo Brasil e pelo mundo, infectando milhares de pessoas, dizimando outras tantas, e pouco se sabia de como conter a velocidade e a letalidade do vírus. Todos sofremos muito, tanto médicos quanto a população em geral. Havia uma dor de forma globalizada. Primeiro momento: a comoção social diante da letalidade do vírus e dos avanços progressivos da Covid-19. A medicina, diante de um vírus tão letal e ainda sem os procedimentos científicos eficientes para contê-lo, fazia o que estava ao seu alcance. Hospitais se tornaram espaços de dor, desespero e luto. A grande mídia despertando o pânico na população, mostrando cemitérios superlotados, covas sendo abertas em série, e parentes chorando seus mortos enterrados sem qualquer cerimônia digna. A comunidade evangélica perdeu muitos irmãos preciosos, incluindo o pastor Kerlly Carneiro, cuja morte provocou uma profunda dor no coração e na alma. Ainda estamos de luto por sua perda, e também pela partida de dezenas de outros pastores e líderes de nossas igrejas.

E qual foi o segundo momento mais desafiador?

Como o avanço da pandemia, os templos precisaram ser fechados e as atividades presenciais das igrejas foram suspensas, impondo-se restrições de frequência que ainda hoje têm suas sequelas. Claro que o momento exigia a medida restritiva. Precisávamos ser solidários com as políticas sanitárias para tentar

conter o vírus e o processo de contaminação. Todavia, após mais de quatro décadas celebrando cultos aos domingos, foi doloroso conviver com aquela situação, ainda que necessária. Infelizmente, por falta de condições de sobrevivência, algumas igrejas encerraram suas atividades e muitos pastores entraram em depressão e quase desesperado. Essas dificuldades inesperadas e imperiosas também foram experimentadas por párocos católicos que precisaram fechar seus templos e serviços rotineiros. Todos sofremos. Foi um momento realmente muito difícil, que ficará por um bom tempo em nossa memória religiosa coletiva.

Como foi o recomeço das atividades da Igreja?

Durante o período da pandemia da Covid-19, especialmente ao longo de 2020, distribuímos toneladas de alimentos e milhares de cestas básicas para pessoas desempregadas e famílias carentes. Toda igreja se mobilizou nesse sentido. Essa é a nossa grande vocação de serviço: ajudar aos que precisam mais. Dentro do chamado ‘novo normal’, estamos voltando, aos poucos, às principais atividades presenciais. São oito celebrações de cultos dominicais e os especiais para jovens e adolescentes nos outros dias da semana, com responsabilidade quanto à segurança dos fiéis, observando os protocolos sanitários. Os cultos de Natal e Ano Novo ao ar livre, que acontecem há mais de vinte anos, no Centro da cidade, não aconteceram em 2020, nem acontecerão nesse ano. Entendemos nossa responsabilidade social e institucional. Queremos ser parceiros da Prefeitura da capital, evitando aglomerações. Respeitamos a consciência coletiva, que clama por cuidados e atitudes de precaução. Somos uma igreja cidadã e estamos juntos com a cidade na esperança e na construção de um novo tempo. Que ele não demore tanto.

Como o senhor avalia o nosso momento político?

Faz tempo que não assisto a um momento tão estranho e difícil na vida política do nosso país. Tempos de muita incerteza. Estamos mergulhados numa terrível onda de perplexidades. O Brasil continua polarizado entre direita e esquerda, entre duas lideranças políticas muito fortes, Lula e Bolsonaro, sem muitos espaços para uma terceira via, seja ideológica ou personificada em alguma outra liderança emergente. Vivemos um impasse e corremos o risco de retrocessos que poderão ocorrer em graus diferentes de intolerância, radicalismos e, até mesmo, de possíveis perseguições. Vejo tudo muito sombrio e isso gera em mim uma grande incerteza quanto ao nosso futuro político. Na condição de brasileiro adulto, com 66 anos, gostaria muito de ver nosso povo sorrindo outra vez, vivendo dias melhores, sonhando com um novo amanhã, sem medos e sem amarras políticas e, principalmente, sem ter que deixar sua terra para sobreviver noutros lugares.

Quais as principais dificuldades que o Brasil tem enfrentado diante da situação política atual?

Estamos lidando com a inflação em alta, desemprego alarmante, insegurança nas ruas e, ainda por cima, abortos com um Supremo que me parece mais alinhado com a impunidade do que com a justiça, haja visto as últimas decisões que nos deixam estupefatos diante da possibilidade real de ver algumas figuras corruptas conquistarem a liberdade numa triste comprovação da máxima popular que acaba manchando a reputação do nosso honrado sistema Judiciário: ‘No Brasil, a polícia prende e a justiça solta’. Tenho a impressão de que, ano que vem, com eleições às portas, vivemos sob tensões, acusações e agressões de uma ordem tal que

poderão desfigurar nossa ainda frágil democracia, cuja coluna mestra se fundamenta nas liberdades de escolha e de expressão. Tenho medo de um momento político onde a intolerância seja uma das bandeiras principais. Contudo, mesmo sob a nuvem do medo e da incerteza, tenho esperança em um país melhor, uma sociedade mais justa, uma terra que abrace seus jovens e lhes dê oportunidades de emprego e realizações; um país sem fome e sem desempregados, onde cada cidadão se sinta feliz e orgulhoso por viver aqui.

Que lições a pandemia deixou?

A pandemia tem ensinado muitas lições. É um aprendizado coletivo, despertando um senso urgente de solidariedade e generosidade social. As pessoas se juntaram em torno de uma linda questão: o que juntos poderemos fazer nesse momento tão dramático? Todavia, uma das principais foi no âmbito da individualidade. Aprendemos que a vida é extremamente frágil para que vivamos apegados a valores não duradouros. O apóstolo Tiago, irmão do Senhor Jesus, alertou: ‘A vida é como um vapor que de manhã aparece, e à tardinha vai embora’. Aprendemos lições de superação, resiliência e esperança, a abrir novas janelas para nossa sobrevivência. Vivemos o luto e as lágrimas pela perda de pessoas a quem queríamos bem. Nos reinventamos para dar continuidade à vida. No período mais tenso, no quase total isolamento social, nos tornamos mais humanos, sensíveis e necessitados de Deus e de melhores estruturas espirituais de apoio, como fé, amor e humildade. Nesse sentido, a pandemia curou males silenciosos e descontaminou a alma de sentimentos tóxicos e destruidores. Não somente as mãos foram higienizadas, mas a alma também.

Qual a sua mensagem de Natal e Ano Novo?

Esse será um Natal ainda diferente nas formas de suas celebrações tradicionais. Mesmo assim, deverá ter as marcas da alegria e da esperança. Penso que as famílias serão as mais beneficiadas nesse período com algumas restrições. Poderemos ter o resgate do verdadeiro Natal, uma festa da família, como foi originalmente com a Sagrada Família: José, Maria e Jesus, naquela manjedoura, em Belém. Espero que as pessoas celebrem juntas o Natal de Jesus. Que haja paz e harmonia nos lares paraibanos e que todos enfeitemos nossas casas com as cores do perdão, da alegria, da paz, da esperança, e, essencialmente, que não falte Jesus Cristo em nossos lares. Ele é o dono da festa, é o maior presente de Deus para nós. Sem Ele, pode haver tudo, mas não será Natal. Tenho muitas expectativas boas para o Ano Novo. Acredito que nos livraremos definitivamente do fantasma do Covid-19 e mergulharemos em um novo tempo, sem máscaras no rosto - e na alma também. Reconstruiremos nossas rotinas dentro do ‘novo normal’, onde a vida irá fluir como um rio. As águas turvas do medo e da depressão darão lugar à calma que virá com a brisa da paz e, com a bênção de Deus, todos voltaremos a sorrir outra vez. Sou movido a esperança, porque acredito que ela é o combustível da nossa vida.

O que podemos fazer para tornar 2022 um ano melhor?

Quero propor cinco olhares que poderão fazer toda a diferença para a chegada e a experiência de 2022. O primeiro seria olhar para trás com gratidão; O segundo, olhar para os lados com amor; O terceiro, olhar para cima com louvor; O quarto, olhar para dentro de si com reflexão; E o quinto, olhar para a frente com esperança. Para todos, desejo de coração um abençoado e alegre Natal e um esperançoso e feliz 2022.



“A doença é o preconceito. O preconceito que mata”

Maria de Fátima foi diagnosticada com HIV e Aids há 14 anos; ela enfrentou medos e tabus e hoje é exemplo de luta pela vida

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

“A doença é o preconceito. O preconceito que mata”, afirmou Maria de Fátima Rodrigues. Há 14 anos convivendo com o diagnóstico clínico da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), a paraibana de 46 anos passou por muitos desafios desde quando descobriu que era HIV positivo. Natural de Uiraúna, Maria de Fátima faz parte das mais de 79 milhões de pessoas diagnosticadas com a síndrome em todo o mundo. Em 2021, a Paraíba contabilizou, até o mês de outubro, 494 casos de HIV positivo e 166 casos de Aids, de acordo com dados da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba (SES-PB).

Maria de Fátima conta que até hoje não sabe como foi infectada com o HIV, o vírus da imunodeficiência humana, mas a descoberta envolveu uma série de situações complicadas. A primeira indicação de fazer o teste de anticorpos HIV veio durante o pré-natal de sua gravidez há cerca de 13 anos, mas ela se negou. “Eu fiquei em choque, não aceitei e me recusei a fazer o exame”, comentou. Os meses se seguiram e após o parto normal para o nascimento da criança, a justiça a considerou como irresponsável e que não poderia criar o filho, porque estava arriscando a vida daquela criança.

“Eu fiz o exame depois para fazer todo o tratamento e também para ter ele de volta, foi quando deu positivo não só para a presença do HIV, mas para o diagnóstico da Aids”, disse Rodrigues.

A notícia do HIV positivo mudou sua vida por completo, principalmente em razão dos impactos psicológicos do diagnóstico. “Como eu me recusei a fazer o exame da primeira vez e não fiz tratamento, quando descobri que tinha HIV já tinha desenvolvido a Aids”, observou. No primeiro momento, a sensação foi de que seu destino já estava traçado. “Eu fiquei louca, em estado de choque, porque eu pensava que já ia morrer, que estava condenada à morte”, lembrou Maria de Fátima.

Dentre as principais mudanças no dia a dia, Maria de Fátima destaca que apareceram alguns problemas de saúde, como a perda dos dentes e dificuldades na visão, além de também sentir que perdeu parte de sua agilidade. Acostumada a trabalhar com serviços gerais e cozinha, ela comenta que não tem mais a mesma habilidade de antes. Contudo, reconhece que se não fosse o esquema de medicamentos antirretrovirais, era bem possível que não estivesse mais viva.

A relação com a morte, porém, nem sempre esteve relacionada de fato à Aids e sim aos preconceitos que enfrentou. Maria de Fátima passou por períodos de depressão e também

por algumas tentativas de suicídio. “Meus filhos sempre chegavam na hora e evitavam esse acontecimento, mas não é fácil, não. E é mais difícil por causa da discriminação, é mais por causa disso”, falou.

Uma situação de discriminação que a marcou muito, ainda em sua cidade natal, no Alto Sertão paraibano. Enquanto fazia salgados para vender e garantir renda para criar seus sete filhos sozinha, Maria de Fátima foi vítima do preconceito. “Um dia uma pessoa falou assim: Olha, não compra salgado dela não, porque ela tem Aids. Ali se fechou uma porta. Fiquei internada de novo, eu quase morri por causa disso, é muita triste a situação e dói, dói muito”, lembrou, emocionada.

Hoje, Maria de Fátima encontrou na Casa de Convivência João Paulo II, em João Pessoa, apoio para seguir seu tratamento (local onde dormir e comer, por exemplo) e suporte emocional. “Aqui eles não me enxergam como diferente, mas sim como igual”, disse.

Os medos que permeiam o diagnóstico da Aids e as pessoas ao redor de um HIV positivo estão muito relacionados aos preconceitos e tabus que envolvem a síndrome. Por conta disso, este mês é marcado pela campanha do Dezembro Vermelho para contribuir na conscientização acerca do HIV, da Aids e de outras infecções sexualmente transmissíveis (IST).

Fotos: Arquivo Pessoal



Maria de Fátima: “Não é fácil, não. E é mais difícil por causa da discriminação, é mais por causa disso”

+ Informação para desfazer os mitos e se livrar do “vírus da ignorância”

O médico infectologista e diretor do Complexo Hospitalar Clementino Fraga (referência no Estado no tratamento do HIV), Fernando Chagas, detalha a diferença entre o vírus e a síndrome. “A Aids é uma doença provocada pelo HIV, que é o vírus da imunodeficiência humana, então a Aids é a síndrome da imunodeficiência adquirida, quando o vírus já destruiu a nossa defesa, a nossa imunidade, fazendo com que a pessoa fique exposta a qualquer microrganismo”, explicou.

Chagas pontua, no entanto, que nem todo mundo que é HIV positivo desenvolve a Aids. “Geralmente isso está muito relacionado ao período do diagnóstico. O diagnóstico precoce faz com que rapidamente possamos iniciar

o tratamento e a pessoa nunca desenvolverá a Aids”, observou o diretor.

A infecção e transmissão do vírus pode acontecer através das relações sexuais desprotegidas e também com acidentes envolvendo objetos perfurocortantes ou agulhas, por exemplo. “Antigamente existia a transfusão de sangue como um meio de transmissão, hoje os locais que fazem transfusão, eles testam antes”, recordou Fernando Chagas. Em relação à prevenção, a principal ferramenta é o uso de preservativos. Além disso, há também o PEP e o PrEP.

PEP é a sigla para Profilaxia Pós-Exposição, usado em casos de exposição ao vírus. “Quando a pessoa tem uma relação sexual

desprotegida ou se acidenta com uma agulha de uma pessoa desconhecida, por exemplo, ela tem 72 horas para poder vir ao Hospital Clementino Fraga e iniciar a medicação, que são os mesmos medicamentos que a gente usa no combate ao HIV. E ele vai usar isso por 28 dias e não vai pegar o HIV”, exemplificou Chagas.

Já o chamado PrEP significa Profilaxia Pré-Exposição e é indicado para as chamadas populações-chaves, como “homens que fazem sexo com homens, profissionais do sexo, transexuais, travestis ou a pessoa que vive com outra pessoa com HIV”, listou Fernando. A medicação é disponibilizada gratuitamente e essas pessoas não sofrem o risco de se infectar com o vírus. Con-

tudo, é importante ressaltar que o PrEP não deve substituir o uso de preservativos. “Esse programa de liberação de medicamentos não é carta branca para pessoa deixar de usar a camisinha. Ele é um instrumento de proteção combinada”, alertou.

Quanto aos mitos, Fernando reitera que o HIV não é transmitido por saliva e nem por lágrimas, por exemplo. “O vírus não está na boca, nunca vai estar na saliva, nem na lágrima, até porque existem enzimas na lágrima e na boca que destroem o vírus”, afirmou. Abraços, beijos, transmissão por mosquitos, nada disso é responsável por transmitir o vírus. “Outro mito é que o vírus só é transmitido para homossexuais ou por homossexuais. Também é outro absurdo.

Os maiores transmissores hoje do HIV são os heterossexuais. Então, a gente não pode associar o vírus à sexualidade”, argumentou.

Na Paraíba, além do Hospital Clementino Fraga, existem centros de Serviço de Assistência Especializada em HIV e Aids (SAE) em João Pessoa, Bayeux, Santa Rita e Cabedelo. Algumas cidades fora da Região Metropolitana da capital também possuem o serviço, como Sousa, Patos e Campina Grande. No Estado também há casas de apoio às pessoas que vivem com HIV e com a Aids, a exemplo da Casa de Convivência João Paulo II, na capital e gerida pela Ação Social Arquidiocesana (ASA) – local onde Maria de Fátima encontrou cuidado e acolhimento quando mais precisou.



Mãe de sete filhos, Maria de Fátima encontrou apoio para seguir o tratamento e suporte emocional para prosseguir a vida

SERVIÇO

■ Filmes e série que abordam o HIV e a Aids:

- Clube de Compras Dallas (2013)
- Pose (2018, Netflix)
- Boa Sorte (2014, Globoplay e Netflix)
- It's a Sin (2021, HBO Max)
- Cazuza: O Tempo Não Para (2004, Star Plus e Globoplay)

■ Termos para substituir no vocabulário:

(fonte: UNAIDS)

- Portador/portadora de Aids – Pessoa vivendo/convivendo com HIV
- Aidético – Pessoa vivendo com HIV, pessoa soropositiva, HIV positiva ou positiva
- Coquetel (em alusão aos medicamentos) – Use antirretroviral (ou medicamento antirretroviral)
- Vírus da Aids – HIV
- Teste de Aids – Teste de HIV ou teste de anticorpos HIV
- Risco de Aids – Risco de infecção pelo HIV
- Infectado/contaminado com HIV – Pessoa vivendo/convivendo com HIV

Assentamento Emiliano Zapata, em Sousa, foi uma das propriedades inseridas pelo Incra no programa de Reforma Agrária na Paraíba

Entidades de agricultores rurais e Incra estão em lados opostos

Enquanto MST e CPT afirmam que a reforma agrária foi extinta, órgão do Governo Federal assegura que programa não parou

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

“A reforma agrária no Governo Bolsonaro foi simplesmente extinta. O Incra passou a ser apenas um órgão de regularização fundiária, que não tem mais recursos nem investimentos para desapropriações de terras para esta finalidade”. A afirmação em tom de desabafo é de Dilei Aparecida Schiochet, coordenadora Estadual do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na Paraíba (MST-PB). Enquanto isso, o superintendente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária na Paraíba (Incra-PB), Kleyber Oliveira da Nóbrega, garante que o processo continua a pleno vapor e que o Governo Federal está “arrumando a casa” realizando, entre outras ações, a emissão de títulos aos agricultores que aguardam o documento definitivo de propriedade dos imóveis.

Segundo Kleiber, somente este ano foram emitidos mais de sete mil títulos provisórios e definitivos de

///No atual Governo Federal houve um retrocesso na questão da reforma agrária, porque todas as políticas são voltadas para o agronegócio. E para o Governo, todo agricultor tem de ter um ‘agronegocinho’, o que é inviável, porque todos os recursos vão para a grande propriedade ///

assentamentos, bem como títulos de regularização fundiária entregues graças ao convênio firmado com a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) e o Governo do Estado.

A estimativa é de que, no próximo ano, esse número chegue a 10 mil. “Independentemente de questões políticas, o Governo Federal está fazendo o papel dele”, frisou o superintendente, acrescentando que era necessário suspender as desapropriações de terras, uma vez que a atual gestão federal está pagando os passivos dos presidentes anteriores.

“Tínhamos alguns processos de desapropriação, mas o Governo suspendeu porque está levantando a situação de cada um, e também pagando a conta do que tinha sido feito em anos atrás. De 2020 a 2021, só para se ter noção, foram pagos R\$ 6 bilhões de desapropriações de governos anteriores que não foram pagas no país”, garantiu.

Somente após quitar tudo o que

se está pendente, o superintendente do Incra-PB frisou que o Governo Federal pensará em fazer novas desapropriações, com a ressalva de que precisa-se ter novas demandas. “Porque não basta apenas os movimentos sociais dizerem que têm de fazer desapropriações. Temos de fazer tudo com responsabilidade, porque trata-se do dinheiro dos impostos da população, e temos de dar satisfação à sociedade”.

O assunto da Reforma Agrária tem gerado várias discussões. E, dependendo do ângulo que se olhe, há sempre justificativas e argumentos que impactam os dois lados. A coordenadora do MST-PB, Dilei Aparecida, destacou que no lugar da reforma agrária foi criado o programa Titula Brasil. “Esse programa tem apenas um objetivo, regularizar os assentamentos que têm acima de 15 anos, repassar um título definitivo com a finalidade de colocar essas terras à disposição do mercado. O que é mais grave. Quando deixa de ser uma terra pública, os assentados passam a ser pequenos agricultores, e ao investirem devem dar a própria terra como contrapartida ao banco. Então, está tendo um retrocesso”, ressaltou Dilei Aparecida.

Segundo ela, essa lógica é perversa porque se as famílias não tiverem condições de bancar o crédito investido, perdem os imóveis. Entre as outras perdas citadas com o novo sistema implantado com o Governo Federal, ainda há prejuízos com relação à obtenção de créditos para investir no campo. De acordo com Dilei, os agricultores assentados contavam com um crédito especial chamado Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar (Pronaf-A), e agora eles passam a usar o Pronaf-B, recurso que os trabalhadores têm mais dificuldade de acessar devido aos juros.

Ela ainda criticou a mudança ocorrida junto ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). Esses projetos, conforme Dilei, perderam totalmente a funcionalidade na gestão Bolsonaro. E um dos impactos dessas mudanças é a reconcentração da terra.

“No atual Governo Federal houve um retrocesso na questão da Reforma Agrária, porque todas as políticas são voltadas para o agronegócio. E para o Governo, todo agricultor tem de ter um ‘agronegocinho’, o que é inviável, porque todos os recursos vão para a grande propriedade. Isso é grave, porque são os assentados e agricultores familiares que garantem a comida no prato do trabalhador, e o agronegócio assegura a commodity para exportação. Do jeito que está, entraremos num caos e no dilema da volta da fome no país”.



Mudanças visando regularizar as terras

O superintendente do Incra-PB, Kleyber Oliveira da Nóbrega, argumentou que o órgão tem 51 anos de existência e durante esse tempo houve diversas desapropriações e assentamentos de famílias. Mas, em gestões passadas, muita coisa ficou pendente. Ele contou que a própria legislação prevê que após 10 anos de espera, as famílias de agricultores em conformidade com as normas vigentes, têm o direito de receber os títulos definitivos das terras, e essa é a atual prioridade do Governo Federal.

“Passamos a regularizar as pessoas que tinham título provisório. Passamos também a entregar o título definitivo a todas as famílias que já tinham cumprido todos os requisitos da lei e esperavam há 10, 20, 30 anos esses títulos, mas por causa da lentidão histórica do órgão isso ainda não tinha ocorrido”.

Segundo ele, quando o agricultor é colocado no assentamento de uma forma legal, precisa receber o título definitivo após cumprir o que diz a legislação. Entre os critérios para isso está, basicamente, a permanência e o cultivo do lote que lhe foi destinado. Após 10 anos com o contrato de concessão de uso (CCU), que é o termo provisório, o assentado tem direito ao título definitivo.

Na Paraíba, uma das propriedades em que foi efetivada a desapropriação de terras foi a da Fazenda Macacos, em Sousa. Segundo o superintendente do Incra-PB, o processo de seleção de famílias para o local ocorrerá no início do próximo ano. “O processo de Reforma Agrária não parou, estamos arrumando tudo, e a partir do momento em que se concluir esses levantamentos, o Incra passará a conversar sobre novas desapropriações”.

No sistema do Incra-PB existem 717 lotes vagos que serão ocupados por novas famílias de agricultores que lutam por acesso à terra. Segundo Kleyber

da Nóbrega, na prática, esse número pode ser o dobro.

De acordo com ele, esses imóveis vão ser incluídos nos processos de seleção para serem ocupados por novas famílias. “Primeiro resolvemos a situação de quem estava esperando. Deveremos concluir esse dever de casa no início de 2022. Depois vamos partir para esses lotes que estão vagos em diversos assentamentos. Quando você preencher o que está vago, aí poderemos partir para novas desapropriações”, reafirmou.

Em Sousa

Localizado no município de Sousa, distante 430 quilômetros de João Pessoa, o assentamento Emiliano Zapata foi uma das propriedades inseridas pelo Incra-PB no processo de seleção de famílias de agricultores no programa de Reforma Agrária. As terras, que ficam no Ato Sertão, possuem 441 hectares e capacidade para 110 famílias.

A expectativa do superintendente do órgão, Kleyber da Nóbrega, é entregar até o fim deste mês de dezembro os títulos provisórios do Emiliano Zapata e do assentamento Imaculada, na região de Sousa. “São 202 famílias que estavam embaixo de lona. Vamos entregar o CCU (Contrato de Concessão de Uso) e o crédito habitação. Ou seja, eles vão receber o título provisório e o recurso para construção de suas casas”, afirmou.

Apoio aos agricultores

Para apoiar os trabalhadores rurais, Dilei Aparecida frisou que, nos últimos anos, o MST-PB tem tentado fazer uma “Reforma Agrária popular, realizada pelas próprias mãos da população”. O movimento, ainda tenta ajudar os agricultores. Nos últimos dois anos, por exemplo, foi

posta em prática a campanha de solidariedade às comunidades e periferias, que arrecadou 130 toneladas de alimentos produzidos nos assentamentos.

Ainda houve um trabalho para abertura de cinco cozinhas solidárias e a organização dos agentes de saúde, que deram orientações como os cuidados com a Covid-19. “Temos dialogado com o Governo da Paraíba, e isso nos tem salvado em relação às políticas públicas para esta população, com ações que têm fortalecido a agricultura familiar e os assentamentos de reforma agrária”.

CPT

Uma das coordenadoras da Comissão Pastoral da Terra (CPT), irmã Tânia Maria de Sousa, também enfocou que a “Reforma Agrária desapareceu ou foi extinta” no país. Isso porque os atos do presidente da República sobre essa política, segundo ela, caminharam rumo a uma gradual desativação de setores, dificultando a desapropriação de terras. “O principal ato contrário à reforma agrária foi a extinção da Divisão de Aquisição de Terras, do Incra”, que era o responsável pelos processos de vistorias dos imóveis rurais, elaboração dos processos expropriatórios, por encaminhar esses processos para decreto junto ao Governo Federal, entre outras ações.

Superintendente do Incra-PB, Kleyber Oliveira da Nóbrega, afirma que órgão está regularizando situações pendentes para retomar os debates sobre novas desapropriações



Frutas típicas do verão são fontes de saúde e sabores

Com vários tipos de vitaminas, elas também ajudam na hidratação do organismo e combatem o envelhecimento

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

A hidratação é um dos aspectos mais considerados quando as pessoas buscam as frutas do verão. Conforme o nutricionista clínico e esportivo, Sebastião Filho, o abacaxi, a banana prata, o coco verde, a graviola, a laranja pêra, o limão, a manga, mamão, o maracujá, a melancia e o melão estão entre as mais comercializadas nesta estação. Elas são ricas em vitaminas, sais minerais e fibras e nesta época do ano estão maduras e prontas para o consumo.

“Estas frutas fazem parte do hábito alimentar da região Nordeste. Além delas, tem também a carambola que muitas pessoas gostam para dar uma hidratada e a pinha, que é muito consumida no verão e nos meses de dezembro e janeiro está pronta para o consumo e é muito encontrada nas feiras,

mesmo não sendo da região”, acrescentou o especialista.

A acerola, caju, goiaba, jaca, abacate, pêssego, maçã, uva e a pêra também se destacam neste período. Neste sentido, o nutricionista lembra que a ameixa, cereja, damasco, o figo, framboesa, kiwi e romã também são muito conhecidas entre os paraibanos nestes meses, apesar de não serem destaque na agricultura do Estado.

A Paraíba é reconhecida pela produção de frutas tropicais durante quase todo o ano, principalmente a graviola, o caju, coco verde, manga, cajá, acerola, mangaba e abacaxi. Sobre isso Sebastião Filho comenta que o ideal é escolher as frutas da estação, pois terão melhor qualidade, aspecto e sabor se comparadas às outras. E no verão, é comum elas ficarem ainda mais presentes no café da manhã, sobremesas, lanches e outras refeições, inclusive na forma de saladas,

sucos, doces e outras receitas.

Ivanildo Lima é proprietário de uma barraca de frutas na Feira de Oitizeiro, em João Pessoa, e comenta que cada fruta têm uma época do ano favorável, no qual o ambiente, clima e solo estão adequados para o cultivo e boa qualidade após a colheita.

Ele explica que o abacaxi, o limão, melancia, a manga e o caju são as mais populares na feira. Porém, este mês ainda não é o ideal para o caju, já que sua safra ocorre entre janeiro e fevereiro. No caso do abacaxi, a tendência é que seja ainda mais consumido entre o final do ano e o mês de janeiro. “Outra fruta bastante pedida é a banana que está em época também. E o melão já começou a chegar mais, além da manga que é bem procurada em dezembro. Quando o abacaxi começa a ficar escasso as pessoas imediatamente já cobram”, elencou.



Foto: Evandro Pereira

Bastante consumido, o abacaxi tem propriedades como, por exemplo, ser desintoxicante, conter muita vitamina C e minerais

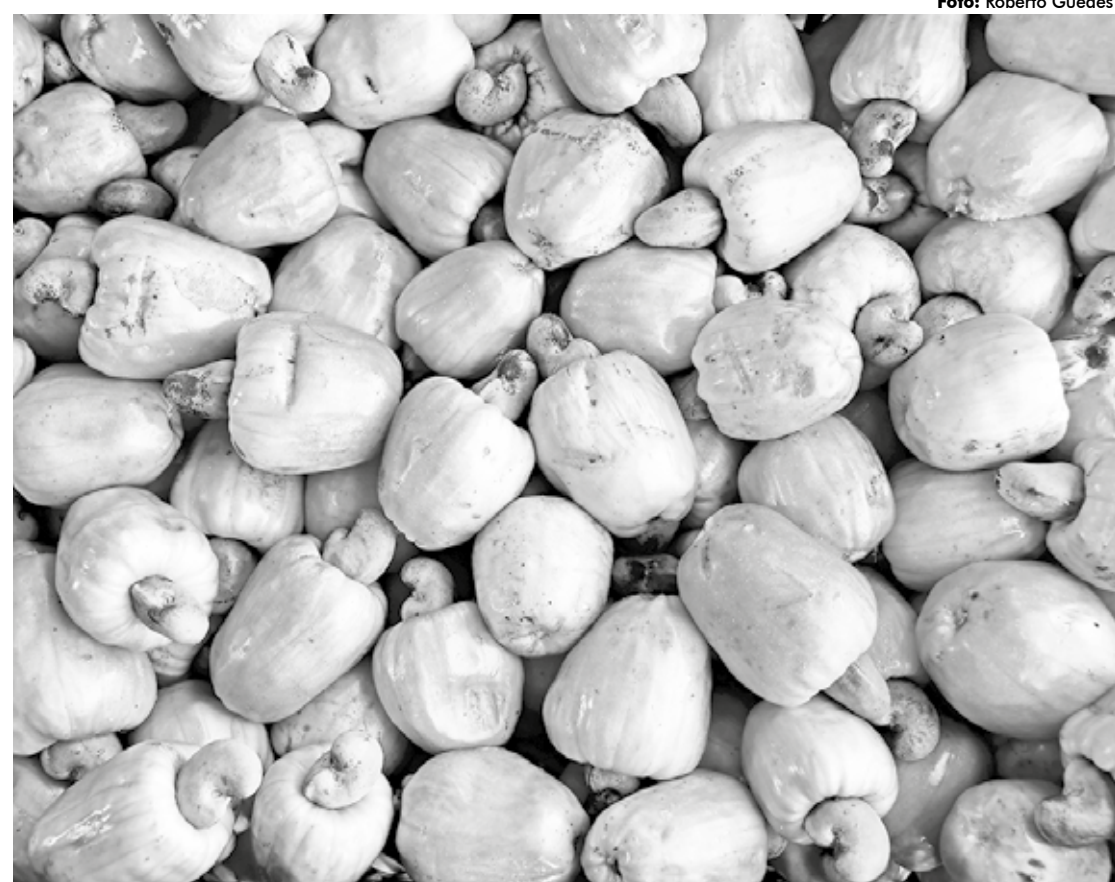


Foto: Roberto Guedes

O caju é uma fruta rica em vitamina do complexo B e ferro e tem sua maior produção nos meses de janeiro e fevereiro

Alimento complementar à hidratação

O nutricionista Sebastião Filho destaca que as frutas possuem antioxidantes, substâncias que retardam o envelhecimento precoce das células. Algumas têm vitaminas A, C ou E, que são essenciais para combater os radicais livres. Elas têm, inclusive, propriedades de hidratação e fornecimento de vitaminas, sais minerais e algumas enzimas que melhoram a digestão, bem como fibras que previnem a prisão de ventre, problema comum no verão, por conta da desidratação.

“As frutas oferecem uma quantidade muito grande de sais minerais que no verão perdemos através do suor, principalmente na atividade física”, completa.

Apesar de existirem frutas com um bom poder

de hidratação, o especialista lembra que o ideal é utilizar a água para se hidratar e fazer um complemento com as frutas. “Elas são indispensáveis no cardápio e considerados alimentos saudáveis para adultos e crianças”, comentou.

O abacaxi (safra entre dezembro e fevereiro), por exemplo, é desintoxicante, tem grande quantidade de água, vitamina C e minerais, além da bromelina, enzima que auxilia na digestão. “Nos dias de calor, o abacaxi cai muito bem como sobremesa pelo sabor e ainda tem essas propriedades”, completou Sebastião Filho.

O melão (safra de dezembro a março e de julho a setembro), tem potássio, bastante líquido e possui

ação diurética e laxante. Já a melancia (boa colheita o ano todo) tem uma grande quantidade de água e é rica em caroteno convertido em vitamina A, vitamina C e vitaminas do complexo B. A laranja (boa colheita o ano todo, exceto abril, maio e junho.) também possui vitamina C e bastante água, assim como a maçã (final de dezembro).

O caju (janeiro e fevereiro) é rico em vitamina do complexo B e ferro. A pera (janeiro e fevereiro) possui vitaminas B1 e B2, pêssego safra de novembro a janeiro) tem baixo teor calórico e boa quantidade de fibras. Por último, a uva (janeiro a março) é fonte de potássio e niacina. Esta última auxilia na pele, sistema nervoso e aparelho digestivo.

+

Estratégias para tornar o consumo mais atrativo

“À medida que as pessoas vão envelhecendo, a resistência para comer frutas aumenta. E o adulto é bem mais seletivo do que a criança. É mais fácil inserir frutas ainda quando criança”. Esta é a opinião de Lilian Pedreira, mãe de Bianca, de cinco anos e de Pedro Henrique de quatro meses. Ela conta que para tentar vencer a resistência busca formas de inserir as frutas na alimentação da família, cortando e já deixando pronta na mesa, colocando na salada ou fazendo sucos. “Com as frutas que não comemos muito, tomamos o suco, como o caju. O suco é uma forma que eu tenho de garantir que a minha família está tendo todos os nutrientes. Posso também cortar o abacaxi ou a manga para a sobremesa após o almoço, substituindo os doces”, relatou.

Segundo Lilian, seus dois filhos comem frutas, porém a quantidade e os tipos vão mudando já que eles estão em fases diferentes. “O bebê hoje come papinha de frutas. E a menina come fruta desde os seis meses, só que quando entrou na escola foi ficando mais seletiva. Agora aos quatro anos tem as frutas da sua preferência, tem as que ela não gostava

e começou a gostar e tem as que ela comia quando era bebê e hoje não quer de jeito nenhum”, descreveu.

A escola, segundo a mãe, foi fundamental na mudança de hábitos, já que a criança vê outras rejeitando frutas e pode muitas vezes imitar o comportamento. “Minha filha gosta de banana, mamão, melão, tangerina, goiaba e aprendeu a comer manga na escola. Mas, não quer melancia, maçã, abacaxi, uva e laranja. Introduzir frutas na alimentação foi super fácil quando era bebê e agora que ela está crescendo vai complicando”, elencou.

Lilian compreendeu que o mesmo comportamento poderá ser seguido pelo seu filho que no ano que vem irá frequentar o berçário, mas afirma que todos os dias seguirá trazendo as frutas para a rotina da família, mesmo com todos os compromissos diários. Neste sentido, para facilitar a ingestão de frutas pelas crianças, o nutricionista aconselha que os pais levem os pequenos às compras algumas vezes e apresentem as frutas a eles, tentando despertar a curiosidade.

Em casa, pode-se preparar sucos ou saladas de frutas: três ou qua-

tro frutas juntas com um pouco de mel ou leite condensado e até uma colher pequena de farinha láctea. Outra dica é inserir estes alimentos em forma de sobremesa, fazendo inclusive dindins. Segundo o profissional, o objetivo é melhorar o visual e o sabor para que a criança consiga comer sem problemas. Para isso, vale utilizar a criatividade, visando a introdução deste hábito entre os pequenos.

“Os pais podem cortar as frutas para uma salada ou colocar uva no palito, ou um pedacinho de melancia ou maçã como se fosse um espetinho. Isso causa curiosidade e as crianças vão se adaptando. Depois que aprenderem a gostar, pode tentar dar a fruta normal para eles comerem”, finalizou o profissional da saúde.

De acordo com uma pesquisa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), 18,2% da população brasileira ingere a quantidade de frutas recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que é aproximadamente 400gramas por dia.

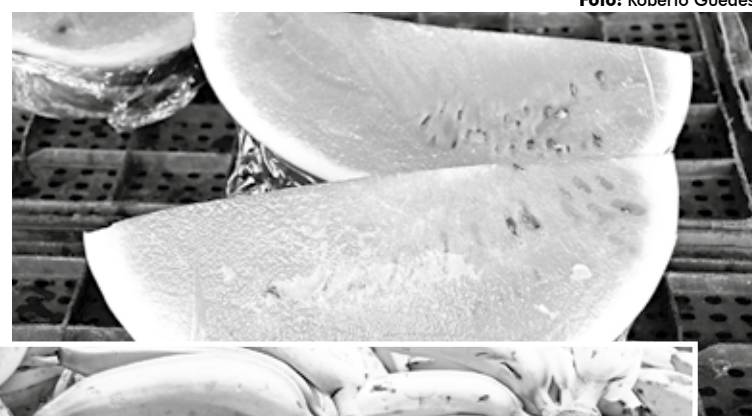


Foto: Roberto Guedes



Foto: Roberto Guedes



Foto: Evandro Pereira

Brasileiro ingere só 18,2% da quantidade de frutas recomendada pela OMS; melancia, banana e coco possuem diversas características benéficas à saúde



Município sertanejo retoma a produção do algodão colorido

Incentivos do Governo do Estado levaram agricultores de Belém de Brejo do Cruz a apostarem na cultura como fonte de renda

José Alves
zavieira2@gmail.com

Com destaque no setor pesqueiro e na agroindústria, no tocante à plantação de hortaliças e na produção de leite, o município de Belém do Brejo do Cruz vem proporcionando mais qualidade de vida para os agricultores e produtores rurais locais. O motivo foi a retomada, desde o ano passado, da plantação do algodão orgânico colorido que, segundo o prefeito Evandro Maia Pimenta (PR), essa cultura, que se traduz em uma nova fonte de renda para o município, já abriu 40 novos empregos diretos. E a estimativa é que, em 2022, tenha uma produção gigantesca do produto.

“Os agricultores foram atraídos para a retomada desta cultura pelos incentivos oferecidos pelo Governo

do Estado, a exemplo da germinação de boas sementes, assistência técnica e pela garantia de venda da produção com preço fixado”, enfatizou o prefeito Evandro.

O plantio, através do programa ATER Algodão Orgânico Paraíba, é um marco importante para o retorno, em maior escala, da cultura do algodão no Sertão paraibano. O plantio central acontece na região polarizada pelo município de Catolé do Rocha, em parceria com os municípios de São Bento, Brejo do Cruz, Belém do Brejo do Cruz e São José do Brejo do Cruz, que antes trabalhavam com outras culturas.

A safra de algodão colorido, que começou a ser colhida ao longo dos últimos meses em algumas regiões da Paraíba, deve chegar a cerca de 50 toneladas de plumas, segundo estimativa dos produtores e dos técnicos

da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer). Isso representará uma produção, pelo menos, três vezes maior em relação à safra passada, de acordo com dados da instituição.

O que deixa os agricultores mais esperançosos é que a indústria têxtil está cada vez mais interessada no algodão orgânico colorido. Esse interesse provocou o aumento no número de produtores rurais na Paraíba, nessa atividade. Uma das motivações é a garantia de preço e assistência técnica continuada.

O algodão colorido é a principal matéria-prima que alimenta a fábrica que produz artigos têxteis de decoração, a exemplo de redes de descanso, mantas e peças de roupas entre outros artigos para abastecer o mercado nacional e internacional.

Fotos: Divulgação/Prefeitura BBC



Localizada a 389 km da capital paraibana, Belém do Brejo do Cruz se destaca pela plantação de hortaliça e produção de leite



Construção do século XIX é o local mais visitado por turistas

► O principal ponto turístico de Belém do Brejo do Cruz é ‘o Sobrado’, uma construção arquitetônica do século XIX, localizado a um quilômetro da cidade em um sítio arqueológico. Segundo historiadores, o prédio foi construído pelos escravos. É o local mais visitado e fotografado pelos turistas que chegam à cidade. Ele faz parte da história do legendário cangaceiro Jesuíno Brilhante (1844-79), morto nas proximidades, durante uma fatídica emboscada comandada pelo cabo Preto Limão. Abandonado há vários anos, a relíquia imperial de fantásticas estórias, contadas de geração para geração, mantém-se como testemunha da história do Sertão, resistindo ao tempo no meio da Caatinga.



Município teve origem em 1850

Na próxima terça-feira, a população estará comemorando os 60 anos de emancipação política da cidade.

A origem do município data de 1850, quando a Família Viana, procedente do município de Sousa, instalou-se num pequeno sítio denominado Belém. A pequena propriedade ficava localizada onde hoje está edificada a cidade de Belém do Brejo do Cruz.

A origem do seu nome primitivo “Belém” não é conhecida, mas tudo leva a crer que foi influência da história sagrada, da qual muito se ouvia a afirmativa “Cristo nasceu em Belém”. Anos depois, o lugar tornou-se bastante conhecido devido as excelentes qualidades de suas terras e, também, com a chegada de outras famílias, que se instalaram no local para explorar a

agricultura e a criação de gado.

O comércio local se intensificou após a instalação do barracão do comerciante Antônio Pedro, entre 1890 e 1900. Em seguida, no ano de 1920, foi lançada em um galpão, a feira livre semanal. E logo depois, em 1928, uma pequena indústria de beneficiamento de algodão foi instalada no local, consolidando o desenvolvimento local.

Na época, o distrito então denominado Belém pertencia ao município de Brejo do Cruz, que foi elevado à categoria de município com a denominação de Belém do Brejo do Cruz, pela Lei Estadual nº 2674, de 22 de dezembro de 1961. Mas antes, o povoado teve vários nomes: Belém, Bom Jesus, Taiassuí e finalmente Belém do Brejo do Cruz, que conserva o nome até os dias atuais.



O padroeiro São Sebastião dá nome à igreja matriz

► O padroeiro da cidade São Sebastião dá o nome à centenária igreja matriz, um dos pontos turísticos. Um dos cidadãos belenenses mais folclóricos é o “Chiquito do Fole”, 98 anos e, segundo o prefeito, ainda toca fole. Já o grupo musical mais famoso da cidade é a “Banda Brilhantes do Forró”. É considerada o destaque cultural da região.

► Pertence à Região Geográfica Intermediária de Patos e à Região Geográfica Imediata de Catolé do Rocha, Belém do Brejo do Cruz se situa a 30 km de Catolé do Rocha, a maior cidade nos arredores. O município também está localizado na divisa entre os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2009, sua população era estimada em 7.342 habitantes e sua área territorial é de 603 km². Além do algodão, os agricultores do município plantam para o consumo próprio e comercializam na feira livre, feijão, arroz, milho e trigo.

► Ainda de acordo com o prefeito, 70% da cidade tem as ruas pavimentadas e calçadas e as avenidas principais são asfaltadas. “As festas que mais atraem moradores dos municípios vizinhos são o São Pedro, mais conhecida como ‘João Pedro’, tido como o mais festejado da região e a festa do Natal que se inicia no dia 21 de dezembro e termina no dia do réveillon, com muita festa em praça pública.



Foto: Divulgação

“Lula leu a sua biografia junto com os 60 mil leitores”

Batendo recorde de vendagem em lançamento na sua carreira, Fernando Morais detalha os bastidores de ‘Lula - Vol. 1: Biografia’

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Fernando Morais foi enérgico: nas suas biografias, ele não retrata “personagens de bronze”, apenas os de “carne e osso”. Assim como foi o caso de seus *best-sellers*, como *Olga*, que narra a trajetória trágica de Olga Benário Prestes (1908-1942); *Corações Sujos*, uma reconstituição da mais sangrenta página da história da imigração japonesa; *Os Últimos Soldados da Guerra Fria*, que acompanha agentes secretos de Cuba nos EUA; e – uma das suas mais famosas obras, que tem ligação umbilical com a Paraíba – *Chatô, o Rei do Brasil*, a biografia de Assis Chateaubriand (1892-1968). Todos os citados, inclusive, adaptados para o cinema.

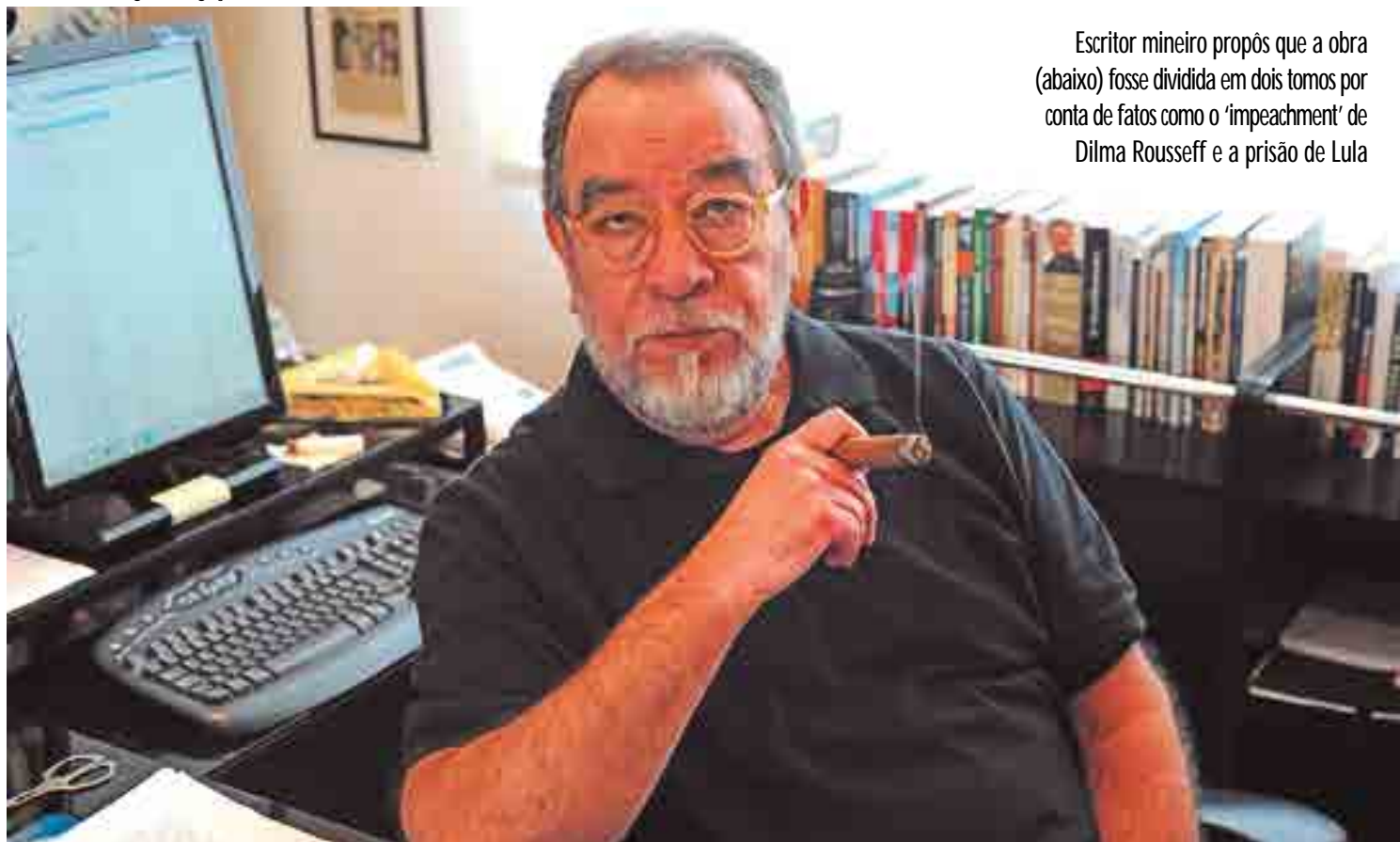
Lançado na segunda quinzena de novembro, *Lula - Volume 1: Biografia* (Compa-

nhia das Letras, 416 páginas, R\$ 74,90, versão impressa; e R\$ 39,90, o *e-book*) é o 11º livro do jornalista de Mariana (MG), que chegou batendo recorde em seus quase 50 anos de carreira como escritor: 60 mil exemplares vendidos nas primeiras três semanas.

Nesta entrevista para o *Jornal A União*, Fernando Morais discorre sobre uma das mais notórias figuras políticas da história brasileira das últimas décadas, cuja gênese veio de quando o jornalista, em seu primeiro mandato como deputado estadual, lutou a favor da causa operária no ABC paulista em plena ditadura militar, nas portas das fábricas.

Dividida em dois volumes, a obra é uma biografia na qual o seu desfecho não poderia ter um contexto dos mais atuais: no ano “incandescente” de 2022, em que estará em jogo o futuro do Brasil.

Foto: Janete Longo/Divulgação



Escritor mineiro propôs que a obra (abaixo) fosse dividida em dois tomos por conta de fatos como o ‘impeachment’ de Dilma Rousseff e a prisão de Lula

A ENTREVISTA

A biografia de Lula é um livro esperado, pela personalidade política que é. Nesse sentido, qual tem sido o repercussão junto aos leitores?

Tanto da minha parte, quanto da parte dos editores, havia uma expectativa de que o livro viesse a despertar interesse dos leitores por se tratar de um personagem com a história e a estatura do presidente Lula, mas não podíamos imaginar que, em três semanas, pudesse ter vendido 60 mil exemplares. É meu recorde de vendagem em tão pouco tempo. Esse já é o meu 11º livro.

Lula não ficou sabendo antecipadamente sobre o conteúdo do livro?

O Lula não ficou sabendo com antecedência de nada, de nenhuma linha, nenhuma sílaba, nenhuma aspa. Em nenhum momento ele disse: “Olha, eu gostaria de ver tal trecho”, ou poderia até dizer: “Olha, tal tema eu preferiria que não fosse tratado”. Nada, nada, nada, nada. Lula leu a sua biografia junto com os 60 mil leitores, na mesma hora que a obra estava sendo distribuída para todo o Brasil. Foi no dia em que ele embarcou para a turnê europeia.

O biografado chegou a falar o que achou a respeito da obra?

Na verdade, eu não perguntei até hoje o que ele achou do livro. E, com todo respeito a ele, claro, quero dizer o seguinte: eu não escrevi o livro para o Lula. Escrevi para os meus leitores, e ele sabe disso. Mas espero que tenha gostado.

Por que a escolha do Lula para ser biografado?

Acompanhar a vida do presidente Lula já há 40 anos. Antes que ele fosse uma personalidade mundial, eu era deputado e, junto com outros deputados, acompanhamos as greves no ABC paulista e, sobretudo, acompanhamos a repressão às greves no ABC. Então, eu brinco dizendo que a nossa estreia no parlamento – porque eram todos deputados de primeiro mandato – foi um dilúvio, pois foram 40 dias e 40 noites nas

portas das fábricas do ABC, todo mundo engravatado e de carro oficial, para tentar impedir ou inibir, ou, pelo menos, testemunhar a ação da repressão do Dops e da tropa de choque da polícia militar. Tanto tínhamos razão nos nossos temores que o sindicato foi colocado sob intervenção federal e o Lula passou um mês e tanto preso, período do qual veio a falecer aquela que foi certamente a pessoa mais importante da vida dele, que foi a Dona Lindu, mãe do Lula. Então, eu me aproximei dele nesse período. Nunca chegamos a ser amigos, a frequentar a casa um do outro... nunca tivemos uma relação de intimidade, digamos, mas sempre fomos muito próximos. Com a criação do PT, eu me distanciei um pouco, porque eu era do MDB e tinha uma convicção de que a criação de um partido de esquerda não contribuía para a frente ampla, que estava, de fato, acoando a ditadura militar. A história provou que o Lula estava certo e eu estava errado, porque a criação do PT não atrasou o fim da ditadura, e talvez até tenha precipitado. Só não votei no Lula para presidente da República no primeiro turno da primeira eleição, em 1989, porque eu era do MDB e estava fazendo uma parte do programa de governo do Dr. Ulisses (Guimarães), que votei no primeiro turno, votando no Lula no segundo turno. Depois, votei nele em todas as eleições para presidente. Quando ele se elegeu, eu não sou aquilo que o Itamar Franco chamava de “percevejo de palácio”, mas não houve nenhum distanciamento formal, tanto que nos oito anos em que ele esteve na presidência, estive pelo menos três vezes com ele. Uma vez, por iniciativa da Dona Marisa, fomos exibir o filme *Olga*, no Dia Internacional da Mulher, para as mulheres que trabalhavam no palácio, desde as mais importantes até as mais humildes. Depois, houve uma passagem curiosa, que eu emprestei a minha casa em 2004, se não me engano, para uma reunião secreta entre o Lula, o Brizola, o Zé Dirceu e o (Carlos) Lupi, atual presidente do PDT. Era uma tentativa de aliança dos dois partidos para uma das

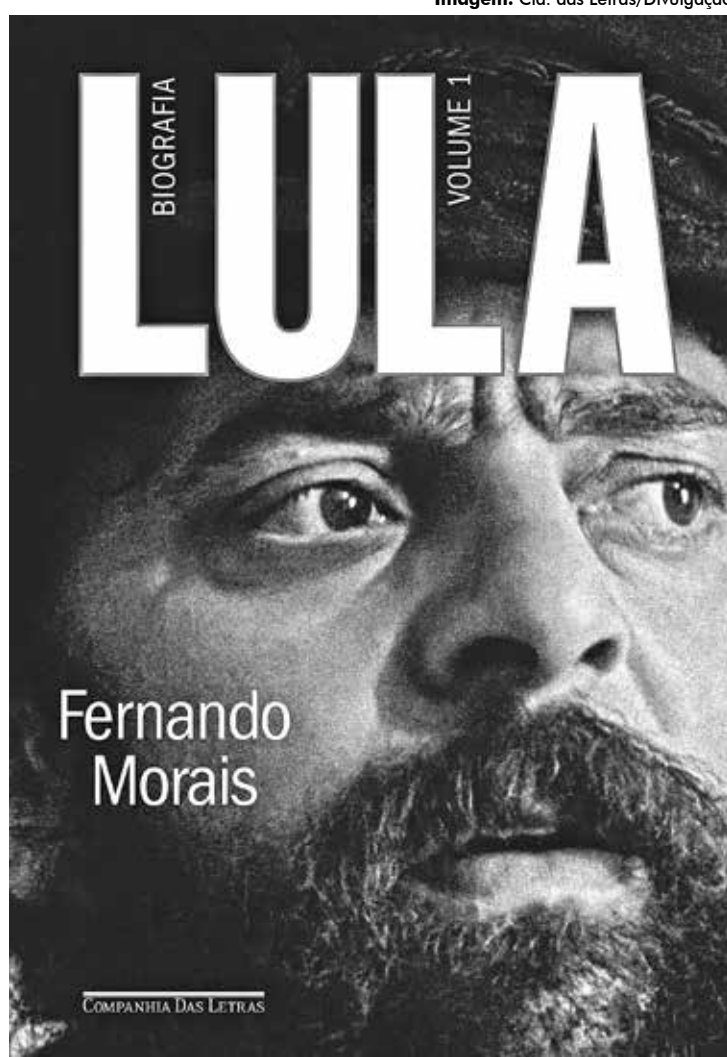


Imagem: Cia. das Letras/Divulgação

eleições daquele ano, eu não me lembro se era para governador ou prefeito de São Paulo. O que eu sei é que não deu certo. E voltei a estar com ele novamente para uma entrevista para a revista *Nosso Caminho*, do Oscar Niemeyer, ocasião em que ele me deu o furo jornalístico nacional ou até internacional, quando ele me revelou, com o gravador ligado, que a candidata do PT à sucessão dele seria a então chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, fato do qual nem mesmo ela sabia. Muito do Lula isso, né?

Quando e como surgiu a ideia do projeto?

A ideia de escrever o livro nasceu 20 anos atrás. Eu queria fazer quando ele se elegeu presidente, em 2002. Sugerir acompanhá-lo durante o mandato e fazer uma espécie de bastidor do governo: o que é governar um país de 200 milhões de habitantes. Ele pulou fora (risos). Quando foi reeleito, em 2006, eu insisti e ele de novo não topou. A possibilidade de entrevistá-lo só ressurgiu por iniciativa dele

e da equipe em julho de 2011, quando ele já não era mais presidente da República. Por que eu digo precisamente o mês? Porque tem muita gente, inclusive do PT, que acha que ele só decidiu autorizar um livro sobre ele quando teve um câncer na laringe, que, portanto, teria uma clareza a respeito da mortalidade de todo ser humano. Não é verdade: quando fui procurado foi em julho, e o tumor só foi diagnosticado em outubro. Isso interrompeu nosso trabalho, já estava gravando com ele, e só retomamos quando ele teve alta, em meados de 2012, quando fez sua primeira aparição pública pós-câncer, que foi um mega-comício em Fortaleza, no Ceará. Trabalhamos até meses atrás. Era para ser publicado tudo em um livro só. Ocorre que veio a crise, o golpe de Estado contra a Dilma, e eu tive o privilégio de acompanhar todos esses acontecimentos ao lado dele, do ponto de vista dele, ouvindo o que ele dizia. Aí, propus ao editor e ao Lula que o livro fosse dividido em dois tomos.

O senhor diz, na obra, que esse livro não é “chapa branca”. Então, foi produzido de forma isenta?

Não é um livro “chapa branca”, é um livro de informação. Tanto que tem gente adorando o livro e tem gente dando porrada nele. Mas faz parte. Quando publiquei o *Chatô* foi a mesma coisa: tinha gente que eu tinha pintado um gangster, um monstro, e tinha gente que dizia que eu tinha pintado o maior mecenas da história da aviação e das artes no Brasil. Sinal de que retratei Chateaubriand com fidelidade. Com o Lula foi a mesma coisa, eu escrevi tudo que vi ou apurei. Bom, a maior prova de que não é um livro “chapa branca” é que o Lula só leu quando estava impresso. Antes, ele não leu o livro e não pediu para que desse a alguém para ler.

Há informações inéditas no volume?

Descobri coisas que a imprensa cotidiana não tinha descoberto. Descobri que a Polícia Federal havia colocado escuta na casa do Lula secretamente, sem autorização judicial, no dia do depoimento coercitivo. Descobri que a PF tinha infiltração com micro-câmeras dentro do sindicato e no pavimento que estava reservado só para o Lula e sua família e seu estado maior.

A biografia já começa com fatos mais recentes, a exemplo da prisão de Lula e dos julgamentos do STF. Como analisa o papel da imprensa na cobertura dos fatos relacionados a Lula e a Lava Jato?

No caso do Lula, o que eu pretendi: pegar o mesmo personagem sendo submetido a duas prisões em dois “Brasis” diferentes, hoje e há mais de 40 anos, em 1980. Deliberadamente, o que causa um certo espanto, principalmente no leitor mais jovem, que, na verdade, ele está sendo preso em uma suposta democracia que vemos hoje no Brasil, e, ao mesmo tempo, eu “pulo” – faço um *flashback*, como dizem os cineastas – para ele sendo preso durante uma ditadura militar. Então, é uma forma

de construção que vai se repetir no volume dois. O ano de 2022 vai ser um ano “incandescente” para o Brasil, que certamente fará parte do próximo volume. A grande imprensa, salvo poucas e raras exceções, foi o ingrediente da maior importância para a derubada da Dilma, em primeiro lugar, para a vitória do genocida [Jair Bolsonaro] e para a prisão do Lula, sem nenhuma dúvida. Aliás, é uma recomendação que costume recomendar, dizendo o seguinte: o leitor deveria ler esse primeiro volume de trás para frente. Para um apêndice, contratamos uma instituição acadêmica do Rio de Janeiro que se dedica exclusivamente à medição da cobertura da grande imprensa. Pegaram os três maiores jornais do Brasil – a *Folha*, o *Estado* e o *Globo* –, a revista mais importante na época (que hoje não vale um figo podre), que era a *Véja*, que vendia mais de um milhão de exemplares, e o telejornal que chegava a falar com 100 milhões de pessoas que era o *Jornal Nacional*. Essas pessoas fizeram um levantamento, dia por dia, página por página, segundo por segundo, para observar o tratamento que deram, de um lado o Lula, do outro, o Moro e a Lava Jato. É escandaloso. O próprio Lula faz, em um determinado momento do livro, um caminho do nascimento e transformação de uma *fake news* em uma manchete do *Jornal Nacional* e depois em uma capa da *Véja*.

O senhor é um autor que tem um lado politizado. Qual a condição do Brasil para o futuro?

Olha, algumas pessoas dizem que eu virei o velho do semiárido ou o bolchevique carbonário. Não. Sou uma pessoa esperançosa, e não é uma ingenuidade, não. De alguma maneira, faço política pessoalmente e cobri política. Então, essas condições me permitem olhar para o horizonte com esperança. Não sou do PT, mas o primeiro passo é eleger o Lula para presidente da República em 2022. Aliás, fiz uma aposta com o meu barbeiro: se ele ganhar no primeiro turno, vou passar um ano cortando barba e cabelo de graça.

Lições sobre o neoliberalismo

A ideia de um mercado que se autorregula harmonicamente a partir de trocas e interesses de agentes privados é um mito liberal que tem origem no século 18. O capitalismo desregulado (o que nunca é inteiramente possível) é o signo econômico da autodestruição.

Não acredito que seja possível compreender a recente crise global do capitalismo sem considerar o papel da desregulamentação dos mercados financeiros. Para se ter uma noção mais ampla desse processo, acho importante adotar uma análise histórica de longo alcance, como faz o economista Bresser Pereira.

Os Estados Unidos lograram êxito no desenvolvimento capitalista com o fim da Guerra da Secessão. O industrialismo de matriz fordista viria a se tornar o carro chefe da economia do país. É esse cenário que vai produzir uma nova clivagem de profissionais liberais que não pode ser classificada como classe trabalhadora, nem capitalista. Trata-se de indivíduos altamente especializados, cuja diferenciação e autoridade são decorrências de um estimado domínio técnico.

Bresser nos deixa atentos à importância que essa nova classe passa a ter na medida em que os executivos tecnocratas das grandes corporações se tornam mais autônomos, capazes de se desprender dos acionistas. Gradativamente as empresas perdem suas características familiares em detrimento de uma racionalidade burocrática. A superprodução que levou a Grande Depressão na década de 1930 está ligada a um complexo sistema de desregulação e a perda da capacidade europeia de importação de produtos industrializados dos EUA. Sua superação só foi possível graças à aposta do governo Roosevelt num maior controle e estímulo econômico através de políticas anticíclicas do New Deal: a redução da jornada de trabalho, o controle de preço na produção, a redução dos estoques, investimento em infraestrutura e obras públicas.

A crise só seria realmente debelada no pós-guerra, dando origem, de 1948 a 1977, ao período que ficaria conhecido como os Anos de Ouro do Capitalismo. Por causa da estabilidade financeira, da redução das desigualdades e das altas taxas de

crescimento econômico. Na década de 1980, porém, houve um processo de financeirização da economia. Uma guinada neoliberal colocou abaixo as antigas políticas trazendo um excesso de desregulamentação.

O pensamento desenvolvimentista de viés keynesiano fundado no arcabouço fordista que englobava a classe média, o trabalho organizado e os altos executivos tecnocratas, perderia sua hegemonia para o neoliberalismo com sua ênfase no crescimento, na financeirização, no matematismo e no individualismo metodológico. A linguagem cada vez mais matemática e abstrata seria usada como arma legitimadora de posições ideológicas e interesses políticos, escamoteados por um pretenso rigor e objetividade. Desde então o pensamento neoclássico de Milton Friedman (o criador do “capitalismo de desastre”) e Robert Lucas, da Escola Austríaca e da Escolha Racional dominariam os principais programas de pós-graduação no mundo, dando também o tom de boa parte dos editoriais jornalísticos nessa área.

O neoliberalismo se imbuíu da tarefa da retirada de direitos trabalhistas por meio de “flexibilização” – o que significaria a redução real dos salários – do ataque a políticas redistributivas e dos sistemas de seguridade social.

Na esteira do neoliberalismo nasceria um novo sistema de acumulação baseado no sistema financeiro. Isso fez multiplicar a circulação de ativos financeiros no mundo, gerando uma série de novos instrumentos e uma intensa securitização. A “economia real” seria definitivamente separada da “economia financeira”. Esta última produziu um acúmulo de riquezas des governável e fantasmagórico.

Nesse cenário, afirma Bresser, o crédito deixou de se fundamentar em empréstimos de dinheiro oferecidos por instituições bancárias, passando a operar massivamente através da venda de títulos por investidores financeiros. Ao poder controlar uma parte expressiva do excedente econômico, a financeirização cria um tipo de riqueza artificial e coloca os rentistas ligados aos profissionais desse mercado numa situação bastante privilegiada.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Salvar o outro é salvar a si mesmo

A desigualdade social destrói a dignidade humana, isso força a necessidade de sobreviver através da desobediência as Leis e, também, do uso da violência ao outro, isto é, roubar a saúde financeira do cidadão. Sabe-se que alguns têm privilégios e acesso as condições dignas de sobrevivência; outros... têm seus pertences destruídos.

A desigualdade apresenta-se nas situações destrutivas do cotidiano. Por exemplo, nas relações em que o trabalhador é humilhado para atingir a meta de lucro numa empresa, independente se ele venha perder a própria saúde física e mental, porque o trabalhador não tem nenhum “valor” diante da mercadoria que vende. Temos este outro exemplo, a histórica opressão sofrida pelas mulheres. Há desigualdade nas relações entre as diferentes etnias, como na exploração dos europeus do século 19 sobre os latino-americanos, asiáticos e africanos; ou, na dominação dos Estados Unidos sobre os países da América Latina no século 20. As expressões dessas desigualdades sociais revelam uma dominação. Esse fenômeno foi estudado pelo jurista e economista alemão Maximilian Karl Emil Weber (1864-1920). Suas análises encontram a submissão em forma de conveniência; e, nas relações sociais, a dominação apoia-se em bases jurídicas que lhe dão legitimidade. Nesse aspecto, o Estado sempre organiza e institucionaliza o poder político, a fim de contribuir para a “dominação através de uma reestruturação de deveres” e de validar “falsos direitos” na sociedade.

Weber apresenta no seu livro *Economia e Sociedade* (1922) três tipos de dominação social: a legal, que está presente na obediência às leis e às ações da burocracia na administração pública; a tradicional, que está presente na relação entre dominador e súditos; a carismática, que surge da devoção afetiva a um líder político ou religioso, em razão de virtudes. A dominação é um perverso comando destrutivo de um grupo sobre outro, geralmente os dois lados estão acomodados a essa situação. Nesse contexto, há os dominantes e os dominados. Diante dos conflitos de terror na atual sociedade, percebe-se que a dominação, como desigualdade, é um fenômeno dialético, porque estabelece uma “identidade de contrários” quando os dois lados se divergem, entretanto, eles se atraem por um depender do outro para existir. A tensão encontrada nesse processo surge ao considerar que os



Imagem: Divulgação

Ódio e crueldade ao outro é enganar-se em falsos valores, sejam eles religiosos ou morais

fenômenos de influência consensual são encontrados em um grupo de políticos cruéis ou numa desumana comunidade religiosa. Isso se dá a partir do fenômeno da liderança e, também, da extrema obediência ao cumprimento das normas invioláveis. Geralmente, a “autoridade de dominação” é eleita pelos interesses dos opressores, essa finalidade tem o objetivo de impor à desigualdade.

As classes dominantes sempre separam seus filhos da convivência entre jovens que não possuem riquezas e nem privilégios sociais. Essas elites detêm o poder; impõe seus padrões culturais, econômicos e políticos à população, e dela se mantém distante. No ano de 1902, no livro *Os Sistemas Socialistas*, o sociólogo italiano Vilfredo Pareto (1848-1923) apresentou sua “teoria das elites”; também, o conceito de elite ampla, que é o conjunto de indivíduos privilegiados com hierarquia profissional. Esse grupo de governantes é restrito e sempre exerce funções de para alienação/doutrinação e corrupção política. O filósofo italiano Gaetano Mosca (1858-1941), em sua obra *Elementos da Ciência Política* (1896/926), afirma que em todas sociedades há uma minoria dominante, que detém o poder político com a finalidade de alienar e destruir toda dignidade da maioria.

As elites dominantes se perpetuam no poder ao utilizar métodos que são aceitos socialmente e legitimados pelo Estado. Diante disso, existe a necessidade de impor a “falsa doutrina de que a busca e a obtenção de oportunidades dependem

exclusivamente do querer e da vontade de cada cidadão”. Dessa forma, a elite dominante – através do seu líder empresarial ou religioso ou chefe de Estado – convence aos seus subordinados, que a responsabilidade de conseguir instrução, formação profissional e emprego é atribuída unicamente aos próprios cidadãos. A grande contradição dessa perversidade é a de que a boa formação profissional e alto grau de acadêmico não garantem empregos e salários condizentes. Essa meritocracia é utilizada para humilhar e roubar a saúde financeira, mental e física do cidadão, que está submetido a própria alienação e destruição.

Nos dias atuais, é questionado se o acesso à educação é meio de ascensão. Isso se tornou insuficiente para garantir oportunidades para todos, embora ainda se apresente como o caminho mais seguro para conquistar uma razoável saúde financeira. A história da imutabilidade do mal, em especial no Brasil, percebe-se que existe uma relação entre domínios econômico, político e ideológico, por parte de minorias perversas que desenvolvem um contínuo poder com a finalidade de manter a sua tradição, valendo-se do aparelhamento do Estado e de privilégios econômicos, em torno de um conjunto de ideias e valores que defendem uma forma de produzir, organizar e distribuir os bens sociais, de maneira extremamente desigual. Essa crueldade sempre gerou ricos e pobres, de forma a enlouquecer todos. Nessa destruição, a única lei de sobrevivência é o ódio ao outro e enganar-se em falsos valores religiosos e morais. Uma das soluções desses conflitos está numa reforma a partir de um novo humanismo, que estão apresentados na *Economia de Comunhão* e na *Economia Solidária*. Essas teses serão apresentadas nos próximos textos. Descobrimos que a dignidade do outro é a minha, porque salvar o outro é salvar a si mesmo.

■ Sinta-se convidado à audição do 349º Domingo Sinfônico, deste dia 19, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o pianista e regente italiano Claudio Abbado (1933-2014). Ele regeu peças complexas e extensas. Também massificou a música erudita em todas as classes sociais e contribuiu para unificar o continente europeu. Nesta edição, vai reger uma peça descritiva e um poema sinfônico a partir da liturgia cristã.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Ninão e Evem

Na semana passada, minha mulher falou que haviam cortado a perna direita de Ninão. Até então, eu nem sabia quem era Joelison Fernandes da Silva, 36 anos, o “Ninão”, que mora no interior da Paraíba, em Assunção, e é considerado o homem mais alto do Brasil. Imagino que Ninão consegue ver quem é grande e quem pequeno, além de nós.

Ninão tem sol na moleira.

Fui procurar saber mais de Ninão. Como ele não teve acesso antes ao tratamento e após vários exames (que conseguiu pagar com uma vaquinha), ao descobrir que já era tarde demais e seria preciso amputar o seu pé, depois a perna. Não há nada a se fazer quando longe não é um lugar.

Ninão tem um farol em sua cabeça e não precisa de escada para conversar com Deus. Por mais que ele se azul, Ninão segue em frente no longe que é o infinito indo e vindo. Longe, uma fresta de sol.

Tempos de vacas magras, né Ninão? A eternidade de Ninão, a vaca magra, e a vaquinha que as pessoas fazem para ajudar as outras na internet e bem antes. E tem a vida de gado da canção de Zé Ramalho, que expõe o povo sofrido, povo feliz. Eu não sei onde é que a felicidade entra aí nessa canção.

A vaquinha deu para Ninão comprar uma prótese para que ele possa voltar a andar.

A cirurgia ele conseguiu através do apoio de influenciadores da cidade e da deputada, Pollyana Dutra, que se prontificou a arcar com as despesas. Parabéns deputada, não fez mais do que a lição de casa, assim como a deputada Dra. Paula, que no início da pandemia doou seu salário em benefício dos necessitados. Cada um com sua vaquinha.

Antes de perder a perna, Ninão trabalhou com propaganda e eventos. Hoje, recebe um pequeno auxílio de um salário mínimo e sua esposa, Evem Medeiros, ajuda trabalhando com decoração de festas. A vida é sempre assim: dois pesos e duas medidas. Ninão que o diga!

O que posso fazer por Ninão?

Ninão usa calçados e roupas sob medida, e o crescimento acelerado é devido a doença.

Li também que Ninão nasceu de parto normal, tamanho e peso normais. Aos 5 anos de idade sua mãe percebeu que ele estava crescendo demais. Foi quando, na adolescência, descobriu um tumor no cérebro que causava des controle no crescimento.

Para conter o crescimento, ele também toma um medicamento chamado Sandostantin, que custa, em média, R\$ 9 mil, mas é cedido pelo Governo. Ainda bem que não lhe foi negado o medicamento.

De família humilde, Ninão sempre passou dificuldades e sofreu muito na casa onde morava por causa do seu tamanho, nada era adaptado para ele.

Hoje, Ninão mora numa casa adaptada com a esposa, que conseguiu pelo Governo.

Ninão é uma dessas pessoas que às vezes passam pelo pensamento e eu desejo que a vida dele melhore, seja intensa, que ela encontre alegrias no cotidiano, que ele encontre sombra e não se canse da vida.

Ninão é alguém na multidão, não passa despercebido. Às vezes, luz cega, de toda forma encandeado, longe. Às vezes, quem está do lado longe, é bem aqui.

Ninão é visível, dá pra ver a alma que o sustenta. Ninão é sólido, rocha, poeira e volta por cima. Brisas, furacões. Imagino a gargalhada de Ninão.

Não li em nenhum texto que Ninão é lamentação. Ninão é fogo, água e terra.

Sim, Evem Medeiros é o amor de Ninão. Ela tem 21 anos e apenas 1,52m, uma prova de que tamanho não é documento.

Kapetadas

- 1 - Amar o próximo é fácil, difícil é amar o distante;
- 2 - Aposto que, nesse carnaval, farão o primeiro baile de máscaras sem ninguém usando máscaras;
- 3 - Som na caixa: “Não fazes favor nenhum / Em gostar de alguém”, Caymmi.

Foto: Reprodução



Evem Medeiros (E) é o amor de Ninão (D): ela tem 21 anos e apenas 1,52m

Val Donato fará homenagem a Cássia Eller no próximo mês

Com participação dos músicos da cantora carioca, projeto do show 'Nós, Voz, Eller' vai ter início em João Pessoa

Foto: Divulgação

Duas décadas após a sua partida precoce, Cássia Eller será reverenciada por uma banda de peso: os músicos Walter Villaça (guitarra) e Fernando Nunes (baixo), que fizeram parte da sua banda, Helinho Medeiros (teclado e sanfona), Guegué Medeiros (bateria), e a cantora e compositora paraibana Val Donato – que não a conheceu, mas em quem os músicos apostam todas as suas fichas. O grupo prepara uma turnê que começará por João Pessoa, e percorrerá outras cidades nordestinas, a partir do mês de abril do próximo ano. Depois, será a vez de ganhar o Brasil.

Os planos para essa homenagem começaram a ser tramados no ano passado, quando Val se sentiu segura para interpretar as músicas que fizeram sucesso na voz de Cássia sem que, com isso, tivesse o trabalho confundido com o de um cover. “Hoje, eu tenho um trabalho autoral bem desenvolvido, estou gravando o segundo disco, então as pessoas já entendem que tenho referências dela, sim, mas não faço uma imitação. No início da minha carreira, as pessoas me relacionavam muito com a Cássia, até por não haver muitas cantoras no estilo dela”, conta Val.

Foi então que nasceu, na cantora e compositora paraibana, a vontade de homenagear a cantora carioca. Inicialmente, seria um projeto como outros que ela já tinha realizado com sua banda, como os tributos para Chico Science e Bob Marley. Mas aconteceu de ela se encontrar com o guitarrista Walter Villaça e, devido à amizade e à confiança que tem nele, pedir a sua opinião sobre a ideia – e então o plano inicial começou a ganhar outros caminhos.

Walter Villaça achou a ideia ótima, e até se dispôs a fazer uma participação em alguns shows. Primeira boa



No início da carreira de Val Donato, o público relacionava a paraibana com Cássia Eller, até por não haver muitas cantoras no estilo dela

“Hoje, eu tenho um trabalho autoral bem desenvolvido, estou gravando o segundo disco, então as pessoas já entendem que tenho referências dela, sim, mas não faço uma imitação”

surpresa para Val. Daí, em janeiro passado, foi a vez de Fernando Nunes entrar no páreo. Depois de participar de alguns shows que ele fez em João Pessoa, e com a aproximação proporcionada por esses encontros (eles se conheciam apenas superficial-

mente), Val comentou sobre a ideia do tributo. “Ele não só adorou como foi mais longe: e se a gente fizesse esse show com a banda que tocava com ela?”, lembra Val. Outra surpresa.

Fernando voltou para São Paulo com essa ideia na cabeça e, logo que pôde, entrou em contato com Walter e também com o baterista João Vianna (outro que fez parte da banda de Cássia). Ambos toparam, e logo o grupo começou a checar as possibilidades. Na primeira semana de março, no entanto, veio a notícia de que João não poderia mais participar do projeto, por compromissos agendados anteriormente.

Músico profissional há

25 anos, Walter Villaça tocou com Cássia Eller de 1996 até a sua morte (e também em discos póstumos). Hoje, toca com Nando Reis e tem também um trabalho autoral instrumental, o Walter Villaça e os Cablocos. Além de guitarrista, é produtor musical e violonista. Ligado à música desde a infância, já tocou com artistas consagrados da música brasileira e internacional, como Gal Costa, Zélia Duncan, Renata Arruda, Glória Gaynor, Simone, Gabriel O Pensador e Isabela Taviani, dentre outros.

“Com esse tributo, queremos elevar o nome da Cássia, uma das maiores cantoras do país, uma figura ímpar. Tive o privilégio de conviver com

ela nos palcos e fora deles. Simples, inteligente, humana, com uma cultura musical robusta. Ela ficaria muito feliz com esse projeto”, acredita. Para ele, a música brasileira está carente de uma voz poderosa, que canta de samba a rock. E por isso a presença de Val Donato será fundamental para o projeto. “Val tem um furacão na voz, é bem a onda de Cássia”, diz o músico.

O alagoano Fernando Nunes também está na estrada desde as primeiras décadas de vida: começou a tocar aos 12 anos e atua profissionalmente desde os 15. Morou em Salvador, onde tocou e gravou com diversos artistas do cenário baiano, e depois no Rio de Janeiro, onde se in-

tegrou à banda de Ivan Lins, em turnê pela Europa e Estados Unidos. Em 1994, entrou na banda de Cássia Eller – e lá permaneceu até o seu último disco, o *Acústico MTV* (2001).

“Eu trato tudo o que tem o nome Cássia Eller como algo muito pessoal, quase como uma missão de perpetuar o legado dela, preservando a qualidade e mantendo a atmosfera de alegria e amor à música que ela tinha, em sua essência”, diz o baixista. Para Nunes, o tributo será uma grande celebração. “Tudo será regado a emoção e boas lembranças. Que cada show seja um presente para os fãs, os curiosos e também para nós, que sentimos muita falta dela”, finaliza.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Qual mais importante: o modernismo ou o tropicalismo?

Foto: Divulgação

Alguns livros estão inconclusos. Assim ficarão. Comecei vários, desde quando morava numa simpática pensão na Rua do Catete, no Rio de Janeiro. Trabalhei no Banco Nacional da Habitação e na TV Tupi.

Me tornei torcedor do Fluminense e conheci a sede do clube, nas Laranjeiras, levado pelo dono da pensão, Odilon. Chorei vendo *A grande cidade*, de Cacá Diegues, com Anecy Rocha, irmã de Glauber, de quem ficaria muito amigo. Cheguei a morar no apartamento que Anecy dividia com Glauber e Walter Lima Jr.

Conheci o cineasta Claude Lelouch, o diretor de *Un homme, une femme*, que veio ao Brasil para o lançamento desse filme. Conversei com Lelouch na Maison de France.

Matava saudades vendo aviões decolando e pousando no Santos Dumont, aeroporto no centro do Rio.

Descobri novas maneiras de fazer sexo e atravessei diversas vezes o Aterro do Flamengo com mil ideias na cabeça e nenhuma câmera na mão.

A maior revolução aconteceu quando entrei num barzinho da Galeria Condor, no Largo do Machado. O carinha do bar me conhecia, tinha passado uma semana em Nova York e botou no som uma fita cassete que me deixou entre alucinado e estático no primeiro minuto. “Quem é?”. A resposta mais mágica que todas as futuras imagens de *Matrix*: “É Jimi Hendrix. O cara não tá sobrando pra ninguém em Nova York”. Em minha vida, nada mais seria como antes, pois meu coração pulsava pressentindo que seis seriam eternamente nove. Posteriormente, fiz um show em João Pessoa cujo subtítulo sairia daí: *Puxa-puxa (If six was nine)*.

São 60 anos de estrada, desde aquela noite em que ‘Hey Joe’, com Hendrix, fez a diferença na parte roqueira de meu coração.

O primeiro livro inconcluso: *A louca guerra número 20*.

Esse teve capítulos escritos ao som dos Beatles. Os vizinhos de quarto não reclamavam; a única perturbação era uma cadela que ficava farejando a porta. Não consegui criar um final para a trama em que me

sentia bem mais escrevendo um roteiro para Jean-Luc Godard (*foto*) do que um romance com princípio, meio e fim.

O tempo era curto, apesar de longo e brabo, e mesmo não estando (ainda) em nenhuma forma de clandestinidade, tinha de manter precauções, inclusive nas cartas enviadas à Paraíba.

Aos 20 anos de boy, já tinha lido de Sartre a Politzer e decidido nunca ser um tiranossauro nas esquerdas. O Terceiro Mundo estava completamente em transe ideológico e sonhava com um desejo: a verdadeira revolução.

Isso me faria assimilar em toda a profundidade, três anos depois, os “discursos” de Gilberto Gil em ‘Questão de ordem’ e Caetano Veloso em ‘É proibido proibir’.

Me faria coredigir o texto final do manifesto tropicalista *Inventário do feudalismo cultural nordestino*, lançado em Olinda; me faria entrar na clandestinidade durante um ano; me faria colaborar com a fundação do PT na Paraíba e presidir a Associação Paraibana de Imprensa, além de coordenar no Estado o movimento das Diretas-Já; e gravar, em 1991, o disco-mix *Sociedade dos poetas putos*, num contraponto à “nova” estética-do-gibão, que se insinuaria como



tentativa de barrar o que tudo de instigante pudesse aparecer, como foi o caso da cultura do “hip hop”.

Sobre o tropicalismo? De Chico Pereira a Belchior, é o livro que mais me cobram. Sairá, sim. Estou fazendo revisões sobre o assunto. Até porque não cheguei a uma conclusão sobre qual movimento foi mais importante e revolucionário para a cultura brasileira: o modernismo ou o tropicalismo.



Foto: Agência Senado

Balanço mostra ações dos deputados em proposições

Sistema de Apoio ao Processo Legislativo contabiliza desempenho dos parlamentares nos últimos três anos

Ademilson José
ademilson51056@gmail.com

O deputado Wallber Virgolino (Patriota) e a deputada Pollyanna Dutra (PSB) são, entre os 36 que compõem o plenário eleito em 2018, o deputado e a deputada que mais apresentaram proposições nesses três anos de mandato (2019, 2020 e 2021) na Assembleia Legislativa do Estado (ALPB).

E com base em dados do Sistema de Apoio ao Processo Legislativo (SAPL), eles dois lideraram disparados, bem à frente dos demais parlamentares, já que, com 4.155, Walber soma quase 400 proposições a mais que o segundo colocado que é seu colega de bancada e

líder da oposição, o deputado Cabo Gilberto (PSL).

Do lado das bancadas do Governo e feminina, a deputada Pollyanna não chega a tanto, mas com suas 1.579 proposições no decorrer desses últimos três anos, ela também supera a segunda colocada e colega socialista, Cida Ramos, em mais de trezentas matérias.

O levantamento não inclui as matérias em que a deputada, ou o deputado, atua como coautor

O levantamento não inclui as matérias em que a deputada ou o deputado atua como coautor e, apesar de alguns deles já estarem com dois ou mais mandatos, os números somados aqui se referem somente aos três anos da atual legislatura, no caso, 2019, 2020 e 2021.

As proposições ou proposituras, conforme a linguagem legislativa, incluem não somente os mais diversos e variados tipos de projetos, mas também requerimentos, recursos, Propostas de Emenda à Constituição e todas as demais iniciativas que são encaminhadas para apreciação dos parlamentares que integram o plenário da Casa.



Foto: Divulgação

Da bancada governista, a deputada Pollyanna apresentou 1.579 proposições no decorrer desses últimos três anos

Uma parlamentar defensora do Sertão e das mulheres

Pollyanna Dutra se diz parlamentar defensora sobretudo do Sertão, dos direitos das mulheres e das minorias LGBT+, mas começa destacando seus projetos pela área de saúde. E o primeiro, segundo ela, foi o de número 11.735 de 2020, que proíbe o reajuste de preços e tarifas nos serviços de Plano de Saúde no período da pandemia do coronavírus.

O segundo, 11.633 de 2019, estabelece sanções tam-

bém para operadoras de plano de saúde que quisessem estabelecer limite de tempo para internações, o que, na opinião da parlamentar, foi muito positivo para a sociedade porque pôs fim a uma imposição das operadoras. "O paciente precisa ficar até melhorar e não até quando o plano de saúde estabelecer", disse.

Entre as proposituras que trabalhou e apresentou, pensando em melhoria de quali-

dade de vida para a população do Sertão, Pollyanna lembrou o projeto 11.677 que disciplina a atividade do mel de abelha no Estado. A iniciativa, conforme a deputada, contribuiu muito para associações e outras enti-

“O paciente precisa ficar até melhorar e não até quando o plano de saúde estabelecer”

dades com atuação nessa área de produção e proporcionou diálogo e comercialização até mesmo com instituições de outros países.

Um projeto mais recente que a deputada Pollyanna Dutra disse fazer questão de citar é o que instituiu o Dia Estadual da Mulher na Política que, devido a sua importância simbólica, inclui entre os que se orgulha também de ter apresentado.

“É uma forma de fazer valer toda essa força que a gente traz contra o machismo, a necessidade de participação da mulher na política e em defesa de outras bandeiras já colocadas nos movimentos sociais e também no movimento das mulheres”, comentou a deputada.

A exemplo de Wallber, a deputada Pollyanna Dutra também está no seu primeiro mandato, mas já foi prefeita

de Pombal por dois mandatos consecutivos. Atua na política da Paraíba já há um bom tempo, mas é natural de Natal, no Rio Grande do Norte. É médica veterinária, casada com o prefeito de Brejo dos Santos, Francisco Dutra Sobrinho (o Barão) e nesses primeiros três anos de mandato tem ficado sempre na terceira colocação pelo critério de proposituras apresentadas.

Transparência e leite de cabra

“Eu já estava pensando aqui em fazer um vídeo sobre minha atuação este ano”, revelou o deputado Walber Virgolino, ao ser informado e consultado sobre os números de final de ano do SAPL e ao fazer questão de dizer que, no meio de suas proposituras, tem muitos requerimentos, mas que também tem muitos projetos importantes, área, na qual, ele acha que também lidera no plenário.

Fez questão de relacionar uns dez projetos que tem na ponta da língua, destacando, entre eles, o 11546 de 2019 que “fixou normas de transparência e dados a serem obrigatoriamente divulgados nos sites eletrônicos dos Poderes e Órgãos Públicos do Estado, com vista ao princípio da publicidade dos atos e ações estatais, garantindo ao cidadão acesso

pleno e irrestrito à informação clara e adequada”.

Também do mesmo ano, ele citou o 11352 que dispõe sobre atendimento prioritário para mulher vítima de violência doméstica e familiar, quando o dano físico necessite de realização de procedimentos cirúrgicos estéticos reparador nos serviços públicos de saúde; e, do ano passado, o 11699 que suspendeu, durante o agravamento da pandemia, as cobranças dos empréstimos consignados contraídos pelos servidores públicos do Estado.

“Como deputado de oposição já enfrenta mais dificuldade para aprovar projeto e, como não podemos apresentar propostas que gerem despesa para o Governo, dá muito trabalho pensar e criar projetos. Mas, com muito trabalho e pesquisa,

temos conseguido”, afirmou o deputado, ao frisar que o que acabou gerando mais debate e polêmica nos últimos meses, foi mesmo o do leite de cabra.

Vetado pelo Governo, o projeto inseria leite de cabra na merenda escolar e terminou sendo motivo de mais debates entre as bancadas do Governo e da oposição. “Mas ganhamos, virou lei e foi um dos exemplos de que nosso trabalho não tem somente quantidade. Tem, também, qualidade”, afirma Wallber.

Wallber Virgolino é delegado de polícia tendo exercido a função aqui e no Rio Grande do Norte, é natural do município de Pombal, está no seu primeiro mandato e, no ano passado, disputou as eleições para prefeito da capital tendo ficado em quarto lugar com 50.801 votos (13,92%).

Foto: ALPB



Wallber Virgolino é delegado de polícia, tendo exercido a função na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Ele é natural do município de Pombal e está no seu primeiro mandato como deputado estadual

Os “10 mais” e o suplente

Como acontece todos os anos, metade dos 36 deputados acaba sendo responsável mesmo pela maior parte das proposituras apresentadas e um grande diferencial da atual legislatura é que um suplente - que poderia não ter feito nada -, terminou atuando bem mais e apresentando mais proposições do que a grande maioria dos titulares.

O suplente é Lindolfo Pires e, junto com Wallber (que foi primeiro no cômputo geral) e com Pollyanna Dutra (que foi terceira no cômputo geral e primeira na bancada feminina e do Governo), estão mais oito parlamentares que fecham a lista dos 10 mais propositivos da atual legislatura.

São eles, Cabo Gilberto (com 3.826 proposituras), Chió (com 1.491), Inácio Falcão (com 1.351), Cida Ramos (com 1.269), Camila Toscano (1.182), Raniery Paulino (1.083), Eduardo Carneiro (1.020) e Ricardo Barbosa (790). Com algumas exceções, são eles que se repetem como os dez primeiros em 2019, 2020 e 2021, inclusive repetindo quantidades aproximadas.

Consultados sobre o assunto e mais precisamente sobre o fato de parlamentares de oposição liderarem o ranking, analistas políticos que acompanham o dia a dia do Poder Legislativo concordam que isso normalmente acontece todos os anos, e que



Foto: CMJP

Lindolfo Pires está entre os parlamentares com mais proposituras

é uma forma de mostrar serviço para compensar o fato de não aparecer nem participar das ações de Governo.

Para esses analistas, a quantidade de parlamentares propositivos do lado da oposição é sempre em quantidade proporcionalmente ao tamanho da oposição. Como na atual legislatura, a bancada da oposição se resume a sete deputados (com oscilações temporárias e circunstanciais de votações) somente três (Wallber, Cabo Gilberto e Camila) estão entre os 10 mais propositivos da Casa nos últimos três anos.

Lindolfo Pires (Podemos), que é de Sousa e que já exerce mandatos na Assembleia Legislativa do Estado desde 2003, ficou na primeira suplência de sua coligação em 2018, mas uma sequência de pedidos de licença do começo da legislatura até agora,

lhe manteve sempre em plenário e ele não tem perdido a oportunidade.

Mas o mais inusitado no apanhado sobre deputados com maior número de proposituras nos últimos anos, foi aparecer o nome do suplente, Lindolfo Pires (Podemos) com 352. Isso deu a ele a vigésima colocação no ranking geral, no caso, com mais proposituras do que uma grande parte dos próprios titulares.

Talvez também tenha sido por isso que, mesmo suplente, acabou as atividades de plenário deste ano como líder da bancada do Governo. Lindolfo Pires é engenheiro e advogado e, como titular, já vai no seu sétimo mandato. No Governo da Paraíba já exerceu as funções de secretário chefe da Casa Civil, de Representação Institucional e de Turismo e Desenvolvimento Econômico.

Julgamentos no STF vão virar munição para Bolsonaro e Lula

Retomada da análise do marco temporal, taxaço de grandes fortunas e proibição da "linguagem neutra" são alguns dos temas

Wesley Galzo
Agência Estado

A tensão voltou a rondar as relações entre o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal depois que o ministro Alexandre de Moraes abriu mais um inquérito para investigar o presidente Jair Bolsonaro

Julgamentos previstos para os próximos meses pelo Supremo Tribunal Federal (STF) têm potencial para virar munição nas eleições de 2022 e acirrar a disputa entre o presidente Jair Bolsonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A participação ativa da Corte em discussões de impacto nacional, principalmente relacionadas à pandemia de Covid-19, deve se intensificar no ano que vem. Na lista dos temas sobre os quais o Supremo vai se debruçar estão a retomada da análise do marco temporal para demarcações de terras indígenas, a taxaço de grandes fortunas e a proibição da chamada "linguagem neutra" nas escolas.

Indicado por Bolsonaro, o novo ministro do STF, André Mendonça, tomou posse na quinta-feira (16), em um cenário de conflito na Praça dos Três Poderes. A tensão voltou a rondar as relações entre o Palácio do Planalto e a Corte depois que o ministro Alexandre de Moraes abriu mais um inquérito para investigar Bolsonaro, desta vez por ele ter associado falsamente a vacina contra Covid ao desenvolvimento da Aids. Ainda nessa segunda-feira, o procurador-geral da República, Augusto Aras, pediu ao STF que revogue esse pedido.

O ministro Luís Roberto Barroso determinou, por sua vez, que os viajantes apresentem passaporte de vacinação contra coronavírus para entrar no Brasil. Foi o que bastou para o presidente subir novamente o tom contra o chamado "ativismo político" do STF.

Bolsonaro conta com Mendonça para atrapalhar a vida de seus adversários na campanha de 2022. O novo ministro assumirá, por exemplo, a relatoria de uma ação pronta para ir a

juízo: a taxaço de grandes fortunas. A pauta é cara ao PT. Lula costuma dizer que é preciso colocar "o pobre no orçamento e o rico no Imposto de Renda". Ciro Gomes (PDT) também cita o tema com frequência em seus discursos. O presidente, no entanto, rechaça a ideia. "Alguns querem que eu taxe grandes fortunas. É um crime, agora, ser rico no Brasil", ironizou ele.

O marco temporal para demarcações de terras indígenas é outro assunto que expõe as divergências entre petistas e bolsonaristas. Para ser votado em plenário, depende somente do presidente do Supremo, Luiz Fux. Em mais de uma ocasião, Bolsonaro disse ser a favor da tese de que indígenas só poderiam reivindicar um território caso ali estivessem quando a Constituição de 1988 foi promulgada. A delimitação, porém, é criticada por partidos de esquerda e defensores da causa indígena.

Alexandre de Moraes liberou a ação para ir a julgamento em outubro, após ter pedido mais tempo para análise do caso. Com a agenda cheia de outros temas importantes, Fux não definiu a data para a ação voltar a ser discutida, o que deve fazer com que as entidades interessadas o pressionem para incluir o processo na agenda de 2022.



Foto: Agência Estado

Julgamentos envolvendo temas polêmicos irão movimentar o Supremo Tribunal Federal em 2022, quando será realizada eleição para presidente da República

+ Fux já prepara lista dos principais processos

O gabinete de Fux já prepara o calendário de julgamentos do ano que vem. A ideia é ter a lista dos principais processos fechada até a próxima sexta-feira, último dia antes do recesso de fim de ano. Uma portaria editada pelo Ministério do Trabalho e Previdência, proibindo empresas de demitir empregados que se recusam a tomar vacina contra Covid, também se transformou em cabo de guerra entre apoiadores de Bolsonaro, de Lula e do governador de São Paulo, João Doria (PSDB). O tucano transformou a vacina em um dos principais temas de sua campanha ao Planalto

O ministro Kassio Nunes Marques, primeiro nome indicado ao STF pelo presidente, pediu que o julgamento do polêmico tema seja presencial. Para especialistas ouvidos pelo Estadão/Broadcast, a portaria fere a Constituição,

uma vez que a saúde coletiva se sobrepõe ao direito individual.

Na pauta de costumes, o julgamento sobre o uso de linguagem neutra em materiais didáticos, salas de aulas e concursos públicos também promete ser assunto de campanha. A ação no STF tem como base o Estado de Rondônia, mas o veredicto pode acabar servindo como jurisprudência, para ser aplicado em outros locais. O processo começou a ser analisado no plenário virtual da Corte, na semana passada, mas Nunes Marques também solicitou que a votação fosse decidida presencialmente.

'Quadrilhão'

Há outras questões prestes a ser julgadas pelo Supremo, como a denúncia contra o "quadrilhão" do MDB no Senado, com impacto

na disputa eleitoral. O partido lançou na semana passada a pré-candidatura da senadora Simone Tebet (MS) ao Planalto. O julgamento pode colocar no banco dos réus nomes de peso do MDB, como Renan Calheiros, Romero Jucá, Edison Lobão, Valdir Raupp e Jader Barbalho, acusados de receber propina oriunda de desvios em contratos da Petrobras durante o governo de Dilma Rousseff. Todos sempre negaram participação no esquema da Petrobras.

O STF precisa decidir, ainda, os rumos do orçamento secreto, que se tornou um dos principais instrumentos de barganha usado pelo Planalto para sustentação do governo no Congresso. Caso seja levada a plenário, a manobra com emendas de relator tende a servir de munição contra Bolsonaro na corrida presidencial.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Aroma de cordel na Casa de José Américo

Quando janeiro chegar, espera-se que o vírus ganhe fêrias eternas e a vida volte a ter antigos sabores, cores e sons. E calor humano. Muitas acontecências serão programadas, ou já estão sendo engendradas. Na Fundação Casa de José Américo, o ativo presidente Fernando Moura ajeta a agenda, idealiza o ano que vem e seus movimentos de reconeço. Um dos primeiros eventos é a retomada da Feira dos Aromas, encontro de produtores da agricultura familiar com artistas populares e projetos comunitários, artesãos e poetas do cordel. No meio dessa feira, Moura informa que vai mandar armar as tendas dos folheteiros, os poetas de bancada para lançar folhetos do projeto "Como tem Zé na Paraíba", homenagens rimadas aos personagens batizados por "José" da história da Paraíba, desde Zé Lins a Zé Siqueira, passando por Zé Gomes Filho (Jackson do Pandeiro), Zé da Luz, Zé Dumont e tantos "zés" da grande e diversificada cultura paraibana.

Estou na fila dos cordelistas, lançando biografia rimada com quatro "zés" de minha terra: Zé da Luz, Zé Especíá, Zé Mocó, e Zé Quarenta e Um. O primeiro é mestre da poesia matuta, o outro é o rei do Boi de Reis, Zé Mocó no papel de cacique dos caboclinhos e o último é expressão

maior da resistência e persistência da cultura popular ligada ao coco de roda.

Chegou a vez de o paraibano conhecer quatro personagens icônicas da mais pura expressão artística genuinamente paraibana, inseridas simbolicamente na literatura de cordel, reforçando esse diálogo que se pretende ajustar com a nova geração, fora do colóquio restrito das redes sociais.

Gosto de pensar que sou parente distante do cara que inventou a literatura de cordel. Chamava-se Ugulino Nunes da Costa, paraibano de Teixeira, nascido em 1842, o primeiro glosador do Brasil, precursor também da cantoria de repente com acompanhamento de viola. Também foi o primeiro a escrever seus versos em um caderno. Conhecido como Ugulino do Teixeira e Gulino do Sabugi, esse prenunciador da grande arte do cordel anotou seus melhores versos em um volumoso caderno que "foi queimado em incêndio na casa do cantor Germano da Lagoa, a quem Ugulino havia emprestado o precioso documentário das suas poesias", conforme afirma Francisco das Chagas Batista no seu livro "Cantadores e poetas populares". Da Serra do Teixeira e Cariri Ocidental na

Paraíba, o repente ao som de viola se espalhou pelo Sertão do Moxotó e na região do Pajeú de Pernambuco. Na Paraíba, a poesia de repente teve como berço três cidades: Teixeira, Princesa e Monteiro. Nesses pedaços da Paraíba e Pernambuco nasceram os mais importantes e geniais cantadores, a partir do lendário Ugulino do Sabugi.

No meu folheto "Os quatro mestres "Zé" da cultura popular em Itabaiana", falando de Zé Especíá:

No folheto relicário
Da cultura popular
Mestres "Zé" de Itabaiana
Nós queremos destacar
Famosos e zé-ninguém
Suas vidas vou cantar

Destaco, pra começar,
Um homenzinho franzino
Zé Especíá do Boi
Com a alma de menino
Mestre do boi e reisoado
Exímio chefe bovino.

Sobre o embolador Zé Quarenta e Um:

"Quarenta e um" no vocal
Improvisava uma loa
Com seu bigode vultoso
Era o capitão de proa
Daquela nau exultante
Que nos quilombos ecoa

O coco ainda ressoa
Mistura de índio e preto
"Quarenta e um", zé cafuço
Carregava um amuleto
Para afastar a mandinga
E se integrar no seu gueto.

As peripécias dos quatro "zés" deixo para apresentar tudo na Feira dos Aromas, quando janeiro chegar. O cordel se tornou para mim uma necessidade de exteriorização, atividade quase diária, meu jeito de relatar o mundo que me cerca e o que vai na cachola.



TJPB ampliou serviços com uso de tecnologia em 2021

Presidente Saulo Benevides faz balanço do ano e afirma que busca pela excelência foi meta constante do tribunal

Um tribunal inserido no contexto de evolução tecnológica que tem, com o uso de meios eletrônicos, ampliado o atendimento à população, oferecendo mais serviços, como o Pix, para a efetivação de pagamento de custas judiciais; Postos Avançados de Atendimento em diversos municípios para facilitar o acesso à Justiça, que, inclusive, têm servido de inspiração para outros tribunais do país; e massificação da cultura da mediação e conciliação, com a abertura de Centros de Conciliação (Cejuscs), um deles para atender indígenas, o segundo do Brasil na modalidade.

Cada vez mais vivenciando a era digital, com o lançamento em agosto deste ano do Juízo 100% Digital, permitindo ao cidadão se valer de tecnologia para ter acesso ao Judiciário sem precisar comparecer fisicamente nos fóruns, o Tribunal de Justiça da Paraíba busca a excelência dos seus serviços. Números do Conselho Nacional de Justiça, no Prêmio CNJ de Qualidade, revelam essa realidade: pelo 2º ano consecutivo, o TJPB foi premiado com o Selo Prata. O tribunal evoluiu seu percentual de conformidade com os critérios de 53,93% para 62,7%, mantendo não só a premiação, mas subindo da 9ª colocação, em 2020, para a 3ª, este ano.

Essa linha de atuação faz parte das metas da gestão do desembargador Saulo Henriques de Sá e Benevides, presidente do TJPB, empreendidas em 2021 e que devem ser expandidas no ano de 2022. No caminho do aperfeiçoamento, o tribunal já iniciou entendimentos com a Fundação Parque Tecnológico da Paraíba (PaqTcPB) para aliança estratégica em matéria de inovação e inteligência.

Nesse trabalho, o desembargador Saulo Benevides faz questão de destacar que conta com o apoio da vice-presidente, desembargadora Maria das Graças Morais Guedes, responsável pelo acompanhamento do cumprimento das metas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e presidente do Comitê de Incentivo à Participação Feminina no Poder Judiciário; e do corregedor-geral de Justiça, desembargador Frederico da Nóbrega Coutinho; além dos demais integrantes

da Corte. Ressaltou, também, a indispensável contribuição dos juízes auxiliares da presidência, Giovanni Porto, Euler Jansen e Rodrigo Marques. De acordo com o presidente, foi igualmente importante a efetiva contribuição dos diretores do TJPB, de todos os juízes diretores de fórum e demais magistrados.

Mesmo em ano de pandemia da Covid-19, o Judiciário paraibano avançou com a abertura de novos meios de atendimento aos jurisdicionados, a partir da instalação de balcões virtuais, onde as pessoas passaram a ter acesso de forma direta e imediata, por videoconferência, ao setor de atendimento em todas as unidades judiciárias no Estado, e a adoção pelos magistrados de redes sociais para dialogar com advogados e partes.

Ao inaugurar o sistema do Balcão Virtual, o presidente do tribunal afirmou que era preciso ter um olhar social e criar alternativas que garantissem às pessoas mais humildes formas de buscar a Justiça nesse tempo de pandemia da Covid-19. Seguindo essa linha, Salas Virtuais de Atendimento a Distância (SATJ) foram inauguradas em diversos fóruns, possibilitando a realização de atos processuais por videoconferência, a exemplo de oitivas, em que testemunhas ou partes de um processo judicial são ouvidas em outros estados brasileiros e até mesmo fora do país.

Ainda no leque de serviços, o TJPB instalou, no dia 9 de dezembro, a Segunda Vara de Entorpecentes e o Cartório Unificado no Fórum Criminal da Comarca de João Pessoa. Antes, no dia 24 de novembro, o primeiro Juizado da Fazenda Pública da Paraíba foi instalado no Fórum Affonso Campos, em Campina Grande. Lá, também foram inauguradas a central de mandados e a sala dos oficiais de Justiça.

No Fórum Cível da Capital, as novas instalações da central de mandados da capital, sala dos oficiais de Justiça, sala do plantão Judiciário e do atendimento virtual a distância foram entregues no dia 16 de novembro. "Isso significa dizer que estamos atentos à valorização do trabalho de todos os servidores do Poder Judiciário estadual", comentou, na ocasião, o presidente do TJPB.

Benevides ressaltou o olhar social da gestão, que criou alternativas para garantir às pessoas mais humildes, formas de buscar a Justiça, especialmente neste tempo de pandemia



Uso do Pix foi pioneiro no Brasil

Já o pagamento das custas judiciais através do Pix, de forma pioneira no Judiciário brasileiro, teve início no dia 1º de novembro, após estudos coordenados pela diretora de Economia e Finanças Izabel Izidoro. O procedimento funciona com a disponibilização de um QRCode. Nas iniciativas, 30 municípios receberam postos avançados de atendimento nesta gestão, beneficiando mais 220 mil habitantes com a descentralização de atendimento nas sedes de nove comarcas.

Na gestão do biênio 2021/2022, o teletrabalho, que se mostrou eficiente, foi regulamentado e mantido em algumas áreas administrativas. Porém, com medidas de biossegurança, houve retorno gradual de servidores e juizes às atividades presenciais. Júris de réus presos, com testagem para Covid-19 de todos os envolvidos, voltaram a ocorrer em 2021.

O TJPB participou, também, de campanhas nacionais coordenadas pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), a exemplo da Semana Justiça pela Paz em Casa, voltada ao combate à violência doméstica e familiar contra a mulher, com destaque para a realização de julgamentos de casos de feminicídio. Este ano, houve a participação do Gabinete Virtual na realização de 91 audiências, prolatando 33 sentenças ao atuar nas unidades da capital, Campina Grande e Patos.

Presidido pelo desembargador João Benedito da Silva, o Gabinete Virtual foi criado para auxiliar a prestação jurisdicional nas unidades judiciárias com grande volume processual. Até agora já movimentou mais de 30 mil feitos.

Ações de proteção às mulheres têm sido apoiadas pelo tribunal. O

desembargador Saulo Benevides, desembargadores e juizes apoiaram a Campanha do Laço Branco "Jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos frente a essa violência".

Já a Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça da Paraíba, responsável pela execução da campanha Justiça pela Paz em Casa no Estado, conseguiu o apoio da direção da Câmara dos Diretores Lojistas (CDL) de João Pessoa com o selo de adesão dos estabelecimentos comerciais ao enfrentamento à violência contra a mulher, o mesmo ocorreu em relação às redes de supermercados e condomínios residenciais, que aderiram à campanha Sinal Vermelho.

Outra campanha de destaque foi a XVI Semana Nacional da Conciliação, quando foram alcançados quase R\$ 1,5 milhão em acordos na Paraíba. "Sempre apoiamos os métodos de conciliação, como forma de levar a Justiça a todos", disse o presidente do TJPB ao abrir o evento. De acordo com o Núcleo Permanente de Métodos Consensuais de Solução de Conflitos (Nupemec), coordenado pela desembargadora Fátima Bezerra Cavalcanti, entre os dias 8 e 12 de novembro foram realizadas 699 audiências, com 264 acordos.

O desembargador Saulo Benevides destaca que o TJPB chega ao recesso forense deste ano com um dos mais altos índices entre os tribunais brasileiros no cumprimento dos pagamentos de precatórios. Com sistema eletrônico, através da ferramenta Sapre, e incorporado ao PJe (Processo Judicial eletrônico), a liberação de precatórios foi acelerada e os acordos multiplicados.

Precatórios em pauta

O juiz auxiliar da presidência, Giovanni Magalhães Porto, responsável pelo setor de precatórios, ressalta que a pasta recebeu uma atenção especial do presidente do tribunal. Mais de R\$ 320 milhões foram destinados a pagamentos, parte já efetivada e outra em procedimento para pagar. O ano forense de 2021 foi encerrado, por exemplo, com a homologação dos acordos do Edital nº 001/2019, incluindo beneficiários dos orçamentos 2016 a 2020 do Estado da Paraíba, que somaram mais de R\$ 100 milhões.

Houve, ainda, o início do descarte e envio para reciclagem de mais de 70 mil processos cíveis digitalizados e inseridos no sistema do Processo Judicial eletrônico. De acordo com a Diretoria de Tecnologia da Informação, no ano de 2021 ocorreram várias intervenções no sistema do PJe, para melhorar a prestação jurisdicional e evitar o retrabalho entre os servidores, tanto do 1º como 2º Grau. A comunicação entre a 1ª e 2ª instância, por exemplo, que antes era feita através de malote digital, passou, com as mudanças, a ocorrer diretamente no sistema do PJe, simplificando o trâmite. Hoje, o PJe tem no seu acervo mais de 650 mil processos no âmbito do 1º Grau.

Ocorreu, também, a instituição do Núcleo de Ações Coletivas (NAC) e da Comissão Permanente de Acessibilidade e Inclusão; e tratativas para implantação da Justiça Restaurativa.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.



1 Alain Moszkowicz, Nadege Sá, Andrea Libardi, Marletti Assis, Socorro Roque, Roziane Coelho, Chico Pinto, Patricia Sales, Land Seixas, Erika Gurgel, e Berna Farias são os aniversariantes da semana.

2 Conhecida como cidade da cultura e do saber, Cajazeiras marcou, semana passada, dois tentos nesse seu campo de atividades: a entrega de reformas na Biblioteca Municipal Castro Pinto e premiação do IV Concurso Literário LEARTE, patrocinado pela Secretaria de Educação do Município, à frente a professora Socorro Delfino (foto). Com a presença do prefeito José Aldemir e da Dr^a. Paula, foi lançada a III Antologia Literária. A notícia nos foi passada pelo Prof. Francelino Soares.

3 A tradicional Feijoada do Abelardo que, neste ano, aconteceu no Lovina Beach, alcançou, mais uma vez, sucesso total. Confira o registro de alguns dos melhores momentos.

4 A jornalista Berna Farias, na foto entre esta colunista e as amigas Júlia Ferrer, Luzenira Sobreira, Roselma Virgulino e Da Paz Gonçalves, recebe, na manhã deste domingo, familiares e amigos para festejar seu aniversário, no quiosque Tororó.

5 Durante o Fest Aruanda, festival de cinema realizado no Manaíra Shopping e sob a liderança do jornalista e crítico de cinema Lúcio Vilar, registrei o lançamento do livro Ney Matogrosso, a biografia, escrita pelo jornalista Júlio Maria. Na foto, o artista Ney Matogrosso com a jornalista Andréia Barros, e a capa da obra.

6 A equipe de trabalho do setor da Gerência de Planejamento da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Paraíba, liderada pelo coronel Ricardo Sérgio de Andrade, se confraternizou durante evento no restaurante Muxima, na Praia da Penha, em João Pessoa.

7 Durante Fantour, que realizei ao Centro Histórico de nossa capital, a bordo de A Jardineira Flor da Trilha, as amigas Marluce Almeida, Ana Acioly, Divani Brasil, Graças Melo, Antonieta Sousa, Maria Melo e Mercês Andrade se encantaram com o Museu do Artesanato Janete Costa.

8 A diretoria do Areia Convention & Visitors Bureau (C&VB), associação idealizada pela prefeita Sílvia Cesar Cunha Luna (foto) e que tem como objetivo captar eventos para o município, vai tomar posse na noite de amanhã, durante solenidade no auditório do Colégio Santa Rita.

9 A querida amiga Ana Rosa Souto, na foto com a filha Ana Virginia Souto Vitorino e a mãe Ana Olímpia Souto, teve seu aniversário festejado em sua residência no bairro do Miramar.

10 Os paraibanos Regina Amorim Medeiros e Ferdinando Lucena receberam, respectivamente, o Prêmio Caio 2021, nas categorias Marketing de Destinos, e Centro de Convenções.



IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
DOUTOR HERNIA
FONE: (83) 3204-0423
98708-8189



Fotos: Arquivo pessoal

Ideias surgidas no ambiente acadêmico, como a do projeto Oficinas 4.0, conduzido pelo professor Mauricio Zorro, têm ajudado pequenos empreendedores a vencer dificuldades encontradas no dia a dia

Conhecimento científico auxilia pequenos negócios na Paraíba

Iniciativas que vêm das universidades têm colaborado com o desempenho de atividades e com o crescimento de empresas

Carol Cassoli
Especial para A União

De janeiro do ano passado a novembro deste ano, o número de pessoas abrindo negócios no Brasil bateu recorde. Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), foram mais de cinco milhões de microempreendedores individuais que se formalizaram. O cenário favoreceu a relação entre as empresas e o ambiente científico, que buscou aprimorar as condições de trabalho de pessoas envolvidas em micro e pequenos negócios através de soluções tecnológicas.

Desenvolvido por uma das equipes de pesquisadores do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), o projeto Oficinas 4.0 busca proporcionar alternativas tecnológicas, de baixo custo, para um grupo de marisqueiras e pescadores do Conjunto Renascer, em Cabedelo, Região Metropolitana de João Pessoa. A iniciativa, coordenada pelo professor da Pró-reitoria de inovação do IFPB, Mauri-

cio Camargo Zorro, apresentou à comunidade um modelo de peneira automática voltada à separação da carne encontrada na concha do marisco. A ideia contribui não apenas para facilitar o trabalho, mas também para a manutenção da saúde alimentar dos consumidores, a partir da redução das chances de contaminação cruzada que a separação manual pode causar.

Aluno do terceiro ano do curso de Eletrotécnica integrado ao Ensino Médio, Paulo Pietro teve, junto com outros cinco colegas, a função de simular e modelar alguns dos protótipos

pensados durante a primeira fase do Oficinas 4.0. Foram os protótipos de Paulo que tornaram possível a criação da máquina de bater mariscos.

Para o professor Mauricio Zorro, a oficina foi uma oportunidade para os alunos, "tendo em vista que foi possível integrar os saberes da comunidade de marisqueiras e pescadores, e dos alunos e professores envolvidos". Apresentada à comunidade em novembro, o resultado foi bem aceito. "Ao ver a felicidade no rosto dessas trabalhadoras, me senti grato por ter participado do projeto", afirma.

Atuação na construção civil

Além de atuar na facilitação do trabalho da comunidade pesqueira, o programa do IFPB também se dedica à elaboração de um protótipo que, com grandes volumes de resíduos das conchas de marisco, contribuem para os setores da construção civil e da indústria. De acordo com Maurício Zorro, este material seria um viabilizador de renda para pessoas envolvidas na pesca de marisco.

Esta seria, também, uma alternativa sustentável para a redução dos impactos ambientais causados às margens do curso d'água e do manguezal no estuário (a transição entre o rio e o mar) do Rio Paraíba. Os pesquisadores pretendem, ainda, levar até a comunidade pesqueira um modelo de biodigestor automático que use o resíduo líquido de marisco para a produção de biogás.



Projeto desenvolve 'identidade visual'

As universidades públicas paraibanas também dispõem de iniciativas que contribuem para o desenvolvimento de negócios já existentes. É o caso dos serviços prestados pela Empresa Júnior OVNI, vinculada ao curso de Design da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que oferece diversos serviços, entre eles, o de identidade visual.

"Já colaboramos com vários segmentos de negócios, como lojas de vestuário, empreendedores da área de saúde, artesãos e outros", comenta a presidente da associação, Marcelle Tôres. Vinte dos estudantes compõem a empresa e se dividem em equipes voltadas à otimização do atendimento dos clientes.

De acordo com Marcelle, além de ser benéfica para a sociedade, a empresa contribui para a formação multidisciplinar dos alunos, que podem aprender sobre os diversos setores de um negócio, desde a execução de projetos até a administração. "A cultura empreendedora é algo muito importante para nós, para nossa organização e no reflexo em nossos clientes".

Exportação de renda do Cariri

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o projeto de extensão Comércio Exterior e Oportunidades de Trabalho no Estado da Paraíba: Noções Básicas de Exportação e Importação (Probex Comex), visa a comercialização da renda renascer, produzida especialmente no Cariri.

A iniciativa tem como objetivo orientar microempreendedoras individuais que se dedicam ao desenvolvimento do artesanato paraibano e conta com a colaboração de prefeituras do Cariri e de empresas juniores da própria universidade.

Coordenado pela professora do Departamento de Economia da UFPB, Márcia Paixão, o projeto procura valorizar a atividade. "O objetivo é a exportação da mercadoria considerando outras nuances, como a estruturação de um site para comercialização dentro e fora do país", explica. Na região, a atividade é tradicional o que agrega um valor simbólico ao comercial, por isso, as rendeiras são orientadas na formatação de um modelo de negócio que leve isso em consideração.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

A batalha do Banco Central contra o dragão adormecido

Na nossa coluna de hoje iremos falar sobre o Banco Central e sua desafiadora luta contra o dragão adormecido, a inflação. Diga-se de passagem, muito acima da meta estimada, que era de 3,75% para 2021. Entretanto, os limites da taxa poderiam variar entre 2,25% e 5,25%. Historicamente, quase perdemos uma batalha contra o dragão da inflação na década de 1980, logo, o brasileiro sabe muito bem como é ver seu poder aquisitivo diminuir rapidamente, dia após dia.

Há quem diga que é necessário um novo "Plano Real" para combater esse dragão que nos aflige nos últimos tempos, mas muita calma nessa hora. Vale ressaltar, que essa batalha não é apenas nossa, alguns bancos centrais das principais economias do mundo têm mostrado muita cautela frente à persistência do dragão inflacionário.

Voltando no tempo, mais precisamente em 1999, adotamos o regime de metas de inflação, para

controlar ou manter a inflação em níveis relativamente baixos. O regime de metas foi e ainda é fundamental para dar maior previsibilidade para a economia, melhorar o planejamento das famílias, investidores, empresas e o próprio governo. De lá para cá, a inflação ficou fora da meta em cinco anos: 2001, 2002, 2003, 2015 e 2017. Em 2017, a inflação ficou abaixo da meta mínima. Somente em 2015 que a meta máxima (6,5%) foi ultrapassada, terminando o ano em 10,67%. Segundo dados do IBGE, em novembro de 2021, o IPCA acumulado do ano chegou a 9,26%. Nos últimos 12 meses, a taxa é de 10,74% superando o resultado de 2015. Estamos convictos que esse ano iremos ficar mais uma vez fora da meta.

Antes de entrar na discussão, vamos deixar claro que a principal finalidade do Banco Central é controlar a inflação. O Banco Central é responsável pela condução da política monetária, através do controle da oferta de moeda na

economia. Na última ata do Comitê da Política Monetária (Copom), publicada no dia 14 de dezembro, percebeu-se novas preocupações quanto ao cenário externo, em decorrência de uma nova onda da Covid-19 pelo aparecimento da variante Ômicron, adicionando mais incertezas quanto a recuperação nas economias centrais.

No cenário interno, percebe-se, com base no último resultado do PIB, ligeiro recuo da atividade econômica e deterioração dos índices de confiança. Fatos que corroboram com a perspectiva que temos sobre o desaquecimento da economia brasileira.

Por fim, a inflação ainda segue elevada. Após 35 semanas de aumento, o mercado finalmente reduziu a previsão de inflação para este em ano em 10,05%. Previsão era de 10,18%. Para 2022, o mercado manteve a previsão de 5,02%. Com isso, a inflação segue ligeiramente acima do teto para o ano que vem.

Diante desse cenário, o Copom aponta

sinais claros de mais aperto monetário, ou seja, mais política contracionista, no ritmo de ajuste de 1,50 ponto percentual para conter o dragão no máximo até 2022. Na última reunião, o Copom decidiu elevar a taxa básica de juros da economia em 1,50 ponto percentual, para 9,25% a.a. Nesse compasso chegaremos a 10,75% a.a. O que não é muito difícil de prever, é que possivelmente teremos baixo crescimento do PIB no próximo ano. Afinal, já estamos em recessão técnica, nossa economia recuou por dois trimestres consecutivos. Estamos atentos e de olho nos fatos.

Nossa coluna irá dar uma pausa nos próximos dois finais de semana, face comemorações de fim de ano, todavia, colaboraremos com o caderno de economia em algumas matérias sobre retrospectivas do ano 2021, perspectivas para o próximo ano e os desafios que enfrentaremos nesse cenário.

Feliz Natal a todos, um ano novo otimista.

Até a próxima!

Juros são como o preço do "aluguel" do dinheiro e equivalem à remuneração para quem emprestou o dinheiro por um período de tempo a terceiros

Brasileiros pagam mais juros e tendência segue em 2022

Conhecer os tipos de taxas contribui para planejamento financeiro adequado, especialmente em períodos de crise, como o atual

Agência Brasil
Com Redação

Os juros fazem parte do cotidiano financeiro da maioria das pessoas, seja para quem pega dinheiro emprestado ou para quem investe. Conhecer os tipos de juros pode ajudar a tomar decisões e fazer um planejamento financeiro adequado, especialmente no período atual, em que as taxas estão elevadas fazendo o brasileiro pagar mais, podendo comprometer o orçamento mensal.

Conforme o Banco Central (BC), os juros são como o preço do "aluguel" do dinheiro por um período de tempo, a remuneração paga a quem emprestou o dinheiro ou aplicou os recursos. Os bancos e outras instituições financeiras fazem a intermediação entre quem tem dinheiro (poupador ou investidor) e quem precisa de dinheiro (tomador ou devedor).

O dinheiro do investidor aplicado na instituição financeira será emprestado ao tomador (devedor), que pagará o valor mais juros ao banco. O banco fica com parcela do valor pago como remuneração e devolve ao investidor a quantia acrescida de juros, na data combinada. Assim, explica o BC, o tomador de crédito vai devolver ao banco um valor superior ao que tomou emprestado, e o poupador vai receber um montante maior do que o investido.

Como são calculados

O cálculo é feito pela divisão dos juros contratados pelo capital emprestado ou poupado. O BC

cita como exemplo: se os juros cobrados por um empréstimo de R\$ 1.000 durante um ano forem R\$ 80, isso significa que o tomador pagou uma taxa de juros de 8% ao ano. O cálculo é feito da seguinte forma: juros/capital , ou seja, $80/1.000 = 8/100$ por ano = 8% ao ano.

Em um investimento total de R\$ 1.000 com taxa de juros de 5% ao ano, o investidor receberá R\$ 5 por cada R\$ 100 investidos ($5/100$) durante um ano, o que, ao final do período, totalizará a quantia de R\$ 1.050.

No site do BC, há uma calculadora que ajuda a fazer os cálculos de juros.



Acesse a calculadora do cidadão do Banco Central por meio do QR Code

Custo Efetivo Total

Além da taxa de juros, existem outros custos envolvidos nas operações de crédito. O Custo Efetivo Total (CET) foi criado para que o consumidor possa comparar melhor as condições dos financiamentos oferecidos pelas instituições financeiras. O BC destaca que o CET deve ser expresso na forma de taxa percentual anual e incorpora todos os encargos e despesas incidentes nas operações de crédito: taxa de juro, tarifas, tributos, seguros e outras despesas.

A planilha de cálculo do CET deve explicitar, além do valor em reais de cada componente do fluxo da operação, os respectivos percentuais em relação ao valor total devido. O demonstrativo de cálculo do CET deve ser destacado no contrato.



Taxa básica ajuda no controle da inflação

A taxa Selic é uma espécie de referencial para todas as operações financeiras no país. Foi criada no ano de 1979 pela Andima (Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto) e seu objetivo era deixar a negociação dos títulos públicos mais segura e transparente.

Estabelecida pelo Comitê de Política Monetária (Copom), a cada 45 dias, a taxa é utilizada para controlar a inflação. Ou seja, quando a inflação está alta, o BC aumenta os juros a fim de reduzir o consumo. Assim, os preços caem. Em um cenário de queda, ele reduz os juros para estimular o consumo.

Este ano, a Selic, vem computando elevação a cada nova reunião do Copom. O índice está em 9,25% e, para fevereiro do ano que vem, a previsão é que seja feita uma nova alta.

Em ata, o Copom diz que avaliou a possibilidade de fazer um ajuste maior do que 1,5 ponto percentual na Selic, mas decidiu manter o ritmo de ajuste. "Concluiu-se que o ritmo de ajuste de 1,5 ponto percentual, neste momento, é adequado

para atingir, ao longo do ciclo de aperto monetário, um patamar suficientemente contracionista para não somente garantir a convergência da inflação ao longo do horizonte relevante, mas também consolidar a ancoragem das expectativas de prazos mais longos", acrescenta a ata.

Para o Copom, a decisão fará com que a inflação convirja para a meta em 2022 e em 2023. "Sem prejuízo de seu objetivo fundamental de assegurar a estabilidade de preços, essa decisão também implica suavização das flutuações do nível de atividade econômica e fomento do pleno emprego", ressalta.

Para 2021, o Conselho Monetário Nacional (CMN) fixou a meta de inflação em 3,75%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual. Ou seja, o limite superior é 5,25% e o inferior, 2,25%. A meta de 2022 é 3,50% e para 2023, é 3,25%, com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual para os dois anos. Ou seja, por esse cenário, a inflação ficará acima do limite superior da meta em 2021 e do centro da meta em 2022.

/// Sem prejuízo de seu objetivo fundamental de assegurar a estabilidade de preços, a decisão (de subir a taxa) implica suavização da atividade econômica e fomento do emprego ///

Conheça os tipos de juros

Juros simples

Essa taxa é calculada sobre o capital inicial, que é o valor emprestado ou investido. Não há cobrança de juros sobre juros acumulados ao longo do tempo. Por exemplo, em um empréstimo de R\$ 1.000, com taxa de juros simples de 8% ao ano, com duração de 2 anos, o total de juros será R\$ 80 no primeiro ano e R\$ 80 no segundo ano. Ao final do contrato, o tomador devolverá o principal e os juros simples de cada ano, ou seja, $R\$ 1.000 + R\$ 80 + R\$ 80 = R\$ 1.160$.

Juros composto

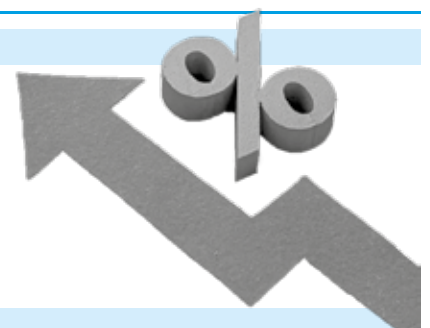
Neste cálculo, explica o BC, para cada período do contrato, diário, mensal, anual, por exemplo, há um "novo capital" para a cobrança da taxa de juros contratada. Esse "novo capital" é a soma do capital e do juro cobrado no período anterior. Por exemplo: em um empréstimo de R\$ 1.000, com taxa de juros composta de 8% ao ano, com duração de 2 anos, o total de juros será R\$ 80 no primeiro ano. No segundo ano, os juros vão ser somados ao capital ($R\$ 1.000 + R\$ 80 = R\$ 1.080$), resultando em juros de R\$ 86 (8% de R\$ 1.080). Os juros do primeiro ano (R\$ 80) são somados aos juros do segundo ano (R\$ 86), totalizando o valor de R\$ 1.166 que deverá ser devolvido ao fim do empréstimo.

Juros real

Essa é a taxa nominal, com o desconto da inflação. É uma taxa importante para os investidores que sempre buscam retorno acima da inflação, ou seja, com ganho real. Por exemplo, se uma instituição financeira informar que a rentabilidade de um investimento é de 10% (juros nominais) e a inflação ficou em 2%. Com esses dados chega-se à taxa de juros real de aproximadamente 7,84%. A fórmula para esse cálculo é: $(1,10/1,02-1)*100$.

Contratos

Valores emprestados pelos bancos vêm de investidores e são devolvidos a estes com o acréscimo dos juros cobrados





Bingó dá novos passos para instalação no Sertão da PB

Governo do Estado garante recursos de R\$ 12 milhões para a construção do equipamento no município de Aguiar

Renato Félix
Assessoria SEC&T

A implantação do radiotelescópio Bingó no município de Aguiar, no Sertão do estado, vai dando seus passos. Na terça-feira passada, o governador João Azevêdo assinou um termo de outorga para concessão de recursos de R\$ 12 milhões para a construção do equipamento, que encontrou na Paraíba o local ideal para ser implantado e investigar os segredos do espaço. Tecnicamente, o trabalho continua: o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) segue testando equipamentos que vão compor o radiotelescópio.

O físico Élcio Abdalla, coordenador-geral do

projeto Bingó (palavra que é a abreviação de Baryon Acoustic Oscillations from Integrated Neutral Gas), afirma que esse investimento do Governo do Estado vai impulsionar o projeto de várias formas. “Da forma material é a complementação que nós necessitávamos para tudo com certeza no lugar no ano de 2022”, disse, no evento. “Mas tem mais do que isso. O apoio que está sendo dado também é uma certeza de que nós estamos melhor agrupados, que temos um impacto social bastante relevante, que vamos ter um impacto educacional nesse projeto que vai ser muito importante”.

Por aqui, a Universidade Federal de Campina Grande

serve como uma base local para o projeto e vai treinando estudantes no assunto. Professores da Engenharia Elétrica juntamente com os professores da Física da UFCG vão desenvolvendo o projeto do Uirapuru, um radiotelescópio montado com um protótipo de antena corneta do Bingó.

No Inpe, em São Paulo, os cientistas vão acompanhando a produção das cornetas que vão compor o radiotelescópio em Aguiar. O equipamento, que leva esse nome por causa da semelhança no formato com o instrumento musical, coleta as ondas de rádio espaciais captadas pela antena parabólica do Bingó. São 4,3 metros de comprimentos,

com 1,9 metro de diâmetro na boca e serão 28 cornetas formando uma “plantação” no local.

“Estamos acompanhando e qualificando a empresa que constrói as cornetas”, informa. Mônica Rocha, diretora substituta do instituto, que também esteve presente ao evento em João Pessoa. “Recebemos uma unidade para testes na sexta-feira da semana passada”.

“A gente tem acompanhado de perto a construção em massa das cornetas, tem feito bastante sugestões à empresa que está desenvolvendo as cornetas, de forma a melhorar a qualidade”, diz o astrofísico Alex Wuensche, pesquisador da Divisão de Astrofísica do Inpe. “Temos

um protótipo de receptor já montado, estamos aguardando os componentes para fechar o receptor completo, que devem chegar em meados de fevereiro – são amplificadores comprados da China, então eles levam um tempinho pra chegar”.

A expectativa é de que o receptor esteja montado e testado até o final de abril do ano que vem. “A partir daí a gente começa a produção em massa de receptores”, explica ele. “O que a gente tem falado é que, com a infraestrutura que nós temos hoje e os espelhos – cuja assinatura é agora – a gente pode colocar pelo menos uma corneta – talvez três, por conta do formato de montagem – pra funcionar ainda este ano”.

Espelhos, no caso, são aqueles que vão compor a imensa antena parabólica do tamanho de um campo de futebol que será erguida em Aguiar, apontada para o céu. A antena é fixa, permanece apontada para o mesmo ponto. O que se move é o céu: ele gira e passa em frente à mira do Bingó.

No Inpe, em São Paulo, os cientistas acompanham a produção das cornetas que vão compor o radiotelescópio em Aguiar

+ Inpe possui dois radiotelescópios no campus do estado de São Paulo

Enquanto o Inpe encontrou no Sertão da Paraíba um local isolado o suficiente para o funcionamento ideal do Bingó – longe de sinais que possam interferir na pesquisa do equipamento –, o instituto possui dois outros radiotelescópios em seu campus no município de Cachoeira Paulista, no Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. São o BDA e o GEM.

Eles operam na mesma frequência ou muito próximo à frequência do Bingó. “Eles estão em processo de manutenção e devem voltar a funcionar em 2022”, diz Alex Wuensche. “O GEM é um telescópio que opera em várias frequências e funcionará como uma ‘extensão’ do Bingó em São Paulo, observando a mesma

região do céu em uma frequência muito próxima”.

“O BDA é um interferômetro – atualmente voltando a operar com sete antenas, mas o total são 26 antenas”, continua o astrofísico. O radiotelescópio estava fora de combate após ser danificado em um incêndio no ano passado, mas está voltando à ativa. “O BDA opera

também na frequência do Bingó e é dedicado à física solar, mas pode cobrir a região que o Bingó observa à noite, aumentando a sensibilidade do Bingó se combinamos os resultados”.

A ideia é que os diferentes radiotelescópios observem os mesmos pontos do céu para que os resultados possam ser comparados.

“Nós viemos para cá com a visão de um local científico promissor”

Os radiotelescópios não são como os telescópios que estão no imaginário popular, em que pessoas pesquisam o céu olhando através de lentes superpotentes. Eles captam ondas de rádio e as “traduzem” em imagens. São como rádios de pilha ou telefones celulares superpotentes, trilhões de vezes mais sensíveis.

O investimento é de R\$ 20 milhões, oriundo do Ministério da

Ciência, Tecnologia e Inovações, da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (Fapesp) e do Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa do estado da Paraíba (FapesqPB). E o evento da assinatura do termo de outorga mostrou aos cientistas que o radiotelescópio pode extrapolar suas funções originais, já conquistando a simpatia da fatia da população de Aguiar e

do estado que está por dentro dos acontecimentos.

“Quando começamos o projeto, não esperávamos essa receptividade”, afirma Élcio Abdalla. “Nós viemos para cá com a visão de um local científico promissor. A primeira surpresa depois do local físico foi a recepção da Universidade Federal de Campina Grande e depois do Governo e da população”.

Esse é um ponto que ajuda na

ampliação da influência do Bingó. “A ciência se expande para outras direções, que são a social e a educacional. Já tínhamos a científica e a tecnológica preparadas e em ação, a educacional nós tínhamos pensado, mas ainda não tínhamos realizado”, conta ele. “Podemos esperar realmente um futuro com várias direções se completando, com importância inclusiva, social, científica e tecnológica”.

Recurso não renovável, o solo precisa ser preservado

Fauna e flora dependem das condições do solo. Por isso, especialistas alertam para ações de degradação cada vez mais intensas

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

O solo é um recurso natural finito. Por isso, precisa ser preservado para que a sobrevivência das espécies no planeta seja garantida. É dele que são retirados os alimentos para todos os seres vivos, permitindo que fauna e flora se desenvolvam e se perpetuem.

Especialistas lembram que o solo é o recurso mais importante de um país, já que ele fornece os recursos necessários para alimentar suas populações. No entanto, diversas atividades antrópicas têm provocado erosão e contaminação do solo, gerando diversos prejuízos. Por isso, é importante que hajam políticas públicas que preservem esse recurso e planejem seu uso consciente e sustentável.

Para Filipe Marini, doutor em Produção Vegetal, agrônomo, agroecólogo e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), solo é vida. “É um ambiente onde seres vivos interagem, se preservam e dão condições para a vida de outros, como as plantas. Temos que lembrar que o solo é um recurso não renovável e que um centímetro leva, aproximadamente, cem anos para ser formado”, afirmou.

O solo está em constante exposição ao clima, às interações com o ambiente ao redor, com as vegetações, e também com a vida humana. Esse contato possibilita transformações e formações no solo, bem como influencia na deterioração desse material. “A partir do uso e ocupação mais intensa das terras, principalmente a partir da remoção da vegetação para diferentes usos, a gente começa a ter uma maior intensidade de processo erosivos no solo, que é um dos tipos de danos que o solo sofre”, pontuou o professor

do Departamento de Geociências da UFPB, Jonas Souza.

Outros problemas relacionados ao solo estão diretamente conectados ao uso indevido dele e do meio ambiente de forma geral. “A contaminação por diferentes tipos de materiais químicos, a compactação de solo onde é muito comum quando a gente tem um sobrepastoreio. Tem o processo de lixiviação também, que é a perda de nutrientes dos solos”, listou Jonas. A desertificação e a degradação ambiental também são problemas comuns quando se fala em solo. “A degradação, principalmente, é um fator antrópico e esse fator acelera mais a desertificação”, completou Filipe Marini.

Tratando-se de desertificação, é certo que ela, em geral, é uma ação natural. “Ela vai acontecer de um jeito ou de outro, principalmente devido ao relevo e à localização geográfica do estado no planeta. A desertificação é o fenômeno que corresponde ao empobrecimento e diminuição da umidade e da biodiversidade em solos. Esse processo provoca três tipos de impactos: ambientais, sociais e econômicos”, explicou Marini.

Mas, o ser humano pode ajudar a diminuir seus impactos. “A principal maneira de evitá-la seria diminuir as ações antrópicas no meio ambiente. E se essas ações ocorrerem deveriam ser realizadas com muito estudo e provocando o menor impacto possível, além de sempre pensar na proteção dos recursos naturais e meio ambiente”, observou. Na Paraíba, em 2017 o Programa de Ação Estadual de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca no Estado classificou cerca de 94% do território paraibano com processos de desertificação.

+ Práticas não sustentáveis levam ao aumento da fome no mundo

A data escolhida pela Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), para celebrar o Dia Mundial do Solo é o dia 5 de dezembro. Não coincidentemente, a data também é conhecida por ser o aniversário do monarca tailandês, Bhumibol Adulyadej, dono de um dos reinados mais longos da Tailândia – tendo permanecido no trono de 1946 até 2016, quando faleceu, totalizando 70 anos como rei.

Segundo o professor Jonas Souza, a definição da data surge com o intuito de dar maior visibilidade às questões do solo como parte do meio ambiente, bem como da necessidade de preservação e dos problemas de degradação. “Ela é dada em homenagem ao monarca tailandês, visto que ele tinha um discurso e várias práticas voltadas para essa conscientização da importância do solo, sobre os problemas de degradação e também sobre a preservação dos solos”, argumentou. Bhumibol focava muito na questão da preservação, colocando que era uma questão ambiental “emergente para preservação humana, visto que a gente vai depender diretamente do solo para tudo. Então, [é relacionada] à toda luta dele para buscar mais luz e trazer mais atenção para as problemáticas relacionadas ao solo”, complementou.

Em um contexto utópico, o principal e melhor método de preservar o solo seria não mexer com ele, mas considerando a vida humana, é improvável que isso aconteça. Portanto, o professor Filipe Marini considera algumas das principais atitudes de

cuidados com o solo que a população deve ter: “Devemos aproveitar ao máximo o uso de matéria orgânica, seja com esterco, ou estrume, ou folhas e galhos de plantas. Sempre manter o solo coberto com vegetação e as mais diversificadas possíveis. Na agricultura, seria revolver o mínimo possível o solo, trabalhar com cultivo direto ou cultivo mínimo em faixas, usos de adubação verde (como mucunas, feijão de porco e crotalárias). Preservar as cabeceiras das nascentes, matas ciliares e os topos de morros”, destacou. Essas técnicas visam diminuir a erosão de solos e o assoreamento dos rios.

É de suma importância que a sociedade enxergue o solo como um elemento essencial para a humanidade e a vida. Considerando que ele não é um recurso renovável, a preservação é fundamental para a produção dos alimentos e a manutenção de recursos que garantem a água potável. “Dentro de toda essa preocupação com conservação e com sustentabilidade, onde é muito vista a questão das mudanças climáticas, a degradação do solo também é uma problemática que ameaça a sobrevivência da vida humana e impacta diretamente em questões sociais como a fome”, enfatizou Jonas Souza.

“Quanto menos conservado estiver o solo, menos alimentos ele vai gerar e, consequentemente, os recursos vão ficar cada vez mais concentrados. Nesse mundo desigual que nós vivemos, isso vai afetar e refletir diretamente na questão da fome para os mais necessitados”, finalizou o professor do Departamento de Geociências da UFPB.

13 dicas para ajudar na preservação

- 1 – Procure reciclar, reduzir ou reutilizar o lixo gerado, sempre que possível;
- 2 – Não descarte medicamentos e demais produtos farmacêuticos, como seringas e ampolas, no lixo comum ou vaso sanitário. Separe-os e entregue na farmácia mais próxima;
- 3 – Prefira produtos orgânicos, pois os produtores buscam preservar a saúde do solo;
- 4 – Elimine o uso do plástico ou utilize objetos reutilizados;
- 5 – Reduza a geração de lixo doméstico e monte um sistema de compostagem;
- 6 – Escolha produtos com pouca embalagem e biodegradáveis;
- 7 – Substâncias tóxicas e nocivas não devem ser descartadas pelo ralo, pois por meio da água irá entrar em contato com o solo;
- 8 – Faça a manutenção dos veículos motorizados periodicamente;
- 9 – Denuncie casos de má utilização do solo ou descarte incorreto de resíduos;
- 10 – Use fertilizantes naturais e compostos orgânicos em hortas e jardins;
- 11 – Evite fazer o uso de químicos, pesticidas, herbicidas e fungicidas em cultivos de plantas;
- 12 – Promova ações de reflorestamento e preservação de florestas;
- 13 – Plante árvores.

Fonte: <http://www.docol.com.br/planetaagua/viva-sustentabilidade>

SAIBA MAIS

Dos 13 tipos de solo existentes na Terra, há predominância de, pelo menos, cinco deles na Paraíba. A presença mais forte é do neossolo, formado principalmente por material mineral ou material orgânico com menos de 20 centímetros de espessura. Outros solos presentes no território paraibano são: luvissolos, argissolos, planossolos e vertissolos. Há ainda cerca de 4% do solo que se divide entre as demais categorias. De acordo com as definições mais técnicas, solo pode ser considerado como uma coleção de corpos naturais compostos de partes sólidas, líquidas, gasosas, tridimensionais, dinâmicas e com materiais minerais e orgânicos, além de conter matéria viva e responsável por ocupar a maior parte da superfície do planeta.





Foto: Pedro Souza/Alô-FC

Uma estrela que brilha à beira do gramado

Com três títulos paraibanos, Guilherme Paiva começa a escrever o seu nome na história do futebol feminino

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

A manhã de domingo de 12 de dezembro de 2021 foi marcante na história do VF4 e também na carreira profissional do treinador Guilherme Paiva. Há exatos oito dias, o clube venceu o Botafogo nos pênaltis (4 a 2) após empate (1 a 1) no tempo normal de jogo e assim conquistava o seu inédito título de Campeão Paraibano de Futebol Feminino, logo na sua primeira participação no torneio. Já

Guilherme Paiva afirmava sua capacidade como profissional e consolidava o seu terceiro título seguido, conquistados por três equipes diferentes e disputados durante cinco temporadas consecutivas.

Professor de Educação Física por formação e treinador por paixão. A trajetória profissional de Guilherme como treinador teve origem no futsal feminino. Foi nessa modalidade que ele participou de competições de jogos escolares no ano de 2010, em João Pessoa. Durante

dez anos conquistou vários títulos participando dos Jogos Escolares, até migrar para o futebol feminino. Aos 35 anos, o treinador vive o seu melhor momento na carreira.

Em conversa com *Journal A União*, Guilherme Paiva falou sobre a sua trajetória, projeção profissional, títulos conquistados, sobre a conquista de Campeão Paraibano de Futebol Feminino com o VF4 e sobre as condições e desafios de trabalhar com o futebol feminino na Paraíba.



Guilherme Paiva diz que o segredo do seu sucesso está no amor e dedicação ao seu trabalho

A ENTREVISTA

Como e quando você decidiu trabalhar com o futebol feminino na Paraíba?

Trabalhar com futebol feminino era um sonho antigo. Em 2017 me veio o convite através de Marcos Lima (presidente) para trabalhar no comando técnico do Kashima. Iniciamos os trabalhos com o elenco composto apenas por adolescentes para jogarem o campeonato estadual daquele ano. No fim do torneio, ficamos com o vice-campeonato, perdendo final para o Botafogo. Continuamos desenvolvendo o mesmo trabalho, em 2018, só que agora por outra equipe - O Mixto, e novamente acabamos na segunda colocação do torneio. Enfim, consegui o primeiro título como treinador em 2019, com o Auto Esporte, na frente do comando do clube, fui Campeão Paraibano de Futebol Feminino. Busquei um novo projeto como auxiliar técnico do Botafogo, na perspectiva de assumir a função do treinador do clube, mais um título no currículo com a conquista do estadual feminino. Tudo mudou em 2021, foi o ano de minha afirmação enquanto profissional, fui contactado por Vitor Ferraz para comandar o futebol feminino do VF4 com a missão audaciosa de trazer à Paraíba uma equipe competitiva. Aceitei o desafio e com dois meses de trabalhos conquistamos nossos objetivos, fiz história no clube, garantido a sua primeira taça na galeria de troféus, e de quebra, conquisei o meu terceiro título estadual conquistados por três clubes diferentes.

Dois de seus três títulos do futebol profissional feminino da Paraíba foram conquistados à frente de equipes tidas como não favoritas antes do início das respectivas edições. Qual o segredo para quebrar esses paradigmas e ter levantado a taça nas duas oportunidades?

Foto: Divulgação/TVTorcedor



A vibração das garotas do VF4 após a conquista inédita do título paraibano

Não há segredo, nada na vida da gente acontece por acaso, todas essas conquistas foram fruto de uma vida dedicada ao esporte. Quando se faz o que ama tudo fica mais fácil, e é o meu caso, sempre me dediquei a projetos voltados para desenvolver o potencial técnico e físico de minhas jogadoras, mas o principal é formar o cidadão, mesmo diante das dificuldades e desafios, dando a oportunidade da ascensão social através do esporte. Os títulos simbolizaram o mérito e a superação de todas as adversidades.

O futebol é um esporte que proporciona reencontros e uma segunda chance. Na sua primeira disputa por título, acabou derrotado pelo Botafogo, tendo como adversária a treinadora Gleide Costa. Nessa oportunidade recente quase que com as mesmas situações, novamente com Botafogo e Gleide Costa como adversários, dessa vez, você teve o final feliz. O que representou a conquista nessa temporada?

Quero ressaltar que nada teria sido conquistado não fosse o esforço e dedicação de todo o quadro do clube, do cara que leva água

para as meninas até o presidente do clube. Nada se conquista sozinho, a minha conquista pessoal é apenas um detalhe, mas com um significado de que a própria vida te proporciona momentos de sabores e desabores. É preciso ter resiliência, pois o futebol como a vida te dá oportunidades de construir uma nova história. Se tem uma palavra que pode representar essa conquista, a palavra é resiliência.

Conquistados os objetivos com o VF4, o que você projeta para a sequência de sua vida profissional como treinador?

Passado esse momento de comemoração, irei articular a minha permanência no clube, já deixei o meu desejo bem claro, o VF4 me oferece boas condições de trabalho. Hoje possuímos local de treino e um elenco formado por jogadoras profissionais, treinamos durante seis dias na semana, isso faz uma grande diferença na questão física das jogadoras. O clube é detentor de uma estrutura que, infelizmente, outros times da Paraíba não têm condições de oferecer. Firmado a minha permanência, teremos pela frente uma temporada com o calendário completo,

a ideia é de manter algumas jogadoras e buscar outras mais experientes. O objetivo principal no Brasileiro Série A3 é adquirir a experiência de participar de uma grande competição nacional, sabendo de nossas condições e le-

vando em consideração que iremos enfrentar adversárias fortes de todas as regiões do Brasil.

Você enaltece muito as condições de trabalho que o VF4 oferece. Em se tratando desse assunto, quais são as condições de trabalho oferecidas para quem trabalha com futebol feminino na Paraíba?

Confesso que as condições são bem precárias. Muitas das equipes são formadas praticamente as vésperas da disputa do Campeonato Paraibano, outras tantas não tem nem sequer um local próprio para realizar treinos. Assim, como na sociedade, no esporte as mulheres ainda carecem de reconhecimento. O VF4 veio como divisor de águas, espero que as equipes se espelhem, e num futuro próximo, possam oferecer as mesmas condições aos seus profissionais. A questão de cenários de mudanças nessa

realidade passa muito pela valorização das atletas para que haja uma evolução física, consequentemente, elas irão adquirir desenvolvimento técnico e terão a oportunidade de se tornarem profissionais qualificadas.

Mesmo diante de tantas dificuldades, o que te faz trabalhar com o futebol feminino na Paraíba?

Eu amo o que faço. Nenhuma dificuldade se compara ao sentimento de satisfação que tenho de proporcionar a oportunidade de meninas estarem realizando sonhos através do futebol. Acompanho a trajetória de algumas desde a época do futsal, construí uma relação de pai e filho, há todo um contexto emotivo por trás das histórias, não se limita apenas ao futebol. Vou continuar trabalhando com as meninas e com o futebol até o dia que tiver condições físicas e emocionais.

Foto: Divulgação/VF4



O técnico Guilherme Paiva fala sobre o seu trabalho à frente do VF4 no início da temporada do futebol feminino deste ano

Basquete Unifacisa vai jogar contra Flamengo, hoje, no Rio

Equipe de Campina Grande vai atuar a partir das 18 horas no Ginásio do Maracanãzinho em busca do top 4

Após grande vitória contra o Corinthians na última segunda-feira, em Campina Grande, com direito a uma atuação para entrar na história do basquete Unifacisa, do armador Trevor Gaskings, que anotou 36 pontos, se tornando o jogador a mais marcar pontos em um único jogo, o time se aproximou de vez do G4 da competição.

E se o time almeja entrar no top 4 vai precisar agora vencer as equipes na ponta da tabela. Isso porque a Unifacisa embarcou na manhã da última sexta-feira para os seus últimos compromissos do ano, antes do campeonato entrar em recesso, e terá jogos complicados pela frente.

E começa hoje, às 18h, quando a Unifacisa enfrenta o Flamengo no Maracanãzinho. Com 81% de aproveitamento nos jogos, o Flamengo ocupa a vice-liderança do NBB, com apenas uma derrota dentro de casa. É importante lembrar que a Unifacisa quebrou a série de invencibilidade do Flamengo em jogos oficiais, quando venceu os cariocas no encerramento da terceira edição do Torneio Integração. Mas para sair do Rio de Janeiro com o resultado positivo, a equipe comandada por César Guidetti vai precisar de mais eficiência e disciplina defensiva para conter o trio de estrangeiros do time rubro-negro.

Na sequência, a Unifacisa viaja até Minas Gerais para enfrentar o Minas Tênis



Foto: Divulgação/Unifacisa

O Basquete Unifacisa fará dois jogos antes do recesso da Liga Nacional: o primeiro será hoje, contra o Flamengo, e o segundo, na próxima terça-feira, contra o Minas Tênis Clube

Clube, atual terceiro colocado no campeonato, às 19 horas da próxima terça-feira. Com os mesmos 81% de aproveitamento nos jogos, o time mineiro vem de um sequência

de três vitórias seguidas e promete ser mais uma parada dura na vida do time paraibano. A Unifacisa não entra como favorita nesses jogos, mas tem um histórico de dar

muito trabalho aos times mais tradicionais da competição. Se manter a eficiência dos seus arremessadores e consistência na marcação será possível surpreender e

conquistar uma vitória que, além de dar muita moral para o time, consolida de vez a equipe na zona de classificação da Copa Super 8.

Para o torcedor que de-

seja acompanhar todas as emoções dos dois duelos, as partidas terão transmissão ao vivo pela TV Itararé, YouTube do Basquete Unifacisa e Facebook.

Relatório da CBF

Clubes paraibanos caem no ranking nacional



Foto: Somy Oliveira/Campinense

Apesar do segundo lugar na Série D do Brasileiro, o Campinense não melhorou a sua posição no ranking de clubes da CBF

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O novo Ranking Nacional de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol que estabelece uma classificação técnica do futebol brasileiro, com base no recente desempenho das equipes nas competições nacionais e internacionais, divulgada nesta semana, constata a queda no rendimento dos clubes paraibanos no decorrer das últimas quatro temporadas.

O Botafogo permanece no topo do estado, mesmo perdendo duas posições, ocupa a 51ª posição com 2.490 pontos e, pela primeira desde 2016, o alvinegro fica de fora do top 50. O clube paraibano melhor colocado do ranking vem acumulando quedas de posições nas últimas quatro temporadas.

Em 2019, o alvinegro da estrela vermelha ocupava a 46ª posição com 2.791 pontos, depois seguiu caindo em média duas posições por temporada, indo para a 47ª colocado em 2020; já em 2021 ocupou a 49ª posição do ranking, quando esteve na lista do top 50 pela última vez.

O Treze ocupa a segunda melhor performance. O "Galo" soma 1.374 pontos e aparece na 67ª colocação, mas assim como o Botafogo, também acumula queda de duas posições quando comparado

ao ranking da temporada passada. Na época, o alvinegro somava 1.319 pontos e havia ficado na 65ª colocação no ranking anterior.

Mesmo com a conquista do Campeonato Paraibano e o vice-campeonato do Brasileirão da Série D, o Campinense não conseguiu subir nenhuma posição. Com 1.191 pontos, a Raposa estacionou na 72ª colocação. Com a boa temporada de 2021, o rubro-negro buscava reassumir o segundo melhor desempenho paraibano, já que em 2020 o clube foi ultrapassado pelo rival Treze.

Quem também aparece na lista é o Sousa. Nesta temporada, o "Dinossauro" disputou três competições - Campeonato Paraibano, Brasileiro Série D e a Pré-Copa do Nordeste. Vice-campeão paraibano e a classificado para fase de grupos da Copa do Nordeste, o alverde sertanejo está na 143ª posição com 306 pontos, um salto de 49 posições comparada ao ranking anterior, quando o time esteve na posição 192. Atlético de Cajazeiras 170º e Serrano na posição 185 completam a lista dos clubes paraibanos.

Na lista do ranking nacional da federações, a paraibana de futebol aparece na 16ª posição geral com 5.456 pontos, mesma posição que ocupou também na temporada 2021, quando somou 5.440 pontos.

Excesso de partidas marcam temporada de 2021 no Brasil

Palmeiras lidera a estatística com 91 jogos em ano atípico por conta da Covid-19, que espremeu o calendário

Ricardo Magatti
Agência Estado

Athletico-PR e Atlético-MG fizeram na quarta-feira, dia 15 de dezembro, a última partida oficial de 2021 do futebol brasileiro. Singular pelas suas peculiaridades, o ano fica marcado pelo número excessivo de partidas no país, acossado pela pandemia de Covid-19, que espremeu o calendário e fez a temporada 2020 se encerrar apenas em março deste ano, bagunçando ainda mais a já criticada tabela esportiva.

O Palmeiras terminou 2021 com dois títulos da Libertadores (2020 e 2021), um da Copa do Brasil e 91 partidas jogadas. Sem contar os acréscimos, são 8.190 minutos em campo. Foi a equipe que mais vezes entrou em campo, seguida por Athletico-PR e Flamengo, presentes em 87 confrontos. Jogar mais vezes implica em descansar menos e se recuperar rapidamente em curtos períodos de tempo. O desgaste provoca mais contusões. O Flamengo, por exemplo, sofreu com as lesões musculares, com mais de 50 casos em seu elenco durante a temporada.

Na sequência dos clubes que mais atuaram aparecem Atlético-MG e Grêmio, ambos com 86 jogos. Bahia e Santos fizeram 84. Atlético Goianiense (83), Ceará (82) e São



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

As duas melhores equipes do futebol brasileiro em 2021, Palmeiras e Atlético Mineiro, tiveram excesso de jogos nesta temporada

CLUBES DA SÉRIE A EM 2022

- Palmeiras - 91 jogos
- Athletico-PR - 87
- Flamengo - 87
- Atlético-MG - 86
- Grêmio - 86
- Bahia - 84
- Santos - 84
- Atlético Goianiense - 83
- Ceará - 82
- São Paulo - 81
- Fluminense - 80
- Red Bull Bragantino - 80
- Fortaleza - 78
- Internacional - 74
- Corinthians - 73
- Cuiabá - 73
- Sport - 70
- Chapecoense - 66
- América-MG - 64
- Juventude - 59

Paulo (81) completam a lista das dez equipes que mais compromissos tiveram em 2021, levando em conta também partidas da temporada 2020 que foram empurradas e aconteceram neste ano. Os números são oficiais. A lei diz que uma nova partida de um time deve ser disputada depois de 72 horas, no mínimo, da última apresentação. Especialistas entendem que esse número de horas serve para a recuperação muscular do atleta.

O São Paulo também sofreu com o calendário. Em agosto, o time já tinha contabilizado 29 casos de lesões musculares em 37 partidas disputadas. Registrava 1,3 contusão por jogo. Alguns atletas tinham ficado fora do time mais de uma vez por esse motivo, como o atacante Luciano. A necessidade de ganhar faz com que o treinador force a barra para ter seus melhores jogadores no limite.

Parte desses clubes pagou pelo seu sucesso ao

alcançar as fases finais dos torneios do ano e teve de conviver com uma maratona extenuante de compromissos. Em alguns casos, com competições disputadas simultaneamente, os jogos foram realizados a cada 48 horas. A temporada que terminou nessa quarta não foi tão acidentada quanto à anterior, com menos casos de Covid-19 entre os atletas, mas alguns estaduais chegaram a ser paralisados diante do recrudescimento da pandemia, entre março

e abril, e isso fez com que houvesse remarcação de confrontos.

As reclamações, especialmente dos técnicos, foram intensas. Abel Ferreira falou que o que se faz no Brasil é "insano". Renato Gaúcho, quando estava no Flamengo, disse que, sem o tempo suficiente para treinar, não era possível encontrar o melhor entrosamento do time. E Cuca contestou adiamentos de jogos. Vale lembrar que, no Brasil, ao contrário do que ocorre na

Europa, as disputas não pararam nas Datas Fifa, o que fez o técnico Tite, em algumas ocasiões, abrir mão de convocar atletas importantes de clubes brasileiros.

Assim que a pandemia paralisou o futebol mundial em 2020, o presidente da Fifa, Gianni Infantino, disse que o momento era propício para uma reforma global da modalidade. No Brasil existe há anos uma discussão sobre modificar o calendário e reduzir o número de compromissos das equipes.

+ Estaduais perdem prestígio em um calendário cada vez mais apertado

No centro dos debates estão sempre os Estaduais, que não têm mais o mesmo prestígio de outrora, mas são importantes esportivamente e financeiramente para os times menores. Há quem defenda o retorno do sistema de mata-mata no Brasileirão e a equiparação do calendário brasileiro ao europeu. O Campeonato Brasileiro, vale dizer, dura cerca de seis meses, enquanto as ligas europeias se estendem por nove meses. Essas possibilidades, no entanto, estão descartadas pela CBF no momento. A entidade apresentou o cronograma para 2022 e o caos continua. Há muitas datas de Estaduais, os torneios vão seguir durante as Datas Fifa e os clubes continuarão prejudicados quando tiverem atletas convocados para as seleções. No ano que vem, a Copa do Mundo será realizado em novembro pela primeira vez em sua história.

A sequência desgastante pode ocasionar lesões, impede que o atleta jogue na plenitude de suas condições físicas e impacta negativamente na qualidade das partidas, avaliam preparadores físicos e fisiologistas.

"Inevitavelmente, nossos atletas jogam fatigados. Isso impacta na qualidade do jogo e aumenta a incidência de lesões, traumáticas e não traumáticas, que são relacionadas aos aspectos

da imprevisibilidade do jogo", diz ao Estadão Daniel Gonçalves, coordenador científico do Palmeiras. "Se o atleta não estiver tão recuperado fica mais sujeito a choques", acrescenta.

"O que acontece ao longo do tempo é que gradativamente o organismo vai perdendo condição. Enfraquece, perde força, velocidade, resistência e aumenta o risco de lesões. O organismo entra num estado de fadiga crônica. No início é pouco, mas depois de 10 ou 11 meses o estado total do organismo está muito debilitado", explica Paulo Zogaib, fisiologista do Palmeiras de 1991 a 2014 e especialista em medicina esportiva.

A Fifa determina 72 horas como o tempo de intervalo entre as partidas. Em 2020, o período entre um duelo e outro foi reduzido para 48 horas como medida de exceção para acomodar as datas do Brasileirão daquele ano no apertado calendário, impactado pela pandemia. Em 2021, voltou a valer a regra de 66 horas como período mínimo entre os confrontos. Essa norma consta do artigo 25 do Regulamento Geral das Competições da CBF.

"No contexto do desempenho, só existe uma coisa quanto o treinamento: a recuperação", enfatiza Luis Felipe Polito, doutor em Treinamento Esportivo. "O problema não está única e

simplesmente nas lesões. Se há mais jogos, menos tempo sobra para o treino. Talvez por isso que vemos uma diferença de qualidade técnica absurda em uma partida do futebol brasileiro e da Inglaterra", avalia Polito, que trabalhou em clubes como São Paulo e Oeste. Para se ter uma ideia, o Manchester City, time que mais vezes atuou em 2021 entre as equipes das principais ligas europeias, terminará o ano com 67 partidas.

Segundo os fisiologistas, um atleta que joga os 90 minutos de uma partida leva de 72h a 96h para se recuperar adequadamente. "É claro que isso é extremamente variável. Depende das características e hábitos de cada atleta, de quanto é o desgaste em cada partida", ressalta Zogaib. Fisiologista do Palmeiras durante 24 anos, ele hoje é professor da Escola Paulista de Medicina da Unifesp.

Os treinamentos regulares melhoram a condição física do jogador porque o organismo, explica Zogaib, alcança a "supercompensação", ficando melhor do que antes da atividade física. Mas isso não é possível sem um período de descanso adequado.

"Quando o atleta treina e joga demais não é possível fazer essa supercompensação. Não dá tempo de se recuperar completamente se ele tem de treinar



Foto: Ivan Storti/Santos

Os campeonatos estaduais seguem como o maior problema para organizar o calendário

e jogar de novo em intervalos próximos. Ai fica um déficit pequeno. A massa muscular e os estoques de combustível, entre outros, vão piorando em vez de melhorar", diz o médico do esporte. Os profissionais que cuidam da parte física dos jogadores entendem que os clubes não devem jogar mais do que 70 partidas em um ano.

Os problemas provocados pela maratona de jogos têm sido atenuados pelos recursos tecnológicos de que os clubes dispõem que ajudam os profissionais a monitorar periodicamente a saúde dos atletas e, com isso, prevenir lesões. Também foi importante nesse contexto a ampliação de três para cinco substituições no futebol brasileiro e sul-americano.

"Assim, conseguimos identificar os atletas com fadiga e elaborar trabalhos individualizados para recuperá-los", afirma Daniel Gonçalves. O coordenador científico do Palmeiras e outros profissionais trabalharam para deixar todo o elenco à disposição de Abel Ferreira na final da Libertadores e isso foi fundamental para a conquista continental.



O paraense Renato há muito tempo treina em João Pessoa e, hoje, é o maior destaque do vôlei de praia, após uma grande temporada

Renato leva quatro prêmios entre melhores da temporada

Atleta radicado na Paraíba se consagra no circuito de vôlei de praia em 2021 ao lado da sergipana Duda

Dois nomes da nova geração do vôlei de praia nacional brilharam na votação dos melhores da temporada 2021 do Circuito Brasileiro Open de Vôlei de Praia, organizada pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). Aos 22 anos, paraense Renato Andrew, radicado na Paraíba, faturou nada menos do que quatro troféus. Além do de Melhor Jogador,

ficou com os de Revelação, Jogador Que Mais Evoluiu e Craque da Galera. Duda, de 23 anos, levou três prêmios: Melhor Jogadora, Melhor Saque e Melhor Ataque.

“Receber essas premiações é algo muito gratificante. Ainda é difícil de acreditar. Agradeço a todos pelo carinho e reconhecimento do trabalho. Isso me motiva para continuar a trabalhar cada vez mais forte. Esta foi uma temporada muito especial. O meu objetivo é continuar evoluindo e conquistando ainda mais no próximo ano”, disse Renato, que conquistou três ouros nas cinco etapas da temporada. Seu parceiro, Vitor Felipe, foi premiado como Melhor Ataque; e o treinador da parceria, Ernesto Vogado, como Melhor Técnico de duplas masculinas.

“Receber essas premiações é algo muito gratificante. Ainda é difícil de acreditar. Agradeço a todos pelo carinho e reconhecimento do trabalho”

“Foi com muita alegria que recebi a notícia dos prêmios. Ser reconhecida assim é algo especial, gratificante. Dá mais motivação para a próxima temporada”

Para Duda, que encerrou este ano a vitoriosa parceria com Ágatha, o reconhecimento é motivação para a nova jornada que começa em 2022. “Foi com muita alegria que recebi a notícia dos prêmios. Ser reconhecida assim é algo especial, gratificante. Dá mais motivação para a próxima temporada. Eu amo estar em quadra, aproveitando,

me divertindo. Jogar vôlei é uma grande paixão. Agradeço a todos os que fazem ou fizeram parte da minha trajetória até aqui, eles fazem parte disso também”, comemora a jogadora, que ao lado da parceira faturou um ouro e dois bronzes no Circuito Brasileiro.

Os destaques do ano forma escolhidos pelos próprios atletas – apenas o prêmio de “Craque da Galera” foi definido por eleição popular no site da CBV. Além de Renato e Duda, outros 10 atletas e dois técnicos foram premiados.

Campeã da temporada feminina ao lado de Bárbara Seixas, Carol Solberg foi escolhida como dona do Melhor Bloqueio de 2021. Vencedora da disputa masculina com Álvaro Filho, Evandro levou o prêmio

de Melhor Saque. Quem também tem muito para comemorar é a parceria Taiana/Hegê. A primeira venceu nas categorias Melhor Defesa e Melhor Levantamento, e a segunda, como Revelação e Atleta Que Mais Evoluiu. No masculino, outra dupla premiada: George, Melhor Passe

e Melhor Levantamento, e André, como Melhor Bloqueio. Ainda foram apontados como destaques os jogadores Guto (Melhor Defesa), Rebecca (Melhor Passe) e Andressa (Craque da Galera). Treinador de Rebecca/Talita, Reis Castro foi escolhido o Melhor Técnico de duplas femininas.

MELHORES DA TEMPORADA 2021

MASCULINO		FEMININO	
Jogador	Renato	Jogadora	Duda
Revelação	Renato	Saque	Duda
Maior evolução	Renato	Ataque	Duda
Craque da Galera	Renato	Passe	Rebecca
Saque	Evandro	Levantamento	Taiana
Passe	George	Defesa	Taiana
Levantamento	George	Bloqueio	Carol Solberg
Ataque	Vitor Felipe	Revelação	Hegê
Bloqueio	André	Maior evolução	Hegê
Defesa	Guto	Craque da Galera	Andressa
Técnico	Ernesto Vogado	Técnico	Reis Castro

Federação Paraibana destaca a grande evolução dos atletas

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Os trabalhos desenvolvidos pela Federação Paraibana de Voleibol nas praias de João Pessoa têm atraído a atenção de atletas da Paraíba e de diversas partes do Brasil, rendendo bons resultados ao estado nas disputas de competições de Vôlei de Praia no Brasil e no exterior.

Na Paraíba, a Federação é órgão oficial que responde aos interesses do voleibol de quadra e de areia junto à Confederação Brasileira de Voleibol. Ela é quem desenvolve atividades com a preparação de atletas em cinco Centros de Treinamentos, em João Pessoa: CT Vôlei Vida, CT SE7, CT IG, CT A Grande Sacada e CT Cangaço. Trabalhos que formam grandes atletas para competições de alto nível.

Durante todo esse período de pandemia da Covid-19, as realizações das atividades ficaram limitadas e por diversas vezes tiveram de ser interrompidas. Mesmo diante às adversidades, os atletas filiados à Entidade conseguiram resultados expressivos em competições nacionais e internacionais na temporada de 2021. Dessa forma, o presidente Carlos Fernandes avaliou como espetacular todo o trabalho desenvolvido e os resultados obtidos neste ano.

“Foi um ano atípico por conta da pandemia. Em várias situações, por orientação dos órgãos de saúde, tivemos os nossos locais de treinamentos fechados. Mas nenhuma dificuldade impediu todas as nossas conquistas. Fizemos das adversidades o combustível para tornar o ano espetacular. Conquistamos o vice-campeo-

nato no masculino com a dupla Isac Farias e Federico Mieszkowski e no feminino ficamos com a terceira colocação com Maria Clara e Raissa Lucena – ambas com 17 anos; na disputa 2ª etapa do Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia Sub-19, disputada em outubro, no Rio de Janeiro”, comemorou.

Na mesma competição, que é um campeonato de seleções estaduais, com duplas representando cada federação, a Paraíba ficou em segundo lugar com 500 pontos, perdendo apenas para o Rio de Janeiro que foi o campeão geral. E os bons resultados não pararam por aí. No circuito Nacional Sub-17, realizado em Cuiabá, neste mês, consagrou como campeã a dupla Duda e Gabriel, e no feminino Clara e Raissa ficaram com o segundo lugar. Na categoria principal, Álvaro Filho, que joga ao lado carioca

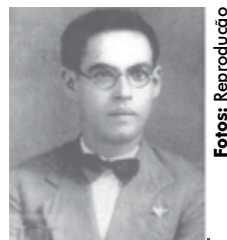
Evandro, conquistou o seu terceiro título nacional da competição, e na Colômbia, também neste mês, os gêmeos paraibanos, Rafael e Renato, venceram o Pan-Americano Júnior.

De fato, as areias das praias paraibanas são cenários formadores de nomes já consagrados e de outras jovens promessas do voleibol nacional. De acordo com Carlos Fernandes, todos os resultados são frutos de um trabalho coletivo entre atletas e Federação. “Tenho respeito e agradecimento aos atletas, comissão técnica e pais dos atletas na dedicação por todos os resultados obtidos ao longo do ano. Foi tudo fruto de uma coletividade. Em 2022, a expectativa é de novas conquistas com os nossos atletas que podem representar a delegação brasileira em competições internacionais”, finalizou.

Foto: Divulgação/FPV



Carlos Fernandes, presidente da Federação Paraibana de Voleibol



Fotos: Reprodução

Cine Teatro Excelsior, o "Cinema do Padre"

Projeto pretende reformar e revitalizar um dos principais marcos culturais da cidade de Bananeiras, na Região do Brejo da Paraíba

Ítalo Arruda
Especial para A União

O prédio onde funcionou o Cine Teatro Excelsior, em Bananeiras, a 136 quilômetros de João Pessoa, pode passar por um processo de reforma e revitalização nos próximos meses. A ideia é do 25º Grupo de Escoteiros Guardiões da Serra, com o objetivo fazer daquele espaço um instrumento de promoção e valorização da cultura na Região do Brejo, contribuindo com a formação de novos artistas e também com o desenvolvimento sociocultural do município.

Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), o centro histórico de Bananeiras é um complexo arquitetônico que reúne mais de 80 edificações catalogadas. Uma delas é o Cine Teatro Excelsior, que depois de um longo período desativado, segundo a Secretaria de Turismo e Cultura, foi parcialmente liberado pela prefeitura há cerca de três anos, para a realização de atividades sociais com os jovens filiados ao grupo de escotismo da cidade.

Interessados em preservar a memória e o valor histórico do monumento, os Guardiões da Serra desenvolveram um projeto de recuperação que está concorrendo ao edital de chamamento do Fundo de Direitos Difusos (FDD), do Ministério Público da Paraíba (MPPB), que, por sua vez, irá disponibilizar R\$ 1 milhão em recursos para financiamento de projetos que têm, entre outros fins, o intuito de reparar, preservar e conservar bens de valores cultural, histórico e artístico em toda a Paraíba.

De acordo com o presidente do grupo de escoteiros, Martinho Antônio de Lima Júnior, quando houve a cessão do espaço, a estrutura do prédio estava muito danificada. Com a ajuda dos associados e dos pais de alguns jovens da comunidade, foi realizado um mutirão de limpeza e organização do local. "Mas existem muitos vícios, rachaduras e danificações internas que estão comprometendo a estrutura do prédio. Então chega um momento que a gente tem que tentar algo a mais. Quando soube do edital [do FDD], vi a oportunidade da restauração", ressaltou.

"Queremos um espaço para que as instituições artísticas e a sociedade possam utilizar de forma mais efetiva, com a realização de oficinas de teatro, implantação de escolas de circo, realização de mostras literárias, exibição de filmes, tudo isso sem custo à população", afirmou Martinho, acrescentando que o espaço também servirá de incentivo aos artesãos locais, que podem produzir e expor seus trabalhos no prédio.

O grupo está tentando junto ao FDD um montante referente a R\$ 191.572. O projeto para

a reforma tem o custo total de R\$ 212.916 e, de acordo com o Conselho Gestor do FDD, estão sendo analisados 29 projetos. Cada proposta pode receber até R\$ 200 mil, devendo atender 90% do valor total do orçamento apresentado. Os outros 10% devem ser compensados pela parte autora do projeto como forma de contrapartida.

No caso da proposta apresentada pelo 25º Grupo de Escoteiros Guardiões da Serra, esse valor será validado a partir da mão de obra especializada, a ser realizada voluntariamente por alguns associados. "Temos no nosso grupo membros que são profissionais nas suas áreas específicas, e vão converter a remuneração dos seus trabalhos para compensar a contrapartida que o edital exige", explica Martinho, reiterando que o valor que seria pago a terceiros, será utilizado para complementar o valor do projeto.

"A documentação já foi entregue e agora esperamos o resultado. Espero muito que sejamos contemplados, porque queremos revitalizar e devolver à sociedade este patrimônio histórico e cultural que é o Cine Teatro Excelsior".

Ainda segundo o dirigente do Grupo de Escoteiros Guardiões da Serra, o prédio possui alguns resquícios da construção original, porém não "imprime" mais as características de um cinema. "Está completamente descaracterizado de um cinema e de um teatro. Ainda existe um palco, mas, basicamente, se resume a um vão aberto que a gente utiliza para realizar as atividades de escotismo".



Queremos revitalizar e devolver à sociedade este patrimônio histórico e cultural que é o Cine Teatro Excelsior na cidade de Bananeiras

Martinho Antônio
Presidente do grupo de escoteiros

O cineteatro possui aproximadamente 275 metros quadrados e é composto por um salão principal, onde tem instalado um palco, banheiros, mezanino, camarins, bilheteria e uma sala de apoio. Além das atividades do grupo de escoteiro, no local também acontecem, eventualmente, ações socioculturais.

Para o professor Luiz Antônio Mousinho, do Curso de Cinema e Audiovisual do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), reativar um cinema de rua é uma oportunidade de resgatar uma atmosfera de consumo coletivo - como acontecia antigamente -, além de reintegrar a arte à cidade, contrapondo-se aos modelos atuais que abrigam os cinemas dentro de grandes shoppings e outros estabelecimentos comerciais.

"No caso de uma cidade sem cinema, como Bananeiras, é uma maravilha poder ter a frequência, a fruição e o consumo [de filmes] em tela grande, e as pessoas assistindo coletivamente, fazendo parte da vida da cidade. Isso pode ser muito bom para os moradores e também para a movimentação do turismo local", aponta Mousinho na importância do projeto.



O Cine Teatro Excelsior, inaugurado em outubro de 1949, fica localizado na área do centro histórico de Bananeiras, em frente à principal praça da cidade

Marco histórico e cultural de Bananeiras

Inaugurado em 8 de outubro de 1949, o Cine Teatro Excelsior foi um marco histórico e cultural no município de Bananeiras. Localizado no centro histórico da cidade, em frente à Praça Epitácio Pessoa, a principal da localidade, o monumento é considerado por pesquisadores, historiadores e admiradores da sétima arte um lugar de memória, cujos valores históricos e simbólicos refletem a importância desse patrimônio cultural e a sua relação com as artes durante a segunda metade do século XX.

A instalação do cinema, de acordo com o jornalista Severino Ramalho Leite, também escritor, historiador, ex-presidente e atual membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), foi uma iniciativa do então vigário da Igreja Matriz

de Nossa Senhora dos Livramentos, monsenhor José Pereira Diniz.

À época, a paróquia dividia o prédio e os lucros advindos com as vendas da bilheteria com a Sociedade São Vicente de Paulo, que, anos após a inauguração, recebeu a concessão gratuita do equipamento, conforme a Lei 181, de 30 de dezembro de 1957. Tal lei autorizava que os vicentinos realizassem reformas e outras intervenções no interior do prédio, para mantê-lo bem preservado e em condições de uso durante a execução das atividades de cinema e teatro.

"Alguns anos depois se pretendeu retirar das mãos da igreja o Cine Excelsior. Porém, um projeto do vereador Arlindo Ramalho garantiu que o empreendimento continuasse com a paróquia", relembrou Severino Ramalho, ao revelar que o político que "intermediou" as negociações era o seu pai. "Ele foi autor da proposta que impediu a retomada do prédio do cinema das mãos do padre Zé Diniz. Era um

frequentador assíduo do [Cine Teatro] Excelsior, viciado em cinema", acrescentou.

Alguns registros históricos apontam que o local tinha capacidade para mais de 300 pessoas. As sessões aconteciam sempre aos fins de semana, e reuniam moradores de Bananeiras e cidades circunvizinhas.

Como era administrado pela paróquia, os filmes exibidos no cineteatro, na maioria das vezes, estavam voltados a temáticas históricas e religiosas. Não à toa ficou popularmente conhecido como o "Cinema do Padre". Segundo pesquisadores, além da reprodução das obras cinematográficas, no prédio do Cine Teatro Excelsior também aconteciam as reuniões paroquiais.

Sob o poder da administração pública, o antigo cinema tornou-se apenas uma memória dos moradores mais antigos e dos "filhos de Bananeiras", que, assim como Severino Ramalho e os membros do Grupo de Escoteiros Guardiões da Serra, sonham com a reforma e a reabertura de um dos patrimônios culturais mais importantes da cidade brejeira.

"A proposta de revitalização do Cine Teatro Excelsior é uma iniciativa que desperta a história da cidade e perpetua sua memória. Espero que esse projeto tenha êxito e o telão desse cinema volte a brilhar", declara, entusiasmado, o historiador Severino Ramalho Leite, que também é colunista do Jornal A União.



Foto: Reprodução



Severino Ramalho Leite é jornalista, escritor, historiador e integrante do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

Fotos: Reprodução

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses
Email: chefwalterulysses@hotmail.es

Marketing gastronômico

Muitas pessoas têm me perguntado onde fazer um curso especializado em cozinha internacional. No Brasil, se ensina muito em faculdades e cursos de cozinha internacional que essa expressão partiu das fronteiras. Mas isso é lenda e é puro marketing.

Em história da gastronomia se fala que a diferença entre a cozinha caseira e a preparada por chefs profissionais já é de longa data. Estudiosos afirmam que, desde a origem dos restaurantes, a elaboração começou a se diferenciar. Os restaurantes modernos originaram-se na época da Revolução Francesa, no fim do século XVIII.

Após a revolução, muitos chefs que trabalhavam em mansões ficaram desempregados. Com isso, surgiu a necessidade de desenvolver uma gastronomia mais técnica, que valorizasse a elaboração dos alimentos no seu preparo e na sua forma de apresentar e servir. Essa era a demanda dos novos restaurantes, que a partir daí tomou o mundo com suas tendências. O tema cozinha internacional foi criado por

brasileiros, para que a gastronomia no Brasil se desenvolvesse.

Foi a maior valorização do costume de sair para saborear um bom prato em um restaurante aconchegante e tidos como de cozinha Internacional.

Nesse contexto, surge o nome da cozinha internacional, que pode ser associada também à globalização, que oferece uma visão diferente do

O Brasil, diferente de outros países, é imenso na diversidade gastronômica, que foge de todos os padrões do mundo

mundo. A economia globalizada, os intercâmbios culturais e culinários cada vez maiores, as divulgações das culturas de outros países, entre outros fatores, têm contribuído para que a sociedade possa experimentar alguns dos hábitos e costumes de outros povos.

Ou seja, nada mais é do que um restaurante onde possa ter todos os sabores, carnes, frutos do mar, massas de todo o mundo da forma gastronômica, tendo que ter um cardápio misto, extenso e de muitas variedades. Esse termo é usado em grandes hotéis antigos no Brasil, onde se usa grandes baixelas e travessas em prata e talheres finos, para poder agregar valores aos turistas estrangeiros e poder vender seu produto de maneira que eles possam comer o que já existe em seu país.

O Brasil é um país imenso de diversidade gastronômica sobrenatural, que foge de todos os padrões do mundo e você pode ter seu restaurante criando sua própria identidade, que seja criativa e diferente, se não será mais um no meio de outros iguais.

A gastronomia é feita para criar e reinventar, então faça da sua gastronomia internacional a porta de entrada para inovar com a cultura local e de produto que mostre a qualidade da sua terra. Seja internacionalmente Paraíba!



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Espaguete nordestino

Ingredientes

- 500g de carne de sol moída
- 2 colheres de sopa de manteiga da terra
- 1 pacote de massa grano duro espaguete
- 3 dentes de alho amassados

- 1kg de tomate
- 2 cebolas bem picadas
- Folhas de manjericão fresco
- Sal, açúcar, pimenta do reino e canela em pó a gosto

Modo de preparo:

- Em uma panela, coloque os tomates para cozinhar apenas com um pouco de sal e tampada. Depois de cozinhar, passe os tomates em um liquidificador. Refogue o alho com a cebola e acrescente o molho que foi triturado e retorne a cozinhar e tempere a gosto. Em uma frigideira, refogue a carne de sol com a manteiga e junte ao molho. Em seguida, cozinhar o espaguete, montar o prato e polvilhar queijo de sua preferência.

QUENTINHAS

Essa semana começou o novo decreto do governo, juntamente com a Anvisa, exigindo a solicitação das carteiras de vacinação. E são poucos os locais em que vi solicitar. Acho que deveria ter uma fiscalização maior, até porque tem pessoas esperando ser avisadas por documentos.

Agradeço a todos que mandam mensagens por e-mail e no direct do meu Instagram pedindo dicas e dando conteúdo para este colunista. Aos poucos vou tentando trazer para vocês as receitas e crônicas solicitadas. Valeu!

Chegou o corre-corre de pesquisa de preços para os festejos de final de ano. Até porque de um supermercado para o outro a diferença desses produtos são gritantes. Então, fica o alerta e busque você também o melhor preço.

Extra e Pão de Açúcar oferecem ceia completa para o fim de ano. Para celebrar as festas de fim de ano, o Pão de Açúcar e o Extra apresentam o cardápio para as comemorações de Natal e Ano Novo, proporcionando uma ceia deliciosa para que os clientes possam degustar em um momento tão especial. Para realizar o pedido no Pão de Açúcar, o cliente tem a comodidade de encomendar pelo e-commerce ou no app Pão de Açúcar Mais, além de ter a opção de fazer a encomenda diretamente na loja, sempre com 48 horas de antecedência. Já a ceia de Natal do Extra pode ser encomendada, também com 48 horas de antecedência, nas lojas do Extra Hiper com serviço de Rotisserie. As duas redes apresentam várias versões de kits completos com entrada, acompanhamentos e pratos principais, além de uma sugestão de menu para que os clientes montem a ceia da forma que preferirem.

PITADAS A GOSTO



Origem da carne de sol: típica do Nordeste brasileiro, a carne de sol, denominada também de carne de vento e ou carne do Sertão, é um método de conservar alimentos de origem animal, salgando-se e secando-se, em local coberto e bem ventilado, peças de carne, em geral bovina. Apesar do nome, não é exposta aos raios solares.